VOLUME 02 ISSN: 2764-7528

TEOLOGIA em revista

Revista de Teologia SALT - Faculdade Adventista do Paraná
Volume 02 I Número 02 I 2º Semestre 2022

FAP

Diretor Geral FAP:
Me. Gilberto Damasceno (IAP, Brasil)

Diretor Financeiro FAP:
Me. Juliano de Almeida (IAP, Brasil)

Diretor Acadêmico FAP:
Dr. Diego Alexandre Rozendo da Silva (FAP, Brasil)

Diretor SALT-FAP:
Me. João Luiz Marcon (FAP, Brasil)

Coordenador SALT-FAP:
Dr. Leonardo G. Nunes (FAP, Brasil)

Editores:
Ms. Felipe Masotti (FAP, Brasil)
Dr. Elmer A. Guzman (FAP, Brasil)

Editores Associados:
Ms. Thiago Cesar Frediani Sant'Ana (FAP, Brasil)
Ms. Poliana Fragatti Cristovam (FAP, Brasil)

Conselho Editorial:
Esp. Adilson Pavan (FAP, Brasil)
Dr. Márcio Donizeti da Costa (FAP, Brasil)
Dr. Elmer A. Guzman (FAP, Brasil)
Dr. Agenilton Marques Corrêa (FADBA, Brasil)
Dr. Silvano Barbosa dos Santos (UNASP, Brasil)
Dr. Marco Yañez Matamala (UNACH, Chile)
Ms. Carl Gunther Boskamp Ulloa (UAP, Argentina)
Dr. Roberto Pereyra (UAP, Argentina)
Dr. Daniel Plenc (UAP, Argentina)

Revisor:
Matheus Bernardo de Almeida Cardoso

Editoração Eletrônica/Diagramação:
Bless Comunicação

Imagens:
Shutterstock

Instituição Promotora:
Faculdade Adventista do Paraná
Gleba Paiçandu, Lote 80 – Zona Rural, Ivatuba/PR – 87130-000.

Endereço Eletrônico:
teologiaemrevista@educadventista.org.br

Direitos Legais:

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento. Sendo assim, está sob a Licença Creative Commons Attribution 4.0 (que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista), tendo cada artigo a representação dessa autorização através do seguinte selo:

T314 Teologia em Revista – Faculdade Adventista do Paraná, v. 3, n. 2 (Segundo semestre de 2022). Ivatuba: FAP Editora, 2022.

Semestral

eISSN: 2764-7528

1. Teologia. 2. Ciências da Religião. I. Título.

CDD 200
CDU 20

Ficha catalográfica elaborada por Poliana Fragatti Cristovam CRB 9/1727

SUMÁRIO

artigos

06 Editorial

08 DO ÊXODO DA IGREJA AO MONTE SIÃO: ESTUDO DA ADORAÇÃO ÉTICA EM APOCALIPSE 14
From the Church's Exodus to Mount Zion: A Study of Ethical Worship in Apocalypse 14
João Luiz Marcon

25 A IDENTIDADE DO OITAVO REI DE APOCALIPSE 17
The Identity of the Eighth King of Revelation 17
Elton Jr.

45 INTRODUCCIÓN A UNA TEOLOGÍA DEL LIDERAZGO PASTORAL
Introduction to a Theology of Pastoral Leadership
Walter Alaña H.

SUMÁRIO

artigos

57 A CONQUISTA DE JERICÓ SOB O OLHAR DA ARQUEOLOGIA E DA HISTÓRIA
The Conquest of Jericho Under the View of Archeology and History
Chandler Tiago dos S. Sant' Ana

68 JOHN WESLEY COMO EXEMPLO DE LIDERANÇA PARA OS PASTORES ADVENTISTAS DO SÉCULO 21
John Wesley as an Example of Leadership for Seventh-Day Adventist Pastors in 21st Century
Erico Tadeu Xavier I Leonardo Ferreira de Jesus

82 ENSINO RELIGIOSO PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR
Religious Education for Higher Education
Hebert Davi Liessi

TEOLOGIA em revista

ISSN 2764-7528

EDITORIAL

FELIPE MASOTTI[1]
ELMER A. GUZMAN[2]

O presente número de *Teologia em Revista* apresenta um projeto de *rebranding* do periódico, com novo *layout* e diagramação. Notadamente, as linhas gerais da arte da capa e os elementos internos da publicação buscam representar livros entrelaçados como elos de uma corrente. Essa é uma referência à interconexão e à continuidade entre o Antigo e o Novo Testamentos e visa expressar o foco da publicação em estudos acadêmicos dos diversos eixos teológicos. Ademais, este número comemora o recebimento do ISSN de *Teologia em Revista* e expressa o compromisso editorial de sua mantenedora com o desenvolvimento do periódico como uma plataforma de diálogo. O conteúdo desta edição oferece seis artigos ao leitor.

No artigo "Do êxodo da igreja ao monte Sião: estudo da adoração ética em Apocalipse 14", João Luiz Marcon aborda a adoração escatológica presente em Apocalipse 14 à luz de suas conexões com Êxodo 19-24. Marcon observa que as noções de adoração pactual e cerimonial presentes em Êxodo são evocadas em Apocalipse 14 para delinear a vindoura crise ético-pactual-escatológica. Existem duas características da adoração pactual ética que emergem de tais conexões: (1) os adoradores reconhecem Deus como Redentor e Criador; e (2) a adoração está fundamentada nos quatro primeiros mandamentos do Decálogo. De acordo com o autor, Apocalipse 14 contém um chamado divino de compromisso pactual ético e retorno à adoração nos moldes da aliança registrada em Êxodo. A relevância de tal conclusão está em demonstrar a estabilidade pactual e normativa do caráter de Deus no conflito escatológico do Apocalipse.

Elton Jr., em seu artigo "A identidade do oitavo rei de Apocalipse 17", se une à extensa discussão sobre a interpretação da intrigante figura do oitavo rei em Apocalipse 17. O autor aponta para a recapitulação da cena de Apocalipse 17:12-14 em 19:11-21, argumentando que, embora amplamente aceita por estudiosos da área, tal relação raramente é explorada interpretativamente. O autor busca demonstrar como o paralelo entre tais seções dentro do livro aponta para a identificação da figura do oitavo rei com o retorno da sétima cabeça da besta que emerge da água, sobrenaturalmente curada em Apocalipse 13:3 após ser ferida de morte.

[1] Doutorando em Exegese do Antigo Testamento (PhD., Andrews University). Professor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia – Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba – PR. E-mail: femasotti@yahoo.com.br.
[2] Doutor em Teologia (PhD., Andrews University). Professor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia – Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba – PR. E-mail: elmer.guzman@iap.org.br.

O rigor, as evidências e a concisão dos argumentos nesse estudo ampliam a discussão sobre a identificação do oitavo rei e buscam apresentar uma alternativa exegeticamente plausível para ela.

O terceiro artigo desta edição explora a metáfora bíblica do cuidado pastoral como padrão para o modelo bíblico de liderança. Em seu artigo, "Introducción a una teología del liderazgo pastoral", Walter Alaña sugere que essa metáfora é a imagem mais recorrente na Bíblia de uma liderança que pode ser qualificada como pastoral. O autor demonstra como a imagem do cuidado pastoral aponta a incumbência divinamente comunicada a seres humanos de cuidar do rebanho de Deus. Segundo Alaña, as três funções pastorais essenciais descritas na metáfora são alimentar, cuidar e conduzir o rebanho de Deus. O autor destaca que a insuficiência latente de seres humanos ao longo do texto das Escrituras não anula a instituição do modelo de liderança pastoral bíblico. Em realidade, ao se apresentar como o "bom pastor", Jesus teria se mostrado como o restaurador do ministério pastoral, movimento posteriormente ampliado nas palavras dos próprios apóstolos e através das funções exercidas por eles.

A discussão entre as escolas arqueológicas minimalista e maximalista sobre a relação entre a evidência arqueológica e a narrativa do livro de Josué sobre a conquista de Jericó é o foco do artigo de Chandler Tiago dos S. Sant'Ana. O artigo "A conquista de Jericó sob o olhar da arqueologia e da história" observa que a extensão e a complexidade da discussão acadêmica sobre a conquista apontam para a inconclusividade geral das evidências materiais. Contudo, a cena geral pintada pelos achados arqueológicos parece favorecer a historicidade da narrativa, ainda que conclusões finais dependam pesadamente dos pressupostos acadêmicos adjacentes às análises que compõem o debate.

Erico Tadeu Xavier e Leonardo Ferreira de Jesus são responsáveis pela composição do quinto artigo deste número de *Teologia em Revista*. No artigo "John Wesley como exemplo de liderança para os pastores adventistas do século 21", os autores destacam características e qualidades do ministério de Wesley que servem como padrão e motivação ao ministério adventista. Xavier e Jesus analisam os seguintes aspectos da vida do ministério de Wesley: liderança (educação, caráter, formação religiosa), prática teológica (arrependimento, fé, santificação), e legado (influência, pregação, escrita). Assim, segundo os autores, a vida e o ministério de John Wesley exemplificam a importância de uma liderança espiritual que ensina pelo exemplo e, portanto, são modelo e inspiração para pastores adventistas do século 21.

Por fim, o artigo "Ensino religioso para a educação superior" encerra o presente número de *Teologia em Revista*. Nele, Herbert Davi Liessi apresenta o resultado de seu projeto de reformulação curricular para as classes de Ensino Religioso nos cursos universitários da Faculdade Adventista da Bahia. A proposta de Liessi visa responder à tensão entre a crescente secularização do ambiente acadêmico brasileiro e a necessidade de instrução religiosa particular à cosmovisão adventista. O autor propõe uma reformulação focada na organização, fluidez, conexão temática e fundamentação bíblico-teológica do ensino religioso. Assim, tomando o curso de direito como base, o autor propõe a implementação de uma cadeia de disciplinas que se complementem, apresentando a cosmovisão adventista a partir de um engajamento mais próximo com a linguagem, temas e características particulares à contemporaneidade.

Boa leitura!

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 6-7, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

TEOLOGIA em revista

ISSN 2764-7528

DO ÊXODO DA IGREJA AO MONTE SIÃO: ESTUDO DA ADORAÇÃO ÉTICA EM APOCALIPSE 14

JOÃO LUIZ MARCON[1]

Resumo: Durantes décadas os adventistas do sétimo dia têm proposto em sua escatologia que a crise final, precursora da segunda vinda de Cristo a este mundo, envolverá o tema da adoração a Deus ou à criatura. Desta forma, pesquisas têm sido realizadas nas quais se observa a existência de relações literárias, temáticas e teológicas, ecos, tipologias e símbolos entre Êxodo 19-24 e Apocalipse 11:19-16:21. Portanto, o tema do Êxodo também fornece auxílio para a compreensão do assunto da crise da adoração escatológica. O objetivo deste artigo é definir a adoração ética de Apocalipse 14 no contexto Êxodo-Sião de Apocalipse 11:19-16:21. Observou-se que os sacerdotes apocalípticos praticam a adoração pactual, a qual está fundamentada na ética do pacto de Êxodo 20. Logo, a expressão "os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus" (Ap 14:12) indica uma adoração que, antes de ser cúltica ou ritualística, manifesta-se por meio de submissão, perseverança, obediência e fidelidade ao Criador-Redentor e uma vida irrepreensível.

Palavras-chaves: Êxodo; Sião; Adoração; Mandamentos; Ética.

FROM THE CHURCH'S EXODUS TO MOUNT ZION: A STUDY OF ETHICAL WORSHIP IN APOCALYPSE 14

Abstract: For decades Seventh-day Adventists have proposed in their eschatology that the final crisis, foreshadowing the second coming of Christ into this world, will involve the theme of worship of God or the creature. In this way, research have been carried out where the existence of literary, thematic

[1] Mestre em Teologia (Faculdades EST, São Leopoldo-RS) e doutorando em Teologia (Universidade Adventista del Plata, Argentina). Diretor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia – Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba – PR. E-mail: joao.marcon7@gmail.com.

and theological relationships, echoes, typologies and symbols between Exodus 19–24 and Revelation 11:19–16:21 can be observed. Therefore, the theme of Exodus also provides help for understanding the subject of the crisis of eschatological worship. The purpose of this article is to define the ethical worship of Revelation 14 in the Exodus-Zion context of Revelation 11:19–16:21. It has been observed that apocalyptic priests practice covenant worship which is grounded in the covenant ethics of Exodus 20. Then the expression "those who keep the commandments of God and have the faith of Jesus" (Rev 14:12) indicates a worship that, before being cultic or ritualistic, is manifested through submission, perseverance, obedience and fidelity to the creator-redeemer and an irreproachable life.

Keywords: Exodus; Zion; Worship; Commandments; Ethics.

1. Introdução

O tema das três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-13[2] tem sido, desde os primórdios do adventismo, um ponto unificador das doutrinas da denominação, de identidade de sua origem e função profética, e sua missão ao mundo contemporâneo para preparar um povo para o encontro com o Senhor Jesus Cristo (TIMM, 1999, 277-284). Por mais que um significativo número de estudos já tenham sido feitos e contribuam para elucidar o capítulo, ao reestudar é possível encontrar temas que podem colaborar para a compreensão e fortalecimento do posicionamento dos adventistas.

A presente pesquisa tem como problemática: qual é a definição de adoração ética em Apocalipse 14 e suas implicações para o destino da humanidade? O objetivo do estudo é definir a adoração ética de Apocalipse 14 no contexto Êxodo-Sião de Apocalipse 11:19-15:4 e suas implicações para o futuro dos seres humanos. Sob a perspectiva adventista do sétimo dia, a metodologia empregada é uma análise do texto bíblico com pesquisa bibliográfica, sendo dividido em quatro partes: (1) estudo da tipologia do Êxodo-Sião de Israel em Apocalipse 11:19-16-21; (2) o que é adoração pactual; (3) definição e características da adoração ética de Apocalipse 14; e (4) as implicações da falsa e da verdadeira adoração em Apocalipse 14.

O estudo se delimita ao objetivo proposto, que é definir a adoração pactual ética de Apocalipse 14, apresentando também as consequências das escolhas entre ela e a falsa adoração. Para que essa definição seja estabelecida, o objeto de análise são os textos de Êxodo 19-24 e Apocalipse 11:19-15:4, nos quais se observa a presença de ecos e símbolos, bem como as relações literárias, tipológicas, temáticas e teológicas com o tema. Ao se definir os textos para estudo, não se pretende, deste modo, negligenciar as demais passagens bíblicas elucidadoras sobre o assunto e que se encontram em outros livros das Escrituras. Por isso, esses versos bíblicos são usados simplesmente para clarificar o que está sendo proposto. Aqui é importante destacar que a pesquisa não pretende definir o que é adoração como ato litúrgico nem mesmo definir o conceito mais amplo de adoração bíblica. A menção da adoração litúrgica é feita apenas para distinguir do propósito do estudo.

A justificação do estudo deve-se ao fato de que, segundo o Apocalipse, há um contexto de apostasia religiosa universal no fim dos tempos e Deus está fazendo um convite divino de salvação eterna a todos os habitantes da Terra. A resposta ao convite de salvação é a adoração pactual ética. Por esse motivo, compreender e vivenciar o conceito fundamental de adoração de Apocalipse 14 contribui para que cada ser humano aceite ou não a advertência e o convite divinos de salvação ou a sentença final de perdição. Como envolve vida eterna ou a morte eterna, tal definição e aquiescência

[2] Salvo quando informado outra fonte, todos os textos bíblicos escritos neste estudo são da **Bíblia de Estudo Almeida:** Almeida Revista e Atualizada.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 8-24, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-1
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

à adoração pactual ética é essencial para a experiência ética na vida cristã presente e futura, seja ela individual ou comunitária.

2. O Tema do Êxodo-Sião em Apocalipse 11:19-16:21

O estudo da tipologia do Êxodo nas Escrituras foi abordada pelos seguintes pesquisadores, entre outros: 1) Friedbert Ninow (1962), que afirmou que ela está vinculada com a teologia veterotestamentária; 2) Robert Houston Smith (1962), que analisou a tipologia do Êxodo nos quarto evangelhos; 3) Augustine Stock (1969), que pesquisou o tema tanto no Antigo como no Novo Testamento; 4) J. S. Casey (1981), que mostrou que o tema do Êxodo está presente na literatura religiosa judaica e cristã como o Antigo Testamento, os apócrifos, os pseudoepígrafos, os manuscritos de Qumran, a literatura rabínica e em quase todos os livros do Novo Testamento, principalmente o Apocalipse.

O artigo do teólogo adventista Laslo Gallus (2016, p. 156-186) é esclarecedor sobre o tema e trata do Êxodo em Apocalipse 15-16. Ele declara que a "tradição do Êxodo consiste em vários componentes temáticos: livramento, juízo, aliança, presença do Libertador e conquista/herança" (GALLUS, 2016, p. 179). O autor mostra como esses e outros elementos estão presentes nos capítulos 15 a 16 de Apocalipse, portanto, fazendo da experiência do Êxodo israelita uma tipologia da libertação final e da vitória do povo que abraça a aliança (GALLUS, 2016, p. 166-168).

Na mesma direção do tema do Êxodo no Apocalipse, tem-se o ensaio de David S. Gifford (2018, p. 8), que exibe o tema do Êxodo em Apocalipse 12 com a presença de elementos do evangelho em Apocalipse 12:1-5 tais como: o filho da promessa, a mulher grávida, a tentativa de matar o menino e o conflito entre o bem e o mal, elementos estes que também aparecem na história do Êxodo. Segundo o autor, o destaque do capítulo 12 é o tema do Êxodo, no sentido de que o Êxodo de Israel do Egito e os símbolos em Apocalipse 12 são basicamente fundamentados e prenunciados nas Escrituras.

Gifford (2018, p. 9), diz que:

> Embora outros ecos estejam presentes no texto, o Êxodo de Israel do Egito é o principal motivo para entender Apocalipse 12. Apocalipse 11:19, uma ponte entre os capítulos 11 e 12, ecoa a presença de Deus no monte Sinai e mostra sua intenção de honrar e fazer cumprir sua aliança. Esse versículo é a terceira de quatro tempestades semelhantes ao Sinai no Apocalipse (cf. Ap 4:5, 8:5, 16:18). Cada um cresce progressivamente mais forte; apenas os últimos rivalizam com a exibição em Êxodo 19:16-20, onde "no fogo [...] o SENHOR desceu no monte Sinai". A abertura das portas do templo sem ação angélica sugere a autorevelação deliberada de Deus. A arca da aliança, que contém os Dez Mandamentos, é um símbolo do trono de Deus e sugere sua presença (1Rs 8:9; 1Sm 4:4).

É importante para esse estudo o que foi apresentado por Gifford, pois esses "ecos" do Êxodo em Apocalipse 12, que reverberam no capítulo 14, indicam um paradigma da libertação da saída de Israel pela ação de Deus. No Sinai, Deus conduz seu povo a uma relação pactual que envolve o culto a YHWH (יְהוָה) e é quando o próprio Deus entrega suas leis de vida e liberdade. Gifford (2018, p. 9) continua ao afirmar que:

> Antes que a mulher e seu filho sejam expostos e ameaçados publicamente no próximo capítulo, Deus revela seu próprio Santo dos Santos e os sinais de sua aliança eterna (Is 54:5; 1Rs 5:6). O propósito de Deus na exibição de tempestades sobre o Sinai era causar "medo" para que as pessoas "não pecassem" (Êx 20:20). O evangelho eterno descrito no Apocalipse também inclui o mandamento: "Temei a Deus!" (Ap 14:6-7). Assim, Apocalipse 11:19 ecoa a presença de Deus no monte Sinai, a primeira parada de Israel após o Êxodo, e mostra a intenção de Deus de honrar e fazer cumprir sua aliança.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 8-24, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-1
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

Pode-se dizer que, à semelhança do monte Sinai, diversos textos do Apocalipse (4:5; 8:5; 11:19; 16:18) contêm manifestações do poder divino que revelam não só a presença divina, com também seu pacto por meio da arca da aliança. O objetivo dessa revelação é claro: levar as pessoas a "temer" a Deus segundo o evangelho eterno e a garantia de Deus do cumprimento de suas promessas a todos que abraçam a redenção em Cristo. Dentre as promessas do novo pacto está a própria presença de Cristo no meio de seu povo (Ap 14:1-5; cf. 1:13-20; a presença divina; cf. Êx 25:8), a vitória final e permanente aos redimidos (Ap 15:1-4; 17:14; 19:1-8; a vitória sobre os inimigos; cf. Êx 23:27-30) e a herança do novo mundo recriado (Ap 21:1-7; herança da terra; cf. Êx 23:31).

Com isso em mente, segundo Ladd (1992, p. 140), a visão de Apocalipse 14:1-5 é "proléptica", retratando "o destino do povo de Deus que foi preservado durante a grande tribulação, mas que tinha sido vítima da cólera da besta". Portanto, João "os vê no Reino messiânico", e Sião representa a vitória e o recebimento do Reino. Entretanto, na teologia cristã apostólica, o monte Sião celestial também é considerado o novo Sinai do Novo Testamento (WALL, 1991). É ali onde está a cidade construída por Deus, a nova Jerusalém. Nesta Sião está o santuário de YHWH no qual o cristão, no presente momento, já pode se aproximar de Deus para adorá-lo por meio do sacrifício e da mediação do Filho de Deus (Hb 12; 1:3; 4:13-16; 6:18-20; 7:22-25; 9:11-14, 23-28; 10:12, 19-22; 11:10, 16; 12:2). O monte é a antecipação do mundo e do reino vindouros dos quais o cristão é cidadão (Gl 4:21-31).

Por último, Apocalipse 11:19-16:21 contém ecos, alusões e reverberação do Êxodo hebreu, como encontrado no livro de Êxodo, porém, por mais que se utilize da menção de personagens e elementos do Êxodo, a sequência dos fatos no Apocalipse não seque a sequência da saída dos israelitas do Egito (GALLUS, 2016, p. 166). Desta forma, João quer mostrar que há um Êxodo eclesiológico e, além disso, um Êxodo final, isto é, escatológico.

3. O que é Adoração Pactual?

Como visto pelos pesquisadores mencionados anteriormente, existe uma relação entre os textos de Apocalipse 11:19-16:21 e o Êxodo israelita, porém, para este estudo específico, converge-se para Apocalipse 14 e Êxodo 19-24. O artigo de William H. Shea (2016, p. 209) apresenta os paralelos literários e teológicos entre Apocalipse 14-15 e Êxodo 19-24, especificamente aqui a relação entre Êxodo 19 e Apocalipse 14:1-5, conforme é observado no Quadro 1:

Quadro 1: Relação entre Êxodo 19 e Apocalipse 14:1-5.

Êxodo 19	Apocalipse 14:1-5
1. Localização: monte Sinai (v. 2)	1. Localização: monte Sião (v. 1)
2. Localização: no pé do monte (v. 23)	2. Localização: sobre o monte (v. 1)
3. Pessoas presentes: 12 tribos israelitas (v. 1, 3, 6)	3. Pessoas presentes: os 144 mil, vindos das 12 tribos de Israel (v. 1).
4. Uma voz do céu: trovão e um instrumento musical – a trombeta (v. 16)	4. Uma voz do céu: trovões e instrumentos musicais – harpas (v. 2)
5. Origem do povo – resgado do Egito (v. 4)	5. Origem do povo – remido da terra (v. 3)
6. Pureza do povo: "não se aproximar de uma mulher" (v. 15)	6. Pureza do povo: "não se contaminaram com mulheres" (v. 4)
7. Pureza do povo: Moisés consagra o povo e eles "lavaram suas vestes" (v. 13)	7. Pureza do povo: "eles são sem mácula" (v. 5)
8. Palavras do povo: "Tudo o que o Senhor falou, nós faremos" (v. 8).	8. Palavras do povo: "não se achou mentira na sua boca" (v. 5) (*sic*)

Fonte: Shea (2016, p. 212).

Ao analisar a comparação entre os textos, é válido refletir em Êxodo 19, porque é a passagem bíblica que fala sobre o estabelecimento da aliança entre Deus e Israel junto ao monte Sinai após a saída do Egito. No entanto, é importante ressaltar que Apocalipse 12 apresenta um novo Êxodo do redimido povo messiânico de YHWH. Os integrantes desse povo, por suas características, assim como Israel, também constitui um "reino e sacerdotes" de Deus para servi-lo (Ap 1:5; cf. 5:10; 7:9-17; cf. Êx 19:5-6). Em vez de estarem no pé do monte, os 144 mil estão no cimo do monte Sião para receber as leis divinas do pacto (Ap 14:1; cf. Êx 19:16-23; 20:1-2). Há uma aliança entre Deus e a igreja, seu Israel. Ampliando tal compreensão, em outro quadro do mesmo artigo, o Quadro 2 exibe uma relação entre as leis do pacto sinaítico e o pacto apocalíptico:

Quadro 2: Relação entre o pacto sinaítico e o pacto apocalíptico

Êxodo 20:1-17	Apocalipse 14:6-11
Dez Mandamentos: lei apodítica [exemplo:] "Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra" (Êx 20:3-4).	**Mensagem do primeiro anjo: lei apodítica** "Temei a Deus e dai-lhe glória [...] e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas" (Ap 14:7).
Êxodo 20:11-20: interlúdio histórico "Todo o povo presenciou os trovões, e os relâmpagos, e o clangor da trombeta, e o monte fumegante; e o povo, observando, se estremeceu e ficou de longe. Disseram a Moisés: Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos" (Êx 20:18-21).	**Mensagem do segundo anjo: interlúdio histórico** "Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição" (v. 8).
Código da Aliança: lei casuística [Exemplo explicando o oitavo mandamento:] "Se um homem entrega ao seu próximo dinheiro ou bens para guardar e é roubado fora da casa do homem, então, se o ladrão for encontrado, [então] ele pagará o dobro" (Êx 22:7).	**Mensagem do terceiro anjo: lei casuística** "Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na fronte ou sobre a mão, [então] também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice de sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro" (Ap 14:9-10).

Fonte: Shea (2016, p. 212).

O autor argumenta que há dois tipos de lei na aliança sinaítica: 1) Lei apodítica, ou seja, "mandamentos [...] que começam com faça ou não faça". Em outras palavras, "são mandamentos diretos, geralmente aplicáveis, dizendo aos israelitas os tipos de coisas que devem fazer para cumprir sua parte da aliança com Deus". Um exemplo de leis apodíticas são os mandamentos do Decálogo (FEE; STUART, 1997, p. 142). 2) Lei casuística ou de jurisprudência representa que "os elementos numa lei são condicionais" e "tais leis se aplicam [...] à vida civil, religiosa, e ética de Israel". Elas "são, por sua própria natureza, limitadas na sua aplicabilidade". Ou seja, tem-se a partícula "se", que indica condicionalidade ou a aplicação caso a caso (FEE; STUART, 1997, p. 144-145). O articulista vê a presença tanto de leis apodíticas como casuística em Apocalipse 14:6-9, evidenciando, então, o estabelecimento da aliança Deus-igreja.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 8-24, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-1
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

3.1. O Fundamento da Adoração Pactual

Após esse *background* para compreender a adoração pactual em Apocalipse 14, é necessário voltar-se aos capítulos 20 a 24 de Êxodo, que contêm a primeira definição explícita do seu significado. Para Rocha (1998, p. 26-31), os primeiros quatro mandamentos do Decálogo são o fundamento da adoração e da ética do cristão. O primeiro mandamento inicia justamente como a menção de YHWH como sendo o salvador de Israel quando declara que "eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim" (Êx 20:2-3).

Já o quarto mandamento declara que ele é o Criador quando alude ao sétimo dia da semana como sendo o sábado a ser santificado em memória das suas ações criadoras em seis dias: "Porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou" (Êx 20:8, 11). Na adoração a YHWH, o sábado, além de ser o dia que aponta para o restabelecimento do pacto edênico (Êx 20:8-11), desempenha um papel importante no pacto sinaítico, porque ele faz esquecer os falsos deuses (Êx 23:12-13) e é "sinal" ou "marca" da aliança entre o verdadeiro Deus e Israel (Êx 31:13-18). Assim, segundo LaRondelle (2016, p. 7-15), a redenção de YHWH visa levar a humanidade ao retorno da relação pactual como na criação do mundo (Ap 14:6-7; cf. Gn 1-2).

A demonstração da adoração pactual em Êxodo 19-24 é explicada pelo próprio Deus quando apresenta a maneira pela qual deve ser a adoração e o culto a ele. Isso quer dizer que, além das orientações iniciais do primeiro e do quarto mandamentos sobre o tema, também a adoração pactual é por meio do segundo e do terceiro mandamentos. O segundo mandamento diz como deve ser a adoração e o culto ao se referir o ato de reverenciar, prostrar-se, prestar homenagem. O verbo hebraico empregado para expressar essas ações cúlticas é *ṯištaḥweh* (תִּשְׁתַּחֲוֶה; raiz: חוה) (YAMAUCHI, 1998, p. 434-640). O mandamento estabelece que somente Deus deve ser adorado e a reverência deve ser sem a presença de nenhuma imagem de escultura diante do adorador (Êx 20:4-5, 22-23; 23:24-25).

O mesmo mandamento usa outra palavra importante, que foi traduzida por "cultuar" ou "servir" (Êx 20:4), *ṯā'ābəḏêm* (תָּעָבְדֵם; raiz: עבד). O sentido desse termo, quando relacionado a Deus ou a qualquer divindade, é fazer um serviço de adoração ou um serviço litúrgico (KAISER, 1998, p. 1.065-1.068). O segundo mandamento diz que o motivo pelo qual YHWH deve ser adorado é ser ele o Deus do pacto (Êx 20:5-6). Já o terceiro mandamento aborda que adoração e culto envolverem também reverência ao nome de YHWH e de forma alguma a invocação do nome de falsos deuses (Êx 20:7; 23:13). O Deus do pacto é quem julga a irreverência do seu nome porque este expressa seu caráter santo, amoroso, justo e fiel (NEUFELD, 2017, p. 350-352).

Por isso, a adoração pactual em Êxodo é descrita como: 1) adoração unicamente a Deus por ele ter redimido a Israel; 2) a devoção e o culto somente a YHWH, porque ele é o Deus do pacto; 3) o respeito ao nome de YHWH, o Juiz, porque por meio do seu nome se estabelece o pacto e a adoração por invocá-lo; 4) adoração a Deus por meio da santificação do sábado porque ele é o sinal da aliança entre *YHWH*, o criador, e Israel, o seu povo criado e redimido.

3.2. O Cerimonial da Adoração Pactual

O ponto culminante do estabelecimento da aliança é o cerimonial cúltico da aliança em Êxodo 24:1-18. Nesse texto a adoração pactual se revela também na sua forma litúrgica. Alguns dos elementos presentes no culto pactual são os seguintes: Deus, o livro da aliança, o sangue derramado, o mediador Moisés e a refeição pactual de paz dos setenta anciões na presença de YHWH. Isso será

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 8-24, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-1
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

reverberado em Apocalipse 4-5, 14:1-5 e 15:2-4, em que há os mesmos elementos presentes no livro do Êxodo: Deus, livro da aliança, mediador Jesus Cristo, sangue derramado, anciãos e adoração festiva do povo ao redor do trono.

Na relação tipológica entre os livros, Jesus é o Moisés escatológico do livro de Apocalipse e é por intermédio dele que se estabelece a nova aliança entre Deus e o seu Israel, a igreja, formada de judeus e gentios crentes (Ap 5). Apocalipse 5:9-11 declara que a redenção foi por meio do sangue remidor do Cordeiro, e, no decorrer do livro, a menção ao Cordeiro sempre evocará o preço pago para libertar o seu povo e o estabelecimento da nova aliança no seu sangue (STEFANOVIC, 2002, p. 205-211; ver Mt 26:26-28; Mc 14:22-26; Lc 22:14-20; 1Co 11:23-25).

Além disso, segundo a teologia bíblica neotestamentária, Cristo é o Cordeiro e o mediador diante de Deus no santuário celestial (ver Hb 1:2-3; 6:18-20; 8-10; 12:24) e é ele quem toma o livro da aliança do lado do trono de Deus (STEFANOVIC, 2002, p.454; cf. Ap 5:7-8). Com isso, Apocalipse 5 e 14 descreve uma adoração e culto pactual a Deus e ao Cordeiro pelo fato de que a Divindade restabeleceu a relação com a humanidade, que abraça a aliança eterna do Pai e do Filho em prol da raça perdida (WHITE, 2003, p. 42-51). Ampliando-se os conceitos vistos, pode-se entender que os israelitas neotestamentários, redimidos pelo sangue da nova aliança, estão com Deus e o Filho no monte Sião (Ap 14:1-5) para receber os mandamentos da aliança de Deus, as cláusulas do pacto (Ap 14:6-12).

O que é visto até aqui diz respeito à existência de uma adoração pactual tanto pelas clausulas da aliança como no seu cerimonial. Entretanto, o texto de Êxodo 23:24, 32-33 contribui para trazer que além da existência do pacto entre YHWH e Israel, pode também haver o pacto entre falsos deuses-Israel:

> Não adorarás os seus deuses, nem lhes darás culto, nem farás conforme suas obras. [...] Não farás alianças nenhuma com eles [as nações cananitas], nem [aliança] com os seus deuses. Eles não habitarão na tua terra, para que não te façam pecar contra mim; se servires aos seus deuses, isto te será por cilada (Êx 23:24, 33).

Esses versos associam adoração e culto com aliança; neste caso, Deus diz que participar de uma adoração ou culto a falsos deuses ou obedecer a suas ordens e práticas é entrar em uma relação de aliança com eles. Com esse pensamento se verá como a adoração pactual é ética em Apocalipse 14.

4. Definição e Características da Adoração Ética de Apocalipse 14

Ao se referir ao conteúdo do livro de Apocalipse, Osborne (2014, p.16) afirma que "a apocalíptica é essencialmente de natureza ética e exige fidelidade do povo de Deus". A adoração pactual de Apocalipse 14 é ética porque inicia revelando a adoração e a vida impoluta dos 144 mil no monte Sião. Ela é descrita com características que envolvem princípios bíblicos que fazem parte dos Dez Mandamentos. O texto afirma:

> Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo na fronte escrito o seu nome e o nome de seu Pai. Ouvi uma voz do céu como voz de muitas águas, como voz de grande trovão; também a voz que ouvi era como de harpistas quando tangem a sua harpa. Entoavam novo cântico diante do trono, diante dos quatro seres viventes e dos anciãos. E ninguém pôde aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra. São estes os que não se macularam com mulheres, porque são castos. São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá. São os que foram

> redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro; e não se achou mentira na sua boca; não têm mácula.
> Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois e chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas. [...] Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus (Ap 14:1-7, 12).

A princípio, a definição de adoração ética deve ser compreendida dentro do próprio contexto do capítulo. Apocalipse 14:1-5 diz que "144 mil" féis estão junto ao monte Sião; eles são aqueles que foram "redimidos dentre os homens", "primícias para Deus e o Cordeiro", "são os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá", "eles são castos", em quem "não se achou mentira em sua boca" e "não têm mácula". Tais redimidos estão adorando a Deus ao entoar um "novo cântico diante do trono" pela obra salvadora de Jesus Cristo (Ap 14:1-5; cf. 5:9-14; 7:14-17). Em seu contexto, indica que são eles que perseveram em guardar "os mandamentos de Deus e a fé de Jesus" (Ap 14:12).

Esses textos apresentam uma definição de adoração ética: 1) Uma verdadeira adoração pactual é ética por reconhecer a Deus como Redentor e Criador graças ao evangelho eterno da salvação em Jesus Cristo. 2) Ela também é ética por estar fundamentada nos quatro primeiros mandamentos da lei de Deus, sendo, então, uma resposta de perseverança, obediência e fidelidade. Analisam-se agora essas duas declarações sobre a definição e características da adoração ética.

4.1. A Primeira Característica da Adoração Pactual Ética de Apocalipse 14

A primeira característica da adoração pactual é ética por reconhecer a Deus como seu Redentor e Criador por meio da graça de Deus. Para a Bíblia, em especial o caso do Apocalipse, o *euangélion aiōnion* (*εὐαγγέλιον αἰώνιον* = evangelho eterno) de Deus é que oferece a justiça de Jesus Cristo para a salvação dos pecadores. Essa justiça envolve os méritos de sua vida e sacrifício perfeitos oferecidos a Deus em lugar do condenado culpado. A oferta de Cristo satisfaz a justiça punitiva divina por ser uma oferta vicária, expiatória e penal (Rm 3:21-26; 4:25; 5:1, 8-9; 6:6, 23; 8:1-4; 2Co 5:21; Gl 2:15-16; 3:13-14; Ef 2:4-9, 13; Hb 1:2-3; 5:8; 9:11-14, 26-28; 10:5-15, 17; 1Pe 2:24-25; 1Jo 2:2; Ap 1:5; 5:9-10). Jesus é o cordeiro perfeito, como representado no Antigo Testamento (Êx 29:1; Lv 5:15, 18; 6:6; 9:2-3 etc.), que agora se encontra em frente ao trono de Deus como sumo sacerdote para aplicar a sua justiça ao que crê (Ap 3:20; 5:5-6, 9-10; 8:3-5; cf. Hb 7-8). Ele está diante do trono divino onde está a arca da aliança que contém os Dez Mandamentos do pacto sinaítico (Ap 11:15-19; cf. Êx 24:12; 25:21-22; 31:18; Dt 10:1-5). Desta forma, a justiça salvífica do evangelho eterno é simbolizada pelas vestes de salvação (Ap 7:14-15) e implica que o crente é justificado e santificado por meio da fé em Cristo (MARCON, 2019, p. 80-85).

Semelhantemente ao paradigma do êxodo israelita, são as boas-novas da salvação em Cristo que trazem os seres humanos a uma relação pactual com Deus. como no princípio da criação do mundo (Hb 8:8-13; 10:12-18; Ap 14:7; 21:3-7; 22:4, 9). E assim como os israelitas foram chamados a ser um reino de sacerdotes após a libertação pelo sangue do cordeiro pascoal (Êx 19:5-6), os cristãos são reino e sacerdotes de Deus por estarem revestidos das vestes da justiça de Cristo. Isso significa que é a justiça de Cristo que investe e habilita o crente a ser um adorador da Trindade. Eles servem a Deus por meio de um serviço cúltico, demonstrando estar em íntima relação pactual com Deus. (Ap 1:5-6; 5:9-14; 7:14-15; 14:1-5; 15:1-4; 19:5-8) (MARCON, 2019, p. 80-85).

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 8-24, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-1
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

Diante da graça do amor divino (Ap 1:5-6; cf. Jo 3:16), há uma resposta de perseverança (*ὑπομονὴ/hypomonē*) por parte dos cristãos. Essa perseverança consiste em guardar (*οἱ τηροῦντες/hoi tērountes* = "aqueles que guardam") "os mandamentos de Deus" (*τὰς ἐντολὰς τοῦ θεοῦ/tas entolas tou Theou*) e "a fé em Jesus" (*τὴν πίστιν Ἰησοῦ/tēn pístin Iēsou*) (Ap 14:12). Segundo Friberg (2000), o ato de guardar implica em "preservar para um propósito ou até um momento adequado". O sentido do "propósito", aqui, depende do restante do verso; neste caso é a resposta à graça e à fidelidade aos "mandamentos de Deus e [à] fé de Jesus".

Em relação ao evangelho eterno, o guardar "a fé de Jesus" *(τὴν πίστιν Ἰησοῦ/tēn pístin Iēsou*), no genitivo, de acordo com Kistemaker (2014, 537-538), pode ser traduzida de três formas: 1) fé em Jesus, "interpretado subjetivamente como a fé de uma pessoa em Jesus Cristo"; 2) fé de Jesus, "fé objetiva é recitar um credo cristão no culto ou fazer uma defesa do evangelho"; 3) fiel a Jesus, "fé que demonstra lealdade dedicada é uma fé objetiva em ação" (Rm 10:6-13; 1Tm 6:2; 2Tm 4:7; Tt 1:1; Hb 13:15; 1Pe 3:14-18; Ap 5:9-10, 12-14).

Essa concepção tripla da "fé em/de Jesus" tem sua razão de ser. Kistemaker (2014, p. 537-538) e Osborne (2014, p. 608-611) vão na direção de que a fé em Apocalipse 14:12 é uma referência à fidelidade a Jesus. Sendo assim, a "fé de Jesus" está presente no restante do livro de Apocalipse (Ap 2:13, 19; 13:10); é a sua contraparte do adjetivo *pistós* (*πιστός*), fiel (Ap 1:5; 2:10, 13; 3:14; 17:14; 19:11; 21:5; 22:6). Já Stefanovic (2002, p. 454) amplia ao dizer que o significado da expressão é que os "santos" mantêm "uma fé viva em Jesus, o que os capacita a obedecer e os sustenta sob as severas pressões de perseguições por causa da sua lealdade a Cristo". Também a "fé em Jesus" pode se referir ao "conteúdo doutrinário da fé cristã" (Jd 3; Ef 4:13) quando se toma *pístin tereîn* (pistin threi/n); "guardar a fé" como "uma expressão grega comum para a preservação da lealdade ou da devoção" ao conteúdo doutrinário nos tempos do Novo Testamento (OSBORNE, 2014, p. 609).

Considerando o *background* do pensamento hebraico do autor e o contexto geral do livro, pode-se entender que os conceitos expostos se complementam. Além do mais, considerando que a "fé em Jesus" está em contraste com a adoração à besta e à sua imagem, a perseverança (*ὑπομονή/ hypomoné)* dos santos em guardar a "fé em Jesus" revela um ato também de adoração a Deus. O motivo é que a "perseverança dos santos" encontra seu "propósito" no guardar "a fé de Jesus" nas três possíveis definições e suas aparições no Novo Testamento. A "fé em/de Jesus": 1) é um ato de adoração pela obediência ao mais básico mandamento da fé cristã, ordenado pelo Pai, isto é, o prosélito e o cristão crerem em seu Filho como Salvador pessoal e receberem a justiça de Cristo (Jo 3:16; Jo 6:40; 14:15; 1Jo 3:23; cf. Rm 3:22, 24-26); 2) é adoração porque em cada culto cristão havia a profissão pública de fé em Cristo e nas suas doutrinas e ensinos, na forma de credo, orações, batismo, santa ceia e cânticos (HURTADO, 2011, p. 16-17, 81-117; cf. At 16:31; Rm 10:5-15; Hb 13:10-16; Ap 5:9-14); 3) por fim, é um ato de adoração porque o leal testemunho cristão diante dos descrentes e autoridades políticas ou militares, expondo-se às vezes ao martírio, é comparado como uma oferta de adoração a Deus (Rm 12:1-2; 2Co 2:16; 2Tm 4:6; Ap 6:9-11; 14:13).

4.2. A Segunda Característica da Adoração Ética de Apocalipse 14

Na segunda característica, a verdadeira adoração pactual é ética por ser ela fundamentada na nos quatro primeiros mandamentos do Decálogo. Ela é uma resposta de perseverança que envolve obediência e fidelidade. Essa resposta contempla o uso de *proskunéo* (*προσκυνέω*) de Apocalipse 14:7, em que há uma relação com o evangelho eterno, os mandamentos de Deus e a fé de Jesus (Ap 14:12).

Assim como há uma ênfase no Apocalipse nas ações de adoração dos anjos, anciãos e sacerdotes de Deus, a princípio, *proskunéo* (*προσκυνέω*) tem um sentido cúltico ou litúrgico.

Pode-se entender isso pela definição que Schönweiss e Brown apresentam (2000, v. 2, p. 1.455-1.456) ao definir que *proskunéo* (*προσκυνέω*) é um dos principais verbos usados tanto no Antigo Testamento (LXX) como no Novo Testamento para ser referir ao ato de prostra-se ou reverenciar. O verbo *proskuneîn* (*προskunein*), na sua forma infinitiva, significa adorar, prestar homenagem a, prostrar-se para reverenciar ou cultuar e ainda pode ser entendido como prestar um serviço cúltico. Quando *proskuneîn* (*προskunein*) é empregado de modo absoluto, significa "participar do culto público", "proferir orações"; "logo, no Apocalipse, *proskunéo* (*προσκυνέω*) chega a denotar uma espécie específica de oração: a adoração". Os autores afirmam que *proskunéo* (*προσκυνέω*), em "seus aspectos característicos, chega à expressão nos vários hinos de adoração que se acham ao longo do Apocalipse (4:8-11; 5:8-11, 12-14; 7:10-12; 11:15-18; 12:10-11; 15:3-4; 16:5-7; 19:1-7)" (SCHÖNWEISS; BROWN, 2000, v. 2, p. 1.457).

Nesses textos encontra-se que a adoração "se dirige ao próprio Deus" e/ou "a Jesus Cristo", ocupando-se "com seu divino ser [...] e com suas obras num contexto de alcance mundial" como: 1) a criação (4:8-11); 2) a soberania (15:3-4; 16:6-7); 3) a redenção (5:8-10); 4) a consumação (11:15-18). Esses hinos utilizam-se de "linguagem" e "ideias" que sempre "se renovam" "e que constantemente descobrem novos títulos de dignidade para aplicar no louvor a Deus, aplicando a ele os mais exaltados méritos e títulos" da seguinte forma: "eternidade, onipotência, honra, sabedoria, santidade, poder etc." Concluem os autores que o objetivo, "em uma tentativa trôpega", é o "de confessar o seu nome" e "frequentemente, esse louvor toma a forma da aclamação real: 'Digno és tu!' (Ap 4:11; 5:9, 12), 'Salvação!'" (SCHÖNWEISS; BROWN, 2000, v. 2, p. 1.457).

Contudo, é importante ressaltar que o verbo *proskunéo* (*προσκυνέω*) na LXX, em sua relação como adoração pactual, tem como um dos seus correspondentes hebraicos *shaḥah* (*הִשְׁתַּחֲוָה = שָׁחָה*) que está presente em Êxodo 20:5. Levando-se em consideração o que foi apresentado até agora, segundo Schönweiss e Brown (2000, v. 2, p. 1.457), por mais que *proskunéo* (*προσκυνέω*) mantenha o seu sentido físico de "curvar-se", "não obstante", "esse ato se entenda como o 'curvar-se diante da vontade do Altíssimo' (cf. Êx 12:27-28)".

Não há dúvida de que o livro de Apocalipse dá grande ênfase à adoração cúltica como um todo. Contudo, após confirmar a existência de uma relação entre Êxodo 19-24 e Apocalipse 11:19-16:21, observa-se que a adoração pactual, antes de ser primeiramente litúrgica, é fundamentalmente ética. Ao escrever sobre a importância de Apocalipse 14:12 em sua relação com a ética do livro, Osborne (2014, p. 568) diz que:

> Temos nessa passagem três mandatos éticos fundamentais: perseverança, obediência e fidelidade. Diante do terrível desfecho para aqueles que não forem fiéis a Jesus, os que nele creem têm todos os motivos para se manterem fiéis! A passagem sobre punição é enquadrada por ênfases éticas, pois, em 14:4-5, os santos vencem porque "não se contaminaram", mas permaneceram "virgens", sem as impurezas do pecado.

Refletindo o pensamento acima e ampliando o que escreveu Paulien (1998, p. 83-84), há nos primeiros quatro mandamentos do Decálogo três motivações para a perseverança, obediência e fidelidade que encontram alusões em Apocalipse 14:6-7, 12:

1) No primeiro mandamento existe a motivação da salvação, e a obediência é a resposta pelo que Deus fez pelos escravos do pecado. O texto diz: "Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão", portando, "não terás outros deuses diante de mim" (Êx 20:2-3). Esse mandamento está em paralelo com o "evangelho eterno" de Apocalipse 14:6.

2) Existe uma motivação de julgamento, pois o segundo mandamento apresenta a razão: Deus visita "a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos" (Êx 20:5-6). Existe também o conceito de julgamento no terceiro mandamento, ao dizer que "o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão" (Êx 20:7). Em ambos os mandamentos há as consequências da desobediência. O mesmo aparece em Apocalipse 14:7 e 9-11 ao afirmar que Deus é o juiz, pois "chegou a hora do seu juízo" vindicador e destruidor.

3) A terceira e última motivação para a obediência é a criação. O texto diz para se lembrar "do dia de sábado, para o santificar", pois "o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus" "porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou" (Êx 20:8-11). O mesmo aparece em Apocalipse 14:7 quando afirma: "adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas". Em resumo, tem-se, em ambas as passagens, salvação, juízo e criação.

Isso significa que a resposta motivacional por aquilo que Deus fez, faz e fará é uma adoração. Porém, não é qualquer adoração. A adoração que Deus espera de seus filhos e filhas no presente é a adoração pactual que se volta biblicamente à ética. Essa ética é expressa em perseverança na obediência aos mandamentos de Deus e na fé em Jesus, como visto acima. Essa é a forma mais básica da adoração a YHWH encontrada na Bíblia. Desta forma, o convite à adoração de Apocalipse 14:6-7 e 12 é o apelo para uma adoração pactual estabelecida nos valores éticos de Deus. Apocalipse 14:12 declara que a adoração pactual ética está em contraste com a adoração pactual à trindade do mal de Apocalipse 14:9-11, como será visto abaixo.

5. As Implicações da Falsa e da Verdadeira Adoração de Apocalipse 14

As implicações entre a verdadeira e a falsa adoração estão relacionadas com o reconhecimento de quem é o deus a ser adorado e suas consequências para esta vida e principalmente para a vida futura. Deve-se entender que existe uma contrafação da verdade em um contexto de batalha final entre o bem e o mal, bem como o fato de que o Apocalipse aborda dois tipos de adoração no capítulo 14. Segundo Paulien (1998, p. 182), "o tema da crise final da história da Terra é claramente a adoração"; portanto, o centro de Apocalipse 14 (v. 7, 12, 9-11) contempla a esfera da verdadeira adoração a Deus, que contrasta com a falsa adoração estabelecida por Satanás, conforme Apocalipse 13.

Como se observa esse contraste entre as duas adorações? Antes de responder à pergunta, é necessário entender o contexto do capítulo 14. Como bem apresentado por Paulien (1998, p. 182), em Apocalipse 13 o dragão prossegue em sua guerra contra o remanescente e se utiliza de mais dois reforços, ou seja, a besta que sobe do mar e a besta que sobe da terra. Os três formam uma trindade profana, que procura falsificar a obra da verdadeira Trindade. Com isso, o dragão falsifica a obra de Deus, o Pai; a besta do mar falsifica a obra de Deus, o Filho; e a besta da terra falsifica a obra de Deus, o Espírito Santo. Os três juntos atacam o remanescente fiel a Deus na batalha final.

5.1. Contraste entre a Verdadeira Adoração e a Falsa Adoração

Em sete diferentes ocasiões, Apocalipse 13 e 14 fala da falsa adoração (PAULIEN, 1998, p. 182, 184). O contraste entre as duas adorações é visto quando o vidente de Patmos escreve que a falsa

adoração é intensificada em meio à apostasia do fim dos tempos. Conforme os Quadros 3 e 4, pode-se observar o contraste entre a adoração pactual ética a Deus e o adoração pactual a trindade profana:

Quadro 3: Os princípios dos primeiros quatro mandamentos do Decálogo

Os quatro primeiros mandamentos (Êx 20:3-11)	Princípios dos quatro primeiros mandamentos
1) Não terás outros deuses diante de mim.	1) Adoração somente a Deus – adoração interior
2) Não farás imagem de escultura [...] não as adorarás [prostrarás diante delas], nem lhes darás culto [...].	2) Prostrar-se e cultuar somente diante de Deus – adoração exterior
3) Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão [...]	3) As palavras de adoração somente a Deus e com respeito, honra e glória a ele.
4) Lembra-te do dia de sábado [descanso] para o santificar. [...] Mas o sétimo dia é o sábado [Descanso] do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho [...].	4) O tempo de adoração a Deus envolve separar (santificar) o dia de adoração para serviços cúlticos. O motivo da adoração é o fato de que Deus é o Criador (Êx 20:8-11) e Redentor (Dt 5:12-15): o Criador dos céus, da terra, do mar e de tudo o que há, e também o Redentor do evangelho eterno (cf. Ap 14:6-7).

Fonte: Marcon (2009, p. 96).

Quadro 4: Contrafação dos quatro primeiros mandamentos do Decálogo

Princípios dos quatro primeiros mandamentos (Êx 20:3-11)	A contrafação da verdade: os mandamentos do dragão.
1) Adorar somente a Deus – adoração é um ato interior.	1) Adorar o dragão e/ou a besta (Ap 13:4; 14:11).
2) Prostrar-se somente diante de Deus – adoração é um ato exterior (não fazer imagem). Ele é o Deus do pacto.	2) Adorar a imagem da besta (Ap 13:14; 14:11).
3) Reverência ao nome de Deus. Adoração envolve o nome de Deus. Seu nome se evoca na aliança.	3) Honrar o nome da besta, enquanto ela blasfema do nome de Deus (Ap 13:5-6, 17; 14:11). Uma adoração pactual entre a besta e a humanidade em rebelião e pecado.
4) A santidade do tempo do sétimo dia como um tempo de adoração a Deus. Envolve o amor, a fidelidade e a submissão ao reino de Deus. O sábado é o centro de todos os mandamentos. Quem é o Deus a ser adorado? O Criador dos céus, da terra, do mar e de tudo o que neles há (cf. Ap 14:7). Sinal ou marca pactual entre Deus e seu povo.	4) Sinal ou marca da besta (Ap 13:16-18; 14:9, 11) – não têm descanso, ou seja, não têm um sábado (HENSEL; BROWN, 2000, v. 1, p. 519-523; COSTA, 2009, p. 2.063; OLIVEIRA, 2019, p. 231-251). Quando a besta e sua imagem tentam estabelecer um descanso, um dia de descanso (um outro sábado que não o sétimo dia) – elas conseguem? Não. Deus faz com que seus planos sejam frustrados, mesmo que possam escolher um outro dia. Por isso, "não terão descanso nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome".

Fonte: Marcon (2009, p. 96).

A falsa adoração está estabelecida sobre os mandamentos da trindade profana: 1) adorar o dragão e a besta (Ap 13:4, 8, 12); 2) adorar a imagem da besta (Ap 13:12, 14, 15);[3] 3) reverenciar o nome da besta (Ap 13:17); 4) receber a "marca" sobre a testa ou sobre a mão, isto é, um sinal de identificação pactual, em contrafação ao sinal da aliança edênico de Deus no Antigo Testamento, o santo sábado (Gn 2:1-3; Êx 31:14-18; Ez 20:12-13, 20). Para Paulien (1998, p. 182, 184), "as bestas não

[3] Agora não mais adora um bezerro de ouro (Êx 32), mas, sim, a representação de uma falsa divindade (Ap 13:12, 14).

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 8-24, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-1
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

só falsificam cada uma das pessoas da Divindade, como também falsifiquem cada um dos quatro primeiros mandamentos do Decálogo". Pode-se dizer que é um ataque aos quatro primeiros mandamentos do Decálogo (Ap 14:9-11). Isso tem suas implicações mais profundas:

1) Implica em um ataque ao relacionamento do ser humano com Deus, o Criador, Salvador e legislador dos mandamentos que regem a conduta da vida do cristão. Enquanto a relação do ser humano para com o Criador se expressa no amor por guardar os seus mandamentos (Dt 5; 6; 10:12; 11:1-25; Jo 14:15; 15:10; 1Jo 5:1-5), o ataque se dá ao fundamento mais básico da adoração pactual, isto é, aos princípios essenciais que definem a ética cristã. Esses princípios éticos estão na primeira tábua dos Dez Mandamentos e, como disse Paulien (1998, p. 83, 84), eles têm a ver com o relacionamento do ser humano com Deus.

2) O contraste que se faz entre o versículo 12 e os versículos 9-11 do capítulo 14 implica que o uso do verbo *proskunéo* (*προσκυνέω*) para adoração à trindade profana é uma referência a adoração pactual a falsos deuses como descrito em Êxodo 23:32-33. Isso se deve ao fato de o verbo *proskunéo* (*προσκυνέω*) ser um termo teológico, no Apocalipse, para se referir à adoração pactual ética exclusivamente a Deus. O Apocalipse afirma que seguir os mandamentos expressos pela besta é adorar o dragão, Satanás. A Bíblia declara que a base de toda adoração é a obediência e submissão aos reclamos, às leis e aos mandamentos de uma divindade, o que significa entrar em uma relação pactual com ela. Neste caso, entrar em uma relação pactual com o inimigo de Deus. Conscientemente é estar em rebelião contra a soberania do Criador.

3) Há mais uma implicação observada em Apocalipse 14:12 quando afirma que "guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus". Isso significa que a adoração ética abrange dois aspectos: "obediência e testemunho fiel", ou seja, "os 'mandamentos' de Deus se referem à totalidade da conduta exigida no livro" (OSBORNE, 2014, p. 48). Isso significa que a expressão "mandamentos de Deus" não se refere apenas aos mandamentos da primeira tábua da aliança, mas, como afirma Aune (1998, p. 709), "também eles remetem à segunda tábua do Decálogo". Pode-se afirmar que a segunda tábua também se concentra nas exigências éticas ao povo de Deus que estão presentes no livro de Apocalipse. Tais exigências atingem aqueles que receberão os juízos e ficarão de fora da cidade santa por viverem em desacordo com os princípios dessa segunda tábua (Ap 9:20-21; 21:8; 22:15).

5.2. O Destino dos Adoradores da Falsa e da Verdadeira Adoração

Precisa-se ainda observar as consequências da falsa adoração como são reveladas em Apocalipse 14:9-11 e 17-20. Em Apocalipse 14:17-20 é dito que, pela vinda de Cristo nas nuvens do céu, os adoradores da besta e da sua imagem, e aqueles que recebem o seu nome ou sua marca, são recolhidos como uvas e jogados no lagar da ira do juízo punitivo e destruidor dos ímpios. Durante esse julgamento final em Apocalipse 14:9-11, segundo Rodríguez (s.d., p. 73), "os ímpios são descritos como não tendo 'descanso nem de dia nem de noite' (Ap 14:11)". A falta desse descanso é pela rejeição do sangue do Cordeiro "para a libertação de seus pecados e do poder do dragão (1:5; 12:11)". Enquanto eles são incapazes de descansar, o povo de Deus experimenta descanso (cf. 14:13). Rodríguez conclui afirmando que "é quase irônico que aqueles que rejeitaram o descanso oferecido a eles pelo Senhor em Cristo, expresso na observância do mandamento do sábado, agora são incapazes de descansar em sua presença".

Por fim, os resultados da verdadeira adoração se observam ao seguir o curso do texto que descreve os remidos cantando um "cântico novo" porque responderam afirmativamente ao evangelho eterno (Ap 14:6). O efeito é que os redimidos são justos e fiéis porque foram lavados e alvejados no

sangue do Cordeiro (Ap 7:14), apresentando em sua vida valores éticos como "castidade" ou pureza, não têm "mentira em sua boca" e não têm "mácula" (Ap 14:4-5). Eles adoram o Criador com temor e glorificam-no (Ap 14:7) por meio da obediência aos mandamentos de Deus e da fé em Jesus (Ap 14:12).

Por esse motivo os redimidos são "recolhidos" como o cereal maduro da seara no celeiro de Cristo por ocasião de seu segundo advento (Ap 14:14-16; cf. Êx 23:16-19). Eles se encontrarão junto ao mar de vidro no Céu, cantando o cântico de Moisés, isto é, o cântico do Cordeiro (Ap 15:2-4). A diferença entre ambos os tipos de adoradores terá como resultado a separação daqueles que são justos e fiéis daqueles que são injustos e infiéis, com redenção eterna para os primeiros e a punição de consequências eternas para os segundos.

6. Considerações Finais

Ao observar a existência de uma relação literária, temática e teológica, bem como a presença de ecos e símbolos entre Êxodo e Apocalipse 11:19-16:21, especificamente Êxodo 19-24, fica evidente que o tema da aliança de Deus com seu povo está presente em tal bloco apocalíptico (PAULIEN, 1995, p. 247-255). Não somente isso, mas contém elementos importantes para a adoração pactual. Seguindo o estudo literário e teológico, a adoração pactual é fundamentada nos quatro primeiros mandamentos do Decálogo, indicando quem, como, quando e por que adorar. Como bem exposto por Schönweiss e Brown (2000, v. 2, p. 1.457), o significado de *proskunéo* (*προσκυνέω*) em Apocalipse 14:6-7, 12 tem como conceito a submissão da pessoa diante da vontade de YHWH.

A definição de uma adoração pactual ética se dá conceitualmente por meio da relação pactual entre Deus e a humanidade, tendo como fundamento a ética do Decálogo. Ou seja, a forma mais básica da adoração ética é a submissão, obediência e fidelidade aos mandamentos de Deus conforme apresentados em Êxodo 20:1-17 (Êx 19:8; 20:2-17; 24:7; Dt 4:13; 5:27; 6:1-8). Essa adoração ética também se apresenta em relação à fidelidade a Cristo em meio a provações e perseguições instigadas por Satanás e seus agentes. Assim, diante de uma crise que envolverá a adoração a besta, sua imagem e ao dragão, a questão fundamental dessa adoração ética é a perseverança em meio a rebelião, apostasia e pecado dos últimos dias.

A obediência que Deus espera não é uma resposta legalista, mas uma resposta de fé em Cristo, como Paulo também afirmou em Romanos 1:3-5; 16:19, 26. Tal obediência se manifesta pelo temor (Dt 10:12-13, 20; Ap 14:7), no ato de glorificar a Deus (Dt 10:21; Ap 14:7), bem como na ética da perseverança, obediência, fidelidade e uma vida cristã impoluta. Tal vida de adoração pactual ética é dependente da graça de Cristo, pois só ela preparará o crente para receber a vinda de Cristo (Ap 14:14-20).

Conclui-se que uma adoração pactual é uma adoração ética: 1) quando reconhece a Deus como Criador e Redentor graças ao evangelho eterno da salvação em Jesus Cristo, sendo que por meio dele o crente é investido como um reino de sacerdotes; e 2) quando é fundamentada na fé em/de Jesus e nos quatro mandamentos do Decálogo, sendo uma resposta de perseverança, obediência, fidelidade e testemunho público de seu amor e devoção a YHWH.

Neste sentido, semelhantemente a Israel, que se comprometeu a obedecer a Deus junto ao monte Sinai, em Apocalipse 14 há um chamado de compromisso pactual ético junto ao monte Sião para o cristão que decide viver a lealdade, adoração, reverência e santidade a Deus. Esse compromisso não é qualquer compromisso, mas sim um compromisso de amor que adora e que se expressa na fidelidade aos reclamos de justiça da santa lei de Deus.

Em tempos em que os cristãos têm se apresentado diante de Deus para adorar e cada vez mais a ênfase tem sido no formato e nas manifestações cúlticas, negligenciando aquilo que Deus considera

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 8-24, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-1
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

de valor eterno na adoração a ele, a mensagem de Apocalipse 14 vem de encontro à religiosidade contemporânea.

Referências

AUNE, D. E. **Revelation.** Word Biblical Commentary, v. 52. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1998.

BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA: Almeida Revista e Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

CASEY, J. S. **Exodus typology in the book of Revelation.** 134 fs. Tese (Doutorado em Teologia). Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, 1981.

COSTA, J. W. B. da. *ἀνάπαυσις*. *In*: **Bíblia de estudo palavras chaves**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2009.

FEE, G. D.; STUART, D. **Entendes o que lês?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FRIBERG, T.; FRIBERG, B.; MILLER, N. F. Analytical lexicon to the Greek New Testament. Baker's Greek New Testament Library. Grand Rapids: Baker, 2000. *In*: **BIBLEWORKS**: versão 9.0. Norfolk, VA 23508, P.O. Box 6158: BibleWorks, LLC, 2011.

GALLUS, L. O tema do Êxodo em Apocalipse 15-16: antecedente e natureza. *In*: REIS, E. dos; FESTA, S; FOLLIS, R. (Orgs.). **Princípios do fim:** o Apocalipse à luz do Antigo Testamento. Parousia, v. 4. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2016.

GIFFORD, D. S. **The Exodus motif in Revelation 12:** divine deliverance for the 21th century. Independent Study: Apocalyptic Biblical Literature. Regent University RTCH 790, ago. 2018.

HENSEL, R.; BROWN, C. *ἀνάπαυσις*. *In*: COENE, L; BROWN, C. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

HURTADO, L. W. **As origens da adoração cristã: o caráter da devoção no ambiente da igreja primitiva.** São Paulo: Vida Nova, 2011.

KAISER, W. C. עָבַד . *In*: HARRIS, R. L.; ARCHER JUNIOR, G. L.; WALTKE, B. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.

KISTEMAKER, S. **Comentário do Novo Testamento:** Apocalipse. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

LADD, G. **Apocalipse:** introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1992.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 8-24, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-1
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

LARONDELLE, H. K. **Nosso Criador Redentor:** introdução a teologia bíblica da aliança**.** Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2016.

MARCON, J. L. A relação entre o evangelho eterno e a adoração de Apocalipse 14. **Kerygma**, v. 5, n. 1, 2009, p. 71-96.

MARCON, J. L. **Estudo sobre a relação entre εὐαγγέλιον e προσκυνέω em apocalipse 14:6-7 e suas implicações para adoração da comunidade de fé**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Faculdade EST, São Leopoldo, 2019.

NEUFELD, D. F. **Dicionário bíblico adventista do sétimo dia.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

NINOW, F. **Indicators of typology within the Old Testament:** the Exodus motif. 358 ff. Tese (Doutorado em Teologia) – Universidade Andrews, Berrien Springs, MI, 1999.

OLIVEIRA, B. Interxtualidade e alusões à criação e ao sábado em Apocalipse 12-14: um estudo exegético e interbíblico. *In*: DORNELES, V.; OLIVARES, C. (Orgs.). **Desvendando o (texto de) Apocalipse:** estudos intertextuais, literários e exegéticos**.** São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

OSBORNE, G. R. **Apocalipse:** comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2014.

PAULIEN, J. Revisiting the Sabbath in the book of Revelation, 179-186. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 9, n. 1-2, 1998.

PAULIEN, J. The role of the Hebrew cults, sanctuary and temple in the plot and structure of the Book of Revelation. **Andrews University Seminary Studies**, v. 33, n. 2, 1995.

ROCHA, J. M. **Ética cristã**. Material não publicado. Instituto Adventista de Ensino, Engenheiro Coelho, SP, 1998.

RODRÍGUEZ, A. M. **The closing of the cosmic conflict:** role of the three angels' messages. Material não publicado, s.d.

SCHÖNWEISS, H.; BROWN, C. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

SHEA, W. H. Paralelos literários e teológicos entre Apocalipse 14–15 e Êxodo 19-24. *In*: REIS, E. dos; FESTA, S; FOLLIS, R. (Orgs.). **Princípios do fim:** o Apocalipse à luz do Antigo Testamento. Parousia, v. 4. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2016.

SMITH, R. H. Exodus typology in the Fourth Gospel. **Journal of Biblical Literature**, v. 81, n. 4, 1962, p. 329-342.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 8-24, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-1
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

STEFANOVIC, R. **Revelation of Jesus Christ:** Commentary on the Book of Revelation. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2002.

STOCK, A. **The way in the wilderness:** Exodus, wilderness, and Moses: Themes in Old Testament and New. Collegeville, MN: Liturgical Press, 1969.

TIMM, A. R. **O santuário e as três mensagens angélicas:** fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 1999.

WHITE, E. G. **História da redenção**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

YAMAUCHI, E. חָוָה . *In*: HARRIS, R. L.; ARCHER JUNIOR, G. L.; WALTKE, B. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 8-24, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-1
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

TEOLOGIA em revista

ISSN 2764-7528

A IDENTIDADE DO OITAVO REI DE APOCALIPSE 17

ELTON JR.[1]

Resumo: O estudo lida com a identidade do oitavo rei de Apocalipse 17. O autor procura ampliar a discussão já existente, sugerindo novos elementos para a discussão do tópico. Ele destaca a recapitulação da cena de Apocalipse 17:12-14 em Apocalipse 19:11-21. Fato amplamente aceito pelos estudiosos do livro, contudo, pouco explorado em muitas interpretações da identidade do oitavo rei. O autor, então, sugere que Apocalipse 19, especialmente, os versículos 19 e 20, pode constituir as lentes contextuais e literárias pelas quais a identidade desse símbolo pode ser interpretada. O trabalho está dividido em duas partes. Na primeira, o autor discute exegeticamente Apocalipse 17, com o foco no oitavo rei. Em seguida, apresenta razões pelas quais Apocalipse 19:11-21 recapitula Apocalipse 17:12-14. O resultado é a sugestão de que a figura do oitavo rei se refere ao retorno da sétima cabeça, após a cura da ferida mortal. Portanto, a besta de Apocalipse 17:11 é identificada como outra fase da besta do mar de Apocalipse 13:1-10.

Palavras-chave: Oitavo rei. Identidade. Besta.

THE IDENTITY OF THE EIGHTH KING OF REVELATION 17

Abstract: The study deals with the identity of the eighth king of Revelation 17. The author seeks to expand the existing discussion by suggesting new elements for the discussion of the topic. He highlights the recapitulation of the scene from Revelation 17:12-14 in Revelation 19:11-21. A fact widely accepted by scholars of the book, however, little explored in many interpretations of the identity of the eighth king. The author then suggests that Revelation 19, especially verses 19 and 20, may be the contextual and literary lens through which the identity of this symbol can be interpreted. The work is divided into two parts. In the first, the author exegetically discusses Revelation 17, with a focus on the eighth king. He then shows why Revelation 19:11-21 recapitulates Revelation 17:12-14.

[1] Mestre em Interpretação Bíblica (Unasp, Engenheiro Coelho – SP). Professor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia – Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba – PR. E-mail: pastoreltonjunior@gmail.com.

The result is the suggestion that the figure of the eighth king refers to the return of the seventh head, after the mortal wound has healed. Therefore, the beast of Revelation 17:11 is identified as another phase of the sea beast of Revelation 13:1-10.

Keywords: Eighth king. Identity. Beast.

1. Introdução

Poucos assuntos nas Escrituras têm desafiado tanto os estudiosos como a identidade do oitavo rei de Apocalipse 17.[2] Evidência disso são as diversas interpretações dadas para esse símbolo. Não sem razão, Patterson (2012, n. p.) nota que os versículos 10 e 11 desse capítulo talvez sejam os mais debatidos em todo o Apocalipse. Entre as razões parece estar o fato de que "a besta é o único símbolo importante não explicitamente interpretado" pelo anjo nesse capítulo (AUNE, 1998, p. 939). Contudo, sua interpretação pode ser encontrada em Apocalipse 19:19-20, uma vez que essa passagem é parte da recapitulação da batalha descrita em Apocalipse 17:12-14 – fato que parece ter relativo consenso entre os estudiosos do livro. Assim, esse paralelo pode ter implicações para a identidade do oitavo rei.

Por isso, este artigo está dividido em duas partes. Na primeira, se discute exegeticamente Apocalipse 17,[3] em interação com as interpretações dadas à figura do oitavo rei. Na segunda, é discutido o paralelo entre Apocalipse 17:12-14 e Apocalipse 19:19-20. Não é propósito interpretar detalhadamente o símbolo da Babilônia,[4] embora ele mereça certa atenção em nosso estudo, uma vez que está conectado com a besta.[5] Além disso, a batalha do Armagedom não é examinada em sua integralidade,[6] mas apenas na medida em que interessa ao tema em estudo.

[2] A versão bíblica utilizada neste artigo é a Almeida Revista e Atualizada, salvo indicação contrária. Para o texto grego do Novo Testamento, foi utilizada a edição de Holmes (2010).

[3] O texto não apresenta nenhuma variante textual relevante para a nossa discussão. Mas, para alguns detalhes textuais, ver Omanson (2010, p. 558-561, 565-566); Metzger (2006, p. 667-670, 675-676).

[4] Para diferentes pontos de vista, ver Pate (2003, p. 77-82 [preterismo]; 121-124 [idealismo]; 163-165 [dispensacionalismo progressivo]; 209-212 [dispensacionalismo clássico]); Biguzzi (2006, p. 371-386). Para a sugestão de que Babilônia é outro nome para a "imagem da besta" de Apocalipse 13:15, ver Lyu (2016).

[5] Luz sobre a identidade do oitavo rei é advinda do estudo da besta nesse capítulo, pois o versículo 11 nos lembra de que o oitavo rei é a besta (καὶ τὸ θηρίον ὃ ἦν καὶ οὐκ ἔστιν καὶ αὐτὸς ὄγδοός ἐστιν), declaração que analisamos na sequência deste artigo. Assim, as características dela são importantes para a interpretação do oitavo rei.

[6] Para mais detalhes sobre esse tópico, ver LaRondelle (1989, p. 69-73; 2004); Paulien (2008); Shea (1980, p. 157-162); Loasby (1989, p. 129-132); Jauhiainen (2005, p. 381-393).

2. Apocalipse 17 e o Oitavo Rei

Diversas propostas de interpretação para o símbolo do oitavo rei têm sido sugeridas pelos estudiosos. Entre elas: um imperador romano,[7] sete papas,[8] sete formas de governo romano,[9] o anticristo,[10] a contrafação de Cristo,[11] a grande confederação mundial,[12] o diabo,[13] a besta da terra[14] e a besta do mar após a cura da ferida mortal (STEFANOVIC, 2009, p. 507, 515). A seguir, uma exegese do texto é apresentada em diálogo com essas propostas.

[7] Muitos preteristas pensam assim, uma vez que, segundo eles, as sete montanhas (ἑπτὰ ὄρη) de Apocalipse 17:9 apontam para Roma (MOUNCE, 1998, n. p.). O uso da palavra ὄρος fortalece essa posição, porque era usada para se referir às colinas de Roma (STRABO, 1923, p. 400). Em relação a outros autores do mundo antigo que usam esse termo para se referir às colinas de Roma, ver Koester (2014, p. 677). Roloff (1993, p. 199) reconhece uma certa contradição nessa interpretação, porém sugere que João esteja pensando associativamente. No entanto, esse tipo de leitura do texto enfrenta algumas dificuldades. Em primeiro lugar, ela aproxima a mulher da besta, porém João faz questão de distingui-las (THOMAS, 1995, p. 296). Segundo, as sete cabeças pertencem à besta e não à mulher (JOHNSON, 2006, n. p.). Além disso, a escolha do primeiro imperador da lista tem sido discutida. Entre os nomes propostos estão Júlio César (CHILTON, 1987, p. 436); Augusto (CHARLES, 1920, p. 69) e Calígula (COLLINS, 1984, p. 64; PRIGENT, 1981, p. 261). Até mesmo Nero tem sido proposto, como lembra Kreitzer (1988, p. 93). O oitavo rei recebe as seguintes opções: Domiciano (SWETE, 1906, p. 218-219), visto como uma "reencarnação" de Nero (GIBLIN, 1991, p. 165); e Tito (FORD, 1975, p. 290). Caird (1966, p. 218) sugere que os leitores do 1º século também enfrentaram essas dificuldades na interpretação do texto; portanto, para ele, essa pode ser a solução errada. Além disso, a alusão a Daniel 7 (BEALE; MCDONOUGHT, 2014, p. 1384-1385) sugere que os reis são mais bem vistos como reinos. O substantivo ὄρος, no Apocalipse (6:14, 15, 16; 8:8; 14:1; 16:20; 21:10), parece apontar para montanhas e não colinas (DUVALL, 2014, n. p.).

[8] Essa proposta popular é uma estranha espécie de amalgamação entre preterismo e futurismo (RAMOS, 2014, p. 77-81).

[9] Essa sugestão vê os montes como as colinas de Roma (KELLY, 1871, p. 364), de modo que ela se aproxima do preterismo e, por tal razão, enfrenta as mesmas dificuldades.

[10] Jeffrey (1992, p. 183) sugere que essa figura será um homem e um reino possuídos por Satanás. Entretanto, Walvoord (2011, n. p.) pensa que será um império global gentio (não um governante) que estará em aliança com a religião apóstata, simbolizada pela mulher.

[11] Essa ideia se aproxima do idealismo, pois vê os números como simbólicos. Entre os autores que a defendem, estão Duvall (2014); Beale (1999); Morris (2009); Smalley (2005, p. 436-437); Harrington (1993, p. 175). Contudo, há dificuldades na interpretação dos cinco que caíram, o um que existe e o outro que ainda não chegou.

[12] Essa visão é sugerida por Hoeksema (2000, n. p.). Esse é, para ele, o sentido da frase "e a besta, que era e não é, também é ele, o oitavo rei, e procede dos sete". Paulien (2008, p. 128) também faz a sugestão de que o oitavo rei é uma confederação política e militar mundial no tempo do fim. Uma vez que a besta possui sete cabeças e dez chifres, ela seria a totalidade dos poderes políticos e militares do mundo. Outro autor a ir nessa direção é Doukhan (2002, p. 162). Para ele, a besta de Apocalipse 17 se assemelha ao dragão, à besta do mar e ao falso profeta. Contudo, Apocalipse 17 parece indicar uma distinção entre os reis e a besta, o que milita contra essas propostas.

[13] Entre os estudiosos que defendem essa interpretação, estão Müller (2007, p. 49-50); Reynolds (2003, p. 101) e Kistemaker (2004, p. 597). Entretanto, Apocalipse 20:10 apresenta uma distinção entre o dragão, a besta e o falso profeta, o que enfraquece essa sugestão. Além disso, como é demonstrado abaixo, a besta provavelmente é um reino.

[14] Essa é a sugestão de Dorneles (2013, p. 27-42). Entretanto, o fato de João distinguir o falso profeta da besta, em Apocalipse 19:20 e 20:10, milita contra essa interpretação. Além disso, essa besta não parece estar entre as sete anteriores, como é apresentado neste artigo.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 25-44, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-2
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

3. O Contexto

Apocalipse 17 possui conexões com o tema das sete pragas, especialmente com a sexta e a sétima. Por tal razão, esse capítulo é considerado parte da narrativa das sete pragas (FARRER, 1986, p. 45; PAULIEN, 1995). Assim, o contexto é escatológico. Duas personagens são destacadas no texto de João: a meretriz e a besta. E ele pode ser dividido em duas partes: visão e interpretação. O capítulo também possui algumas ligações léxicas e temáticas com Apocalipse 13 e 19.

Estudiosos têm sugerido que a sexta e sétima pragas são desdobradas em Apocalipse 17[15] e 18 (BEALE, 1999, p. 847; OSBORNE, 2014, p. 679). Apocalipse 17:1-2 parece apontar nessa direção (WITHERINGTON, 2003, p. 218).[16] Um dos sete anjos,[17] que tinha as sete pragas (Ap 17:1a), é a primeira evidência nessa direção. Em segundo lugar, o anjo menciona que a meretriz está assentada sobre muitas águas (Ap 17:1b). Paulien (2008, p. 103) identifica essas águas com o rio Eufrates de Apocalipse 16:12, uma vez que essa meretriz é Babilônia (Ap 17:5) e parece haver uma alusão a Jeremias 51:13. Além disso, Apocalipse 16:19 indica que a sétima praga envolve a sua destruição, fato ampliado em Apocalipse 17:16 e 18:1-24.[18]

Assim, o contexto de Apocalipse 17 é escatológico (FEE, 2013, n. p.), tal como ocorre com toda segunda parte do livro (STRAND, 1976). A destruição de Babilônia (Ap 17:16; 18:1-24) e a batalha do Armagedom (Ap 17:12-14) parecem ser eventos que culminam com o retorno de Cristo (Ap 19:11-21). Contudo, o juízo de Babilônia deve ocorrer antes dessa batalha (KRODEL, 1989, n. p.), uma vez que ela não é mais mencionada nesse contexto.

Além disso, a luta da besta e os dez reis contra o Cordeiro (Ap 17:12-14) é parte da interpretação da visão dada a João, uma vez que esse capítulo pode, essencialmente, ser divido em duas partes (DYER, 1987, p. 310): visão (Ap 17:1-6)[19] e interpretação (Ap 17:7-18).[20] Esse fato é importante para a compreensão da passagem e ficará mais claro quando falarmos da identificação da sexta cabeça. A primeira parte do capítulo trata mais amplamente de Babilônia e sua descrição, e a segunda, da besta e suas características.

Babilônia é descrita como uma mulher (Ap 17:3, 4, 6, 7, 9, 18; 19:2), meretriz (πόρνη) (Ap 17:1, 5, 15, 16; 19:2) e uma grande cidade (ἡ πόλις ἡ μεγάλη) (Ap 16:19; 17:18; 18:10, 16, 18, 19, 21). João parece contrastá-la com a mulher de Apocalipse 12. Seiss (1913, p. 109-111) sugere algumas correlações e contrastes entre essas mulheres: ambas são mães (Ap 12:5; 17:5), ambas possuem vestes dignas de atenção (Ap 12:1; 17:3), ambas sofrem perseguição (Ap 12:6, 13-16; 17:16) e ambas recebem apoio (Ap 12:6, 13-16; 17:8-11). Duff (2001, p. 85-87) lembra que ambas estão conectadas com seres

[15] Kiddle (1940, p. 337) sugere que esse capítulo seja um "prefácio" para as descrições dos capítulos 18 e 19.

[16] Essa é uma das razões pelas quais discordamos de muitos estudiosos que iniciam uma nova seção em Apocalipse 17:1. Giblin (1974) merece o crédito pela influência sobre esses estudiosos; contudo, há razões para discordar de sua proposta estrutural.

[17] Há uma divergência sobre qual dos anjos foi o intérprete de João. Paulien (2008, p. 103) pensa que esse anjo é o da sexta praga; contudo, diversos estudiosos sugerem que seja o da sétima (STEFANOVIC, 2009, p. 505; SMALLEY, 2005, p. 426). Tonstad (2019, n. p.) lembra que eles permanecem ativos até o fim do livro (Ap 17:1 e Ap 21:9). E Mounce (1998, n. p.) pensa que essas passagens descrevam a aparição do mesmo anjo. Porém, o texto não é claro sobre isso.

[18] Alguns estudiosos buscam distinguir a Babilônia de Apocalipse 17 da que é apresentada em Apocalipse 18 (WALVOORD, 2011, n. p.), mas as evidências apontam noutra direção (DYER, 1987).

[19] Reddish (2001, p. 322) sugere uma divisão em três partes, tendo Apocalipse 17:1-2 como uma introdução geral a toda a seção, que, para ele, avança até Apocalipse 19:10. Entretanto, esses versículos parecem ser mais bem entendidos como uma ponte entre Apocalipse 16 e 17.

[20] Uma estrutura mais detalhada tem a seguinte sequência: 17:1b-2: *palavras do anjo*; 17:3b-5: *primeira visão*; 17:6a: *segunda visão*; 17:7-14: *palavras do anjo*; 17:15-18: *palavras do anjo* (MÜLLER, 2007, p. 34).

demoníacos: o dragão, em Apocalipse 12:6, 13-16, e a besta, em Apocalipse 17:3. E ambas estão no deserto (Ap 12:6; 17:3). Essas correlações sugerem que essa meretriz é uma entidade religiosa apóstata (VELOSO, 1999, p. 183). E, uma vez que João destaca sua destruição pela besta e os dez reis (Ap 17:16) e que ela se senta sobre a besta (Ap 17:3), parece natural que essas entidades sejam distintas.[21]

Contudo, a meretriz e a besta estarão unidas durante algum tempo. Por tal razão, a besta é destacada no contexto do seu julgamento (Ap 17:1). Como Beale (1999, p. 847) sugere, um correto entendimento da mulher só é possível se a besta é compreendida plenamente. O relacionamento delas parece indicar a união entre o poder religioso, representado pela mulher, e o poder civil, apresentado pela figura da besta, o oitavo rei. A isso nos voltamos agora.

4. A Besta

A besta recebe destaque em Apocalipse 17: o termo é usado nove vezes,[22] especialmente na segunda parte do capítulo, que trata da interpretação da visão. João sugere uma relação dessa besta com as águas, montes e reis, e tal relação pode lançar luz sobre a identidade dessa besta, como este artigo pretende demonstrar.

A apresentação da besta ocorre em Apocalipse 17:3, sem o uso do artigo, o que sugere que essa figura é diferente das bestas anteriores. Esse fato é reforçado ao se mencionar que ela é escarlata (κόκκινον).[23] Contudo, esses fatos não podem ser exagerados. Em primeiro lugar, porque uma situação similar quanto ao não uso do artigo ocorre na descrição da mulher (Ap 17:3): apesar de sua identificação com a meretriz do versículo 1, o termo γυναῖκα não recebe o artigo.[24] Entretanto, tal fato não deveria sugerir que ela seja uma nova entidade. Além disso, a menção de que a besta possui sete cabeças e dez chifres a aproxima do dragão (Ap 12:3) e da besta do mar (Ap 13:1-10). Essa descrição é ampliada pela informação de que a mulher está sentada (κάθηµαι)[25] sobre a besta.

Esse verbo é elucidativo para a identificação da mulher. Em primeiro lugar, porque ele aparece quatro vezes em Apocalipse 17: duas vezes na parte da visão (Ap 17:1, 3) e duas vezes na seção da interpretação (Ap 17:9, 15). Em segundo lugar, porque esse verbo estabelece uma relação entre a besta, as águas, os montes e os reis nesse capítulo, uma vez que a mulher se senta sobre eles. Assim, é necessário um exame do uso desse verbo.

Logo na abertura do capítulo, João vê a meretriz sentada (κάθηµαι) sobre muitas águas (Ap 17:1). Em seguida (Ap 17:3), a mulher está montada (κάθηµαι) numa besta. Na seção da interpretação, a mulher está sentada (κάθηµαι) sobre sete montes, que são também sete reis (Ap 17:9). Finalmente, o anjo explica que as águas sobre as quais a meretriz se senta (κάθηµαι), "são povos, multidões, nações e línguas".[26] O fato de o anjo ter explicado somente o sentido das águas pode sugerir que os demais símbolos (besta, montes e reis) significam a mesma coisa nessa união (STEFANOVIC, 2013, p. 16).

[21] Blount (2009, p. 314) pensa que a mulher e a besta representam a mesma entidade, embora reconheça que uma distinção possa existir entre elas.

[22] Apocalipse 17:3, 7, 8 (2x), 11, 12, 13, 16 e 17.

[23] A besta só é chamada assim aqui, embora o termo seja utilizado outras vezes no Apocalipse, em conexão com a mulher (Ap 17:4; 18:12, 16). Simcox (1909, p. 159) sugere a possibilidade de que a cor escarlata possa se referir à cor imperial.

[24] Esse é um fato comum no livro. A menção dos 144 mil, em Apocalipse 14:1, é anartra, por exemplo. Contudo, não há evidências de que seja uma entidade diferente da que aparece em Apocalipse 7:1-8.

[25] Esse fato indica que a meretriz a domina (OSBORNE, 2014, p. 681), o que é também a sugestão de Apocalipse 18:7.

[26] Essa explicação do anjo é singular, porque as águas sobre as quais a mulher se senta não fazem parte da visão, apresentada a João nos versículos 3 a 6. Elas são mencionadas no versículo 1, na introdução à visão desse capítulo.

No contexto de Apocalipse 17, a mulher e a meretriz mencionadas são dois símbolos para o mesmo referente. Isso é indicado pela comparação entre os versículos 1, 3 e 5 desse capítulo: no versículo 1, o símbolo é o da grande meretriz (τῆς πόρνης τῆς μεγάλης); no versículo 3, de uma mulher (γυναῖκα);[27] e, no versículo, 5 essa mulher é identificada com a meretriz (MOUNCE, 1998, n. p.),[28] pois é dela que se está falando (v. 4: ἡ γυνὴ). Assim, a meretriz sentada sobre as águas (Ap 17:1, 15), a mulher sentada sobre a besta (Ap 17:3) e sobre os sete montes, que são também sete reis (Ap 17:9), indicam a mesma entidade. E esse é um fenômeno comum no livro: dois símbolos para o mesmo referente (PAULIEN, 2008, p. 134),[29] o que sugere que os locais nos quais ela se senta também indiquem um referente.

Afinal, não há indícios no texto de que a mulher esteja montada em coisas diferentes.[30] Assim, o versículo 15, que explica o sentido das águas, também parece apontar para o significado da besta. E se é assim, então, ela é mais bem vista como sendo um reino – poder civil (SMITH, 2014, p. 457).[31] Essa opinião pode ser fortalecida pelo sentido da palavra "montes" (ὄρος) em Apocalipse 17:9.[32] Esse substantivo é usado recorrentemente no Antigo Testamento para se referir a reinos e nações.[33] Em suma, a posterior identificação deles como "reis" (Ap 17:9) também aponta nessa direção, pois essa é a linguagem bíblica para reinos, conforme Daniel 7:17 (LADD, 1985, p. 201). Dyer (1987, p. 439) destaca que essa interpretação explica melhor a identificação dupla das cabeças.

Se estivermos corretos, então, algumas propostas para a identidade da besta, o oitavo rei, não parecem se ajustar ao texto: a saber, um imperador romano, sete papas, sete formas de governo romano, a contrafação de Cristo e o diabo. Duas razões, até aqui, podem ser apresentadas para isso. A primeira envolve o fato de que a besta não é um indivíduo, mas um império. Tal fato milita contra a visão de que o diabo está por detrás desse símbolo, uma vez que ele não é um império, mas faz uso das nações globais para tentar atingir seus propósitos. Apocalipse 12:1-5 aponta nessa direção. E, em segundo lugar, uma vez que os montes indicam reinos sequenciais, não faz sentido pensar em seu número como simbólico. Ademais, essa visão também não explica como cinco dos sete reis caíram. A interpretação da sexta cabeça e, por consequência das demais, amplia esse último ponto. A isso nos detemos a seguir.

5. A Sexta Cabeça

Apocalipse 17:10 pode ser chave no contexto do estudo da identidade do oitavo rei. Em primeiro lugar, porque esse versículo estabelece um parâmetro temporal para a existência dessa figura. Em segundo lugar, a passagem também contribui para dar uma espécie de moldura, dentro da

[27] Smalley (2005, p. 428) destaca que, apesar de o substantivo aparecer nesse versículo de forma anartra, claramente a referência é à meretriz de Apocalipse 17:1.

[28] Witherington III (2009, p. 219) lembra que as prostitutas romanas costumavam usar uma faixa na cabeça com seu nome escrito nela e João pode estar ecoando esse costume.

[29] Essa característica está presente no capítulo 1: voz de trombeta e Filho do Homem; no capítulo 5: cordeiro e leão; no capítulo 7: 144 mil e grande multidão; no capítulo 21: noiva e Nova Jerusalém. O que João ouve, embora distinto do que ele vê, aponta para o mesmo referente (STEFANOVIC, 2009, p. 264).

[30] A sugestão de Koester (2014, p. 673) de que a mulher se senta sobre duas coisas distintas não é persuasiva dentro do contexto.

[31] Vanni (1998, p. 54) sugere que a besta seja o poder do Estado que sustenta Roma (Babilônia). Esse poder do Estado é o do Império Romano (VANNI, 1998, p. 54). Entretanto, ele acredita que isso não esgota o significado do símbolo, que pode se aplicar a outros contextos na história.

[32] Strand (2011, p. 234-235) destaca que essa é a melhor tradução para o termo. Tal fato pode ser percebido em seu uso recorrente no livro (Ap 6:14-15, 16; 8:8; 14:1; 16:20; 17:9; 21:10).

[33] Ver Salmos 30:7; 68:15-16; Isaías 2:2; 41:15; Jeremias 51:25; Daniel 2:35; Habacuque 3:6, 10; Zacarias 4:7.

qual se pode encontrar a que reino o símbolo do oitavo rei se refere. Afinal, o versículo 11 indica que ele "é um dos sete" reinos.

No entanto, a identificação da sexta cabeça permanece em debate,[34] e o tempo no qual ela está inserida é o cerne dessa discussão. Para alguns ela existe nos dias de João,[35] ao passo que, para outros, ela deve ser situada no tempo futuro – o tempo do julgamento da meretriz. Especialmente, estudiosos adventistas têm apontado nessa última direção (LARONDELLE, 1997, p. 331; MAXWELL, 2002, p. 493; DOUKHAN, 2002, p. 161-164). A pressuposição desse argumento envolve a introdução do capítulo: ali, o anjo afirma que mostrará a João o julgamento da grande meretriz (Ap 17:1).

E a evidência é encontrada na análise de Apocalipse 17:8-11, que sugere uma espécie de história da besta. Doukhan (2002, p. 162-163) é o responsável por detalhar essa compreensão. Ele tem argumentado que o mistério da besta pode ser compreendido por meio do estabelecimento de um paralelo entre os versículos 8 a 11,[36] pois os versículos 10 e 11 desdobram a mensagem do versículo 8 em quatro fases. Não sem razão, Boring (1989, p. 181) sugere que a repetição da história da besta, nesse versículo, destaca sua importância, e ela pode ser visualizada na tabela abaixo.

Quadro 1: Paralelos em Apocalipse 17:8-11

Paralelos em Apocalipse 17:8-11		
Versículo 8	**Versículo 10**	**Versículo 11**
Era (fase 1)	Caíram cinco (fase 1)	Era (fase 1)
Não é (fase 2)	Um existe (fase 2)	Não é (fase 2)
Está para emergir do abismo (fase 3)	Outro ainda não chegou (fase 3)	Oitavo rei (fase 3)
Caminha para a destruição (fase 4)	Tem de durar pouco (fase 4)	Caminha para a destruição (fase 4)

Nessa proposta há uma associação entre Apocalipse 17 e Apocalipse 13 para a identificação das cabeças da besta. É destacado que Apocalipse 13 alude a Daniel 7 e lá o primeiro reino é Babilônia. Assim, ela deve ser a primeira cabeça de Apocalipse 17:9 também (MAXWELL, 2002, p. 493-494). Para Doukhan (2002, p. 163), a sequência é a seguinte: Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia, Roma imperial e chifre pequeno. Tais reinos são os cinco que caíram na primeira fase. A sexta cabeça envolve o período da "ferida mortal", quando a besta "não é" (MAXWELL, 2002, p. 495), pois suas cabeças devem ser coordenadas com a expressão "era e não é" (LARONDELLE, 1997, p. 331). Essa é a segunda fase. A terceira envolve o tempo da ferida mortal curada e do aparecimento do oitavo rei. E a quarta fase envolve a igreja,[37] que vai para a destruição (DOUKHAN, 2002, p. 163).[38]

Entretanto, a coordenação entre as fases da besta e suas cabeças pode conflitar com a distinção entre a visão e a interpretação. Obviamente os versículos 8 a 11 fazem parte da interpretação que o anjo dá a João,[39] e Strand (1976, p. 55) deixa claro que não faz sentido dar uma explicação sem

[34] Entre os preteristas, Stuart (1845, p. 57) e Gentry (1989, p. 153-158) sugerem que seja Nero. Para uma crítica a essa posição, ver Hitchcock (2007, p. 472-285). Robinson (1976, p. 243) prefere Galba; já Swete (1906, p. 217) propõe Vespasiano; finalmente, Collins (1984, p. 64) pensa que seja Domiciano.

[35] Diversos comentaristas apontam nessa direção, inclusive para defender a data do livro. No entanto, há quem afirme que essa lista dos reis não permite uma datação precisa do Apocalipse (THOMPSON, 1990, p. 15).

[36] Outro a defender que o versículo 8 apresenta a história da besta é Hendriksen (2015, n. p.).

[37] Nessa proposta, o oitavo rei é visto como sendo a igreja. Entretanto, Babilônia parece se encaixar nesse papel, como vimos acima.

[38] Doukhan (2002, p. 162) vê ainda que a besta escarlate apresenta características do dragão, da besta do mar e do falso profeta. Assim como o dragão, ela é escarlata; como a besta do mar, é um poder blasfemo; e, como o falso profeta, é uma entidade política. Por isso, ele acredita que a besta seja a coalizão desses poderes no fim dos tempos.

[39] Embora uma visão seguida de interpretação seja comum em Daniel, não o é em Apocalipse (KOVACS; ROWLAND, 2004, p. 177).

considerar o que existe – o tempo do profeta. Müller (2007, p. 164) destaca que a leitura natural da expressão "um existe" (Ap 17:10) aponta para os dias de João. Finalmente, Paulien (2007, p. 251) salienta que "a visão não está necessariamente localizada no tempo e no lugar do profeta. Mas, quando ela é explicada, quase sempre essa explanação é dada no tempo, local e circunstâncias daquele que tem a visão".

Müller (2007, p. 162-163) destaca que o paralelo entre as três fases da besta e as suas cabeças não é um procedimento requerido pelo texto. Para ele, soa estranho uma de suas cabeças existir enquanto a besta "não é", pois a mulher é carregada por ela (MÜLLER, 2007, p. 156).[40] Além disso, Thomas (1995, p. 293) pode estar correto ao sugerir que Apocalipse 17:8 é uma passagem com aspectos proféticos, embora seja parte das palavras do anjo.[41] O que não é o caso de Apocalipse 17:9-10, que trata exclusivamente das cabeças da besta. Portanto, uma comparação com Apocalipse 17:11 parece mais adequada e pode indicar que o oitavo rei é quem emerge do abismo (CAIRD, 1966, p. 219). Assim, a fase "era" abarca as sete cabeças da besta (cinco que caíram, uma que existe e outra que ainda não chegou). A fase "não é" indica um período no qual ela não existe, e a fase "aparecerá" aponta para o tempo do aparecimento do oitavo rei.

Portanto, a sexta cabeça é mais bem localizada nos dias do profeta João, no primeiro século (FIORENZA, 1994, p. 120), o que sugere que é a partir de Roma imperial que devemos ir para a frente e para trás na interpretação das cabeças. Dessa forma, os impérios que compõem as sete cabeças podem ser: Egito, Assíria, Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia, Roma imperial (HENDRIKSEN, 2015, n. p.; SEISS, 1913, p. 129) e Roma papal (MÜLLER, 2007, p. 165).[42] Voltamo-nos agora para a identificação do oitavo rei.

6. O Oitavo Rei

A besta de Apocalipse 17:3 parece estar intimamente ligada à figura do oitavo rei, o que é sugerido por Apocalipse 17:11. Nessa passagem são feitas três declarações sobre o oitavo rei. A primeira é que ele é a besta sobre a qual a mulher está sentada (καὶ αὐτὸς ὄγδοός ἐστιν)[43], a segunda é que ele é um dos sete (καὶ ἐκ τῶν ἑπτά ἐστιν) e a terceira é que ele caminha para a destruição (εἰς ἀπώλειαν ὑπάγει). Essas três informações podem nos ajudar na identificação desse símbolo.

A razão para ver um oitavo rei em Apocalipse 17:11 envolve a expressão καὶ αὐτὸς ὄγδοός ἐστιν, que possui uma conexão com βασιλεῖς (Ap 17:9), pois ὄγδοός e βασιλεῖς são masculinos. Além disso, a expressão conecta essa figura à besta (Ap 17:3). Não sem razão, a frase pode ser traduzida como: "E ele é também um oitavo rei."[44] O aparecimento do oitavo rei ocorre num contexto escatológico, porque essa frase é paralela às expressões "está para emergir do abismo" (v. 8a) e

[40] O verbo εἰμί no imperfeito, como aparece em Apocalipse 17:8 e 17:11, pode ser traduzido por "existia". Essa tradução facilita a compreensão do argumento de Müller. Se a cabeça existe, como a besta não existia? Aune (1998, p. 940) declara que a frase "era e não é" reflete um epitáfio do mundo antigo.

[41] O uso do aoristo εἶδες (Ap 17:8, 12, 15, 16, 18) indica que João não está mais em visão (AUNE, 1998, p. 917). Entretanto, o uso do futuro παρέσται (Ap 17:8) e da frase καὶ εἰς ἀπώλειαν ὑπάγει (Ap 17:8, 11), que parece se cumprir em Apocalipse 19:20 (SIMCOX, 1909, p. 161), evidenciam o aspecto escatológico do versículo 8.

[42] Duvall (2014, p. 647) sugere que o número sete seja apenas simbólico. Porém, o fato de cinco terem caído milita contra essa posição (THOMAS, 1995, p. 297).

[43] Do ponto de vista sintático e gramatical, a frase apresenta dois problemas. Primeiro, uma vez que ela se refere à besta, há um solecismo (MOT, 2015, p. 174-175), pois o gênero do substantivo θηρίον é neutro, ao passo que αὐτὸς e ὄγδοός são masculinos. Segundo, o pronome αὐτὸς é desnecessário na frase. Para um detalhamento dos barbarismos e solecismos no livro, ver Mot (2015).

[44] Aqui αὐτὸς funciona como pronome pessoal. Para mais informações do uso desse pronome, ver Mounce (2003, p. 101-103); Blass (1898, p. 164); Robertson (1919, p. 685-687).

"aparecerá" (v. 8b). Essas expressões sugerem que o oitavo rei é uma nova manifestação da besta (PAULIEN, 2008, p. 210-211), o que nos leva à segunda frase de Apocalipse 17:11.

João também diz que o oitavo rei é um dos sete (καὶ ἐκ τῶν ἑπτά ἐστιν), mencionados em Apocalipse 17:9-10. Contudo, essa expressão é alvo de intenso debate. Três são as possíveis formas de compreender a sintaxe. Primeira, Osborne (2014, p. 691, 694) defende a tradução "está entre os sete", embora veja essa declaração como se referindo à continuidade da oposição a Deus e Seu povo. Segunda, para Beale (1999, p. 876). o genitivo indica relacionamento. Dessa perspectiva, o oitavo rei possui a mesma natureza má e a finitude dos sete anteriores (MANGINA, 2012, p. 359). A tradução sugerida nesse caso é: "E procede dos sete." Argumenta-se que se João desejasse indicar o contrário deveria ter usado o adjetivo εἷς, e a declaração deveria ser: εἷς ἐκ τῶν ἑπτά ἐστιν (MOUNCE, 1998, n. p.).[45] Porém, outros estudiosos sugerem que essa frase deva ser vista como indicando que ele "é um dos sete" (ZERWICK; GROSVENOR, 1993, p. 768), o que indica um genitivo partitivo (SMALLEY, 2005, p. 436).[46]

O paralelo com Atos 21:8 parece fortalecer essa ideia, pois o fraseado é bastante similar: ὄντος ἐκ τῶν ἑπτὰ. E claramente, nessa passagem, o sentido da expressão ἐκ τῶν ἑπτὰ é "um dos sete" (ROBERTSON, 2014, p. 1214). Em qualquer proposta é destacada a relação do oitavo com os sete anteriores. Mas a comparação com Atos parece justificada pela estrutura da frase ἐκ τῶν ἑπτὰ + εἰμί, que não ocorre em outro lugar no Apocalipse.

Além disso, essa sugestão parece mais adequada ao contexto, que, como já mencionado, trata de uma reaparição.[47] A frase εἰς ἀπώλειαν ὑπάγει pode indicar isso, pois em Apocalipse 17:8 ela é usada no contexto do ressurgimento da besta que "era e não é", uma vez que é precedida pela expressão καὶ μέλλει ἀναβαίνειν ἐκ τῆς ἀβύσσου. Portanto, em Apocalipse 17:11 ela pode indicar a mesma coisa. E os paralelos com Apocalipse 13 e 19 podem elucidar esse ponto. Começamos com Apocalipse 13.

7. Paralelos com Apocalipse 13

Apocalipse 17 possui paralelos com Apocalipse 13, que podem ser sistematizados em quatro níveis: temas, ideias, vocabulário e *background*. E tais paralelos podem ser úteis para a conexão entre o oitavo rei e a besta do mar.

De maneira mais visível, Apocalipse 17:3 se conecta com Apocalipse 13:1 ao mencionar uma besta com sete cabeças, dez chifres e com nomes de blasfêmia. Embora, haja uma pequena variação nas descrições, as semelhanças são inegáveis, sobretudo quando se percebe o tema do retorno em ambos os contextos. A reaparição dessas bestas parece ser uma tônica nos capítulos 13 e 17 do livro (CHARLES, 1920, p. 71). Em cada capítulo, essa realidade é mencionada três vezes (Ap 13:3, 12, 14; 17:8a, 8b, 11), destacando a sua relevância (OSBORNE, 2014, p. 690). Além disso, como Thomas (1995, p. 285) sublinha, em ambos os capítulos há uma conexão da besta com Babilônia (Ap 14:8-11; 17:3, 7).

Estudiosos também destacam que Apocalipse 17:14 parece ser a resposta para a pergunta de Apocalipse 13:4: "Quem pode lutar contra ela [a besta]?" (BEALE, 1999, p. 880; SMALLEY, 2005, p.

[45] Embora o grego permita outras formas para essa frase.

[46] Há vários exemplos desse tipo de genitivo no Novo Testamento. No Apocalipse ele ocorre, por exemplo, em 5:11; 11:13; 20:5, entre outros versículos. Para mais informações sobre seu uso, ver Blass (1961, p. 90-91); Matthewson (2016, n. p.).

[47] Keener (2013, n. p.) vê o mito do *Nero redivivus* com algum peso na interpretação. Entretanto, essa visão preterista enfrenta dificuldades; para elas, ver Tonstad (2008, p. 175-199); Henten (2000, p. 3-17).

439; STEFANOVIC, 2009, p. 516). Essa pergunta ocorre no contexto da "ferida mortal curada", o que parece apontar para a batalha do Armagedom. E essa batalha parece estar no centro de Apocalipse 17:12-14. Além disso, tanto em Apocalipse 13 quanto em Apocalipse 17 se mencionam "presentes" dados às bestas, com terminologia semelhante. Em ambos os capítulos se opta pelo uso do verbo δίδωμι, e Deus parece ser aquele que está por detrás dessas concessões.[48] A besta que sai do mar recebe do dragão o seu poder (τὴν δύναμιν αὐτοῦ), o seu trono (τὸν θρόνον αὐτοῦ) e grande autoridade (ἐξουσίαν μεγάλην). E a besta do abismo recebe dos dez reis seu poder e sua autoridade (τὴν δύναμιν καὶ ἐξουσίαν αὐτῶν) e seu reino (τὴν βασιλείαν αὐτῶν).

Milligan (1903, p. 282) propõe que ambas as bestas estão engajadas na luta contra os restantes da descendência da mulher, mencionados em Apocalipse 12:17. Esse ponto parece evidente em Apocalipse 17:14, e nem tanto em Apocalipse 13:1-10. Porém, há indícios que apontam nessa direção. Inicialmente, é preciso observar que a luta contra os restantes da descendência da mulher não é explicada em Apocalipse 12. Em suma, a sequência do texto sugere que os 144 mil (Ap 14:1-5) podem ser o mesmo grupo chamado de restantes da descendência da mulher (THOMAS, 1995, p. 192). E esse grupo é contrastado com os recebedores da marca da besta (Ap 13:15-17), no contexto da atuação da besta da terra em parceria com a besta do mar, após a cura da ferida mortal. Finalmente, a perseguição aos restantes da descendência da mulher é subsequente à perseguição à mulher, conforme sugere Apocalipse 12:13-16 (MILLIGAN, 1903, p. 288).

Bauckham (1993, p. 394-395) vê uma conexão entre Apocalipse 13:18 e 17:9 com base em dois elementos: a linguagem e a descrição da besta. O autor nota que "as primeiras sete palavras de 13:18 se tornam as primeiras seis palavras de Apocalipse 17:9".[49] Ele ainda observa que as sete cabeças e os dez chifres não são explicados em Apocalipse 13. Tal explicação só ocorre em Apocalipse 17:7-9 para clarificar a natureza do juízo sobre a meretriz: essa besta, o oitavo rei, em coalizão com os reis da terra, a "farão devastada e despojada". Finalmente, Collins (1976, p. 171) destaca que a equivalência entre uma das cabeças da besta e ela mesma é um ponto de similaridade entre os dois capítulos.

O *background* de ambos os capítulos também parece, em essência, ser o mesmo: ambos têm Daniel 7 por trás de suas declarações. Em Apocalipse 13, a quantidade de cabeças e chifres parece provir de lá, bem como o tempo de atuação da besta, a natureza dela e seu caráter (BEALE, 1984, p. 229-234). Em Apocalipse 17 o número oito pode ter sua origem em Daniel (ALOMÍA, 2011, p. 133). Assim, como a menção à sua destruição (Ap 17:8 e 11), uma vez que é utilizado o substantivo ἀπώλεια. O verbo ἀπολύω ocorre quatro vezes em Daniel 7 (Dn 7:11, 17, 26 [2x]), três das quais tratando da destruição do quarto animal e do chifre pequeno. Giblin (1991, p. 183) destaca que o quarto animal de Daniel 7:11 é destruído pelo fogo, tal como ocorre com a besta em Apocalipse 19:20.

Há termos paralelos também. O verbo θαυμάζω aparece em ambas as passagens e em um contexto similar. Em Apocalipse 13:3 é dito que "toda a terra se maravilhou (θαυμάζω), seguindo a besta" depois que sua ferida mortal foi curada. E, como resultado, "adoraram (προσκυνέω) o dragão" (v. 4) e a besta. Essa declaração aparece novamente em Apocalipse 13:8;[50] ali os que habitam sobre a terra irão adorar a besta. Apocalipse 17:8 também usa o verbo θαυμάζω para se referir à reação dos que habitam sobre a terra diante do *aparecimento* da besta do abismo. Portanto, Apocalipse 17:8

[48] Esse fato é sugerido em Apocalipse 13:5, em que o verbo δίδωμι na voz passiva tem Deus como sujeito implícito. Então, a autoridade concedida pelo dragão a besta, na verdade, tem sua origem em Deus (OSBORNE, 2014, p. 560), o que pode sugerir que o poder e o trono do dragão também são conferidos a besta sob a permissão divina. Em Apocalipse 17:17 essa ideia parece clara, e o uso de γνώμη num contexto similar, no versículo 13, aponta para um paralelo entre esses versículos.

[49] Apocalipse 13:18 – ὧδε ἡ σοφία ἐστίν· ὁ ἔχων νοῦν ψηφισάτω e Apocalipse 17:9 – Ὧδε ὁ νοῦς ὁ ἔχων σοφίαν.

[50] Para a estrutura de Apocalipse 13:1-10 e a sugestão de que os versículos 5 a 10 explicam os versículos 1-4, ver Shea (2013, p. 375-379).

parece repetir 13:3-4 e é paralelo a 13:8, pois trata das mesmas realidades (WILLIAMSON, 2015, p. 531). Tais paralelos sugerem que o oitavo rei é a besta que emerge do mar após a cura da ferida mortal (STEFANOVIC, 2009, p. 514). Veja as semelhanças entre Apocalipse 13:8 e 17:8:

Apocalipse 13:8 – καὶ προσκυνήσουσιν αὐτὸν πάντες **οἱ κατοικοῦντες ἐπὶ τῆς γῆς**, **οὗ οὐ γέγραπται τὸ ὄνομα** αὐτοῦ ἐν **τῷ βιβλίῳ τῆς ζωῆς** τοῦ ἀρνίου τοῦ ἐσφαγμένου **ἀπὸ καταβολῆς κόσμου**

Apocalipse 17:8 – καὶ θαυμασθήσονται **οἱ κατοικοῦντες ἐπὶ τῆς γῆς**, **ὧν οὐ γέγραπται τὸ ὄνομα** ἐπὶ **τὸ βιβλίον τῆς ζωῆς ἀπὸ καταβολῆς κόσμου**, βλεπόντων τὸ θηρίον ὅτι ἦν καὶ οὐκ ἔστιν καὶ παρέσται

8. Paralelos com Apocalipse 19

O conceito de recapitulação,[51] sugerido primeiramente por Vitorino de Pettau (GIBLIN, 1994, p. 81),[52] tem sido aceito e defendido por vários estudiosos do livro. Para Williamson (2015, n. p.), "o ponto mais importante sobre a estrutura do Apocalipse é que seu enredo não avança cronologicamente". Collins (1976, p. 32-44) sugere que, com exceção do primeiro grupo de sete que trata das igrejas, todas as demais visões, quer numeradas ou não,[53] possuem natureza recapitulativa. E esse conceito pode ter implicações para a compreensão da identidade do oitavo rei de Apocalipse 17 no contexto da batalha do Armagedom, pois os estudiosos notam um paralelo entre Apocalipse 17:12-14 e 19:11-21. Essa última passagem detalha a "peleja do grande dia do Deus Todo-Poderoso" (NICHOL, 2014, p. 951).

Caird (1966, p. 243) vê três elementos que conectam Apocalipse 17:12-14 e 19:11-21: os personagens envolvidos (a besta, os reis, o Cordeiro e seus aliados), a vitória do Cordeiro e seus seguidores, e o título "Senhor dos senhores e Rei dos reis", que é a causa da vitória do Cordeiro. Ele observa que, em ambas as descrições da mesma batalha (OSBORNE, 2014, p. 697) esses elementos ocorrem. A besta parece estar na liderança dessa tentativa de guerra contra o Cordeiro em Apocalipse 19:19. Entretanto, em Apocalipse 17:14, que é chamado de "paralelo fragmentário" por Aune (1998, p. 1065), isso não é explicitado. O contexto e a sintaxe, contudo, parecem apontar nessa direção. O pronome masculino e plural οὗτοι pode enquadrar a besta, além dos dez reis, uma vez que ela é identificada com o oitavo rei (καὶ αὐτὸς ὄγδοός ἐστιν) em Apocalipse 17:11. E o termo oitavo (ὄγδοός) é masculino. Adicionalmente, o mesmo pronome é utilizado em Apocalipse 17:16 para se referir à besta e aos dez reis.

Beale (1999, p. 878) acrescenta que as expressões "reis do mundo inteiro" (Ap 16:14), "dez reis" (Ap 17:12-14) e "reis da terra" (Ap 19:19) são equivalentes. Para ele, a evidência está no fato de que, em cada caso, eles se unem à besta para lutar contra o Cordeiro na batalha do Armagedom. De fato, Apocalipse 17 aparenta ser uma espécie de exegese de 16:12-16 (PAULIEN, 2008, p. 208) e trata

[51] Alguns estudiosos preferem o termo reiteração por causa do uso que Irineu fez do termo recapitulação; ver Michaels (1992). Contudo, Thomas (1993, p. 47) lembra que o termo recapitulação é bem estabelecido quando se trata da estrutura do livro e argumenta que uma mudança de nomenclatura pode ser desaconselhável.

[52] Embora ele não tenha usado o termo em si. Sua ênfase estava no paralelo entre as trombetas e as sete pragas. Mais tarde, os selos foram incorporados a esse conceito.

[53] Para uma crítica em atribuir numeração para as visões que João não numera, ver Bauckham (1993, p. 95). O autor destaca que a segunda série usa a expressão "e vi" oito vezes, e não sete. Garrow (1997, p. 9-10) observa que se João desejasse que essas visões fossem vistas em conjunto, poderia tê-las numerado como fez com as igrejas, os selos e as trombetas.

com a batalha final da história terrestre (KISLER, 1992, p. 426), descrita na sexta e sétima pragas (STRAND, 1976, p 49; LARONDELLE, 1992, p. 154). E, se é assim, então Doukhan (2002, p. 176) pode estar correto ao sugerir que o cavaleiro do cavalo branco (Ap 19:11 e 19) é paralelo ao Deus que vem como ladrão (Ap 16:14-16).

O título "Senhor dos senhores e Rei dos reis" também pode fortalecer o conceito de recapitulação dessa luta (MANGINA, 2010, n. p.), uma vez que ele é singular no livro e ocorre somente nesses dois capítulos. Slater (1993, p. 160) nota que Apocalipse 19:16 tem Daniel 4:37 como fonte para esse título, o mesmo texto que parece ser a fonte de Apocalipse 17:14 (BEALE, 1985, p. 618-620). Não sem razão, Stefanovic (2009, p. 554) destaca que tal fato indica que Apocalipse 19 completa a cena introduzida em Apocalipse 17. Além disso, em ambos os contextos o "Senhor dos senhores e Rei dos reis" não está sozinho; é acompanhado pelos eleitos e fiéis (Ap 17:14) e pelos "exércitos que há nos céus" (Ap 19:14).[54] E, em cada caso, o Cordeiro e seu exército são vencedores.

Esses paralelos sugerem que os personagens são os mesmos nesses capítulos. Assim, a besta que "foi aprisionada" junto com o falso profeta pode ser a mesma que é mencionada em Apocalipse 17. Gramaticalmente esse parece ser o caso, pois o termo "besta" em Apocalipse 19:20 é acompanhado pelo artigo (τὸ θηρίον), que pode estar sendo usado de maneira anafórica.[55] De fato, a partir de Apocalipse 17:7 o termo θηρίον sempre é precedido pelo artigo (17:7, 8 [2x], 11, 12, 13, 16, 17; 19:19, 20 [2x]; 20:4, 10) e sempre parece ter a besta de Apocalipse 17:3 como referente. Alford (1878, p. 706) destaca que, apesar de essa besta ser introduzida como se fosse uma nova entidade em Apocalipse 17, sua identidade é "expressamente estabelecida" em Apocalipse 19:19-20. O versículo 20 diz: "Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta e eram adoradores da sua imagem." Tais palavras podem ser um eco de Apocalipse 13:14. Veja o paralelo, em grego, abaixo:

Apocalipse 19:20 – καὶ ἐπιάσθη **τὸ θηρίον** καὶ μετ᾽ αὐτοῦ ὁ ψευδοπροφήτης **ὁ ποιήσας τὰ σημεῖα ἐνώπιον αὐτοῦ**, ἐν οἷς **ἐπλάνησεν** τοὺς λαβόντας τὸ χάραγμα τοῦ θηρίου καὶ τοὺς προσκυνοῦντας τῇ **εἰκόνι αὐτοῦ**

Apocalipse 13:14 – καὶ **πλανᾷ** τοὺς κατοικοῦντας ἐπὶ τῆς γῆς διὰ **τὰ σημεῖα** ἃ ἐδόθη αὐτῷ **ποιῆσαι ἐνώπιον τοῦ θηρίου**, λέγων τοῖς κατοικοῦσιν ἐπὶ τῆς γῆς ποιῆσαι **εἰκόνα τῷ θηρίῳ**, ὃς ἔχει τὴν πληγὴν τῆς μαχαίρης καὶ ἔζησεν

As frases gregas τὰ σημεῖα ἃ ἐδόθη αὐτῷ ποιῆσαι ἐνώπιον τοῦ θηρίου (Ap 13:14) e ὁ ποιήσας τὰ σημεῖα ἐνώπιον αὐτοῦ (Ap 19:20) não somente indicam que o falso profeta é uma referência à besta da terra (BECKWITH, 1919, p. 734-735), mas sugerem que a besta aprisionada com ele é a mesma que surge do mar. Essas declarações possuem um contexto em Apocalipse 13:14: a cura da ferida mortal (ὃς ἔχει τὴν πληγὴν τῆς μαχαίρης καὶ ἔζησεν), o que parece ser o contexto para Apocalipse 19:20 (SWETE, 1906, p. 211). Ademais, o uso do artigo nessa passagem, que identifica a besta aprisionada com o oitavo rei de Apocalipse 17:11 (καὶ τὸ θηρίον ὃ ἦν καὶ οὐκ ἔστιν καὶ αὐτὸς ὄγδοός ἐστιν), pode fortalecer essa ideia, pois Apocalipse 17:8 menciona o oitavo rei saindo do abismo. Tais fatos apontam para uma nova fase de atuação dessa besta, posterior à fase "era e não é". E isso se soma ao que já foi visto na exegese de Apocalipse 17.

[54] Horton (1991, n. p.) estabelece uma relação entre essas duas passagens. Para ele, o exército mencionado em Apocalipse 19:14 se refere aos eleitos e fiéis de Apocalipse 17:14.

[55] Para mais informações sobre o uso do artigo anafórico no grego, ver Wallace (2009, p. 217-220).

Portanto, parece natural que existam algumas diferenças entre as descrições da besta em Apocalipse 13 e Apocalipse 17, entre as quais, o local de sua origem.[56] Além disso, os paralelos sugerem uma distinção entre ela e o falso profeta. Mais tarde, em Apocalipse 20:10, a besta também se distingue do dragão. Finalmente, eles lançam luz adicional para a compreensão da frase ἐκ τῶν ἑπτά ἐστιν (Ap 17:11). Em suma, Apocalipse 19:11-21 contribui para a identificação do oitavo rei e auxilia na exegese de Apocalipse 17.

9. Considerações Finais

As seguintes conclusões resumem este artigo. Primeira, o oitavo rei é a besta em uma nova aparição. Segunda, é um reino que aparece num contexto escatológico. Terceira, esse reino é distinto da besta que emerge da terra, do falso profeta (Ap 19:20) e do dragão (Ap 20:10). Quarta, esse reino é um dos sete anteriores. Finalmente, o aparecimento do oitavo rei envolve a cura da ferida mortal de Apocalipse 13:4, 8.

Referências

ALFORD, H. **The Greek Testament:** The Epistle to the Hebrews; the Catholic Epistles of St. James and St. Peter; the Epistles of St. John and St. Jude; and the Revelation. Boston, MA: Lee and Shepards Publishers, 1878. Disponível em: <https://archive.org/details/GreekTestamentCriticalExegeticalCommentaryByHenry/04.GreekTestament.CritExegComm.v4.Heb.toRevel.Alford.1878./>. Acesso em: 28 mar. 2022.

ALOMÍA, M. **Apocalipsis**: mensage misericordioso y oportuno. Lima, Peru: Idemerjos, 2011.

AUNE, D. **Revelation 17-22**. Word Biblical Commentary, v. 52C. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998.

BAUCKHAM, R. **The climax of Prophecy**: studies on the book of Revelation. Edimburg: T&T Clark, 1993.

BEALE, G. **The use of Daniel in Jewish apocalyptic literature and in the Revelation of St. John**. Eugene, OR: Wipf and Stock, 1984.

BEALE, G. The origin of the title "King of Kings and Lord of Lords" in Revelation 17. 14. **New Testament Studies**, v. 31, n. 4, p. 618-620, 1985.

BEALE, G. **The book of Revelation**: a commentary on the Greek text. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999.

[56] Entretanto, Chilton (p. 424) sugere que, uma vez que a mulher está sentada sobre muitas águas e sobre a besta, há uma relação entre elas, o que, em seu ponto de vista, fortalece a conexão com a besta do mar. Por sua vez, Lenski (1963, p. 500) defende que não há dificuldades entre Apocalipse 13:1 e 17:8 e os locais de saída da besta, uma vez que a declaração de 17:8 envolve a segunda aparição (depois da fase "era e não é"). Esse fato também pode explicar a razão pela qual ela é descrita sem o artigo em Apocalipse 17:1, uma vez que se trata de uma nova aparição da besta.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 25-44, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-2
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

BEALE, G.; MCDONOUGHT, S. M. Apocalipse. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Eds.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 1.318-1.415.

BECKWITH, I. **The Apocalypse of John**: studies in introduction with a critical and exegetical commentary. New York: Macmillan, 1919.

BÍBLIA. **Bíblia de estudo Almeida**. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.
BIGUZZI, G. Is the Babylon of Revelation Rome or Jerusalem? **Biblica**, v. 87, n. 3, p. 371-386, 2006.

BLASS, F. **Grammar of the New Testament Greek**. New York: Macmillan, 1898.

BLASS, F.; DEBRUNNER, A. **A Greek grammar of the New Testament and Other early Christian literature**. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1961.

BLOUNT, B. **Revelation**: a commentary. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2009.

BORING, E. **Revelation**. Louisville, KY: John Knox Press, 1989.

CAIRD, G. **A commentary on the Revelation of St. John the Divine**. New York: Harper and Row, 1966. Disponível em: <https://archive.org/details/commentaryonreve0000cair/page/n5/mode/2up?view=theater>. Acesso em 28 mar. 2022.

CHARLES, R. **A critical and exegetical commentary on the Revelation of St. John**. V. 2. New York: Charles Scribner's Sons, 1920.

CHILTON, D. **The days of vengeance**: an exposition of the book of Revelation. Ft. Worth, TX: Dominion Press, 1987.

COLLINS, A. **Crisis and catharsis**: the power of Apocalypse. Philadelphia, PA: The Westminster Press, 1984.

COLLINS, A. **The combat myth in the book of Revelation**. Harvard Dissertation in Religion, v. 9. Missoula, MT: Scholars Press, 1976.

DORNELES, V. O oitavo império: novas hipóteses para os símbolos de Apocalipse 17. **Kerygma**, v. 9, n. 2, p. 27-42, 2013.

DOUKHAN, J. **Secrets of Revelation**: the Apocalypse through Hebrew eyes. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 25-44, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-2
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

DUFF, P. **Who rides the beast?** Prophetic rivalry and the rhetoric of crisis in the churches of the Apocalypse. New York: Oxford University Press, 2001.

DUVALL, J. **Revelation**. Grand Rapids, MI: Baker, 2014. E-book.

DYER, C. The identity of Babylon in Revelation 17-18: part 1. **Bibliotheca Sacra**, v. 144, n. 575, p. 305-316, 1987.

DYER, C. The identity of Babylon in Revelation 17-18: part 2. **Bibliotheca Sacra**, v. 144, n. 576, p. 433-449, 1987.

FARRER, A. **A rebirth of images**: the making of St John's Apocalypse. Albany, NY: State University of New York Press, 1986.

FEE, G. **Revelation**: a new covenant commentary. Cambridge: The Lutterworth Press, 2013. E-book.

FIORENZA, E. **Apocalisse**: visione di un mondo giusto. Brescia: Editrice Queriniaria, 1994.

FORD, J. M. **Revelation**: introduction, translation, and commentary. New York: Doubleday, 1975.

GARROW, A. **Revelation**. New York: Routledge, 2002.

GENTRY, K. **Before Jerusalem fell**: dating the book of Revelation. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1989.

GIBLIN, C. Structural and thematic correlations in the theology of Revelation 16–22. **Biblica**, v. 55, n. 4, p. 487-504, 1974.

GIBLIN, C. **The book of Revelation**: the open book of prophecy. Collegeville, MN: The Liturgical Press, 1991. Disponível em: <https://archive.org/details/bookofrevelation0000gibl>. Acesso em 21 set. 2022.

GIBLIN, C. Recapitulation and the literary coherence of John's Apocalypse. **The Catholic Biblical Quarterly**, v. 56, n. 1, p. 81-95, 1994.

HARRINGTON, W. **Revelation**. Collegeville, MN: The Liturgical Press, 1993.

HENDRIKSEN, W. **More than conquerors**: an interpretation of the Book of Revelation. Grand Rapids, MI: Baker, 2015. E-book.

HENTEN, J. *Nero Redivivus* demolished: the coherence of the Nero traditions in the Sibylline Oracles. **Journal for the Study of the Pseudepigrapha**, v. 11, n. 21, p. 3-17, 2000.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 25-44, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-2
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

HITCHCOCK, M. A critique of the preterist view of Revelation 17:9-11 and Nero. **Bibliotheca Sacra**, v. 164, n. 656, p. 472-285, 2007.

HOEKSEMA, H. **Behold he cometh!** An exposition of the book of Revelation. Grand Rapids, MI: Reformed Free Publishing Association, 2000. E-book.

HOLMES, M. (Ed.). **The Greek New Testament:** SBL Edition. Atlanta, GA: Society of Biblical Literature, 2010.

HORTON, S. **The ultimate victory**: an exposition of the book of Revelation. Springfield, MO: Gospel Publishing House,1991. E-book.

JAUHIAINEN, M. The OT background to "Armageddon" (Rev. 16:16) revisited. **Novum Testamentum**, v. 47, n. 4, p. 381-393, 2005.

JEFFREY, G. **Apocalypse**: the coming judgment of the nations. Colorado Springs, CO: Water Brook Press, 1992.

JOHNSON, A. **Revelation**. Expositor's Bible Commentary. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2006. E-book.

KEENER, C. **Apocalipsis**: del texto bíblico a uma aplicación contemporânea. Miami, FL: Editorial Vida, 2013. E-book.

KELLY, W. **Lectures on the book of Revelation**. London: W. H. Broom, 1871.

KIDDLE, M. **The Revelation of St. John**. New York; London: Harper and Brothers, 1940.

KISTEMAKER, S. **Apocalipse**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

KOESTER, C. **Revelation**: a new translation with introduction and commentary. Anchor Yale Bible Commentary, v. 38A. London: Yale University Press, 2014.

KOVACS, J.; ROWLANDS, C. **Revelation**: The Apocalypse of Jesus Christ. Malden, MA: Blackwell, 2004.

KREITZER, L. Hadrian and the Nero *Redivivus* Myth. **Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der Älteren Kirche**, v. 79, n. 1-2, p. 92-115, 1988.

KRODEL, G. **Revelation**. Mineápolis, MN: Augsburg Fortress, 1989. E-book.

LADD, G. **El Apocalipsis de Juan***:* un comentario*.* Miami, FL: Editorial Caribe, 1985.

LaRONDELLE, H. The etymology of Har-Magedon (Revelation 16:16). **Andrews University Seminary Studies**, v. 27, n. 1, p. 69-73, 1989.

LARONDELLE, H. **How to understand the end-time prophecies of the Bible**. Miami, FL: First Impressions, 1997.

LaRONDELLE, H. **Armagedom**: o verdadeiro cenário da guerra final. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

LENSKI, R. **The interpretation of St. John's Revelation**. Minnepolis, MN: Augsburg Publishing House, 1963.

LOASBY, R. "Har-Magedon" according to the Hebrew in the setting of the seven last plagues of Revelation 16. **Andrews University Seminary Studies**, v. 27, n. 2, p. 129-132, 1989.

LYU, R. **The background and meaning of the image of the beast in Rev. 13:14, 15**. 2016. Tese (Doutorado em Filosofia) – Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews University, Berrien Springs, Michigan, 2016.

MANGINA, J. **Revelation**. Grand Rapids, MI: Brazos Press, 2012. E-book.

MATTHEWSON, D.; EMIG, E. **Intermediate Greek grammar**: syntax for students of the New Testament. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2016. E-book.

MAXWELL, M. **Uma nova era segundo as profecias do Apocalipse**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

METZGER, B. M. **Un comentario textual al Nuevo Testamento Griego**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

MICHAELS, J. **Interpreting the book of Revelation**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 1992. E-book.

MILLIGAN, W. **The book of Revelation**. New York: A. C. Armstrong & Son, 1903.

MORRIS, L. **Revelation**. Tyndale New Testament Commentaries, v. 20. Nottingham: InterVarsity, 2009. E-book.

MOT, L. **Morphological and syntactical irregularities in the Book of Revelation**: a Greek hypothesis. Leiden, Netherlands: Brill, 2015.

MOUNCE, R. **The book of Revelation**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998. E-book.

MOUNCE, W. **Basics of Biblical Greek grammar**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2003.

MÜLLER, E. The beast of Revelation 17: a suggestion (part I). **Journal of Asia Adventist Seminary**, v. 10, n. 1, p. 27-50, 2007.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 25-44, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-2
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

MÜLLER, E. The beast of Revelation 17: a suggestion (part II). **Journal of Asia Adventist Seminary**, v. 10, n. 2, p. 153-176, 2007.

NICHOL F. D. (Ed.). **Comentário bíblico adventista do sétimo dia**. V. 7. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

OMANSON, R. L. **Variantes textuais do Novo Testamento:** análise e avaliação do aparato crítico de "O Novo Testamento Grego". Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

OSBORNE, G. R. **Apocalipse***:* comentário exegético*.* São Paulo: Vida Nova, 2014.

PATE, M. (Org.). **O Apocalipse**: quatro pontos de vista. São Paulo: Vida, 2003.

PATTERSON, P. **Revelation**: an exegetical and theological exposition of the Holy Scripture. Nashville: B&H Publishing Group, 2012. E-book.

PAULIEN, J. The role of the Hebrew cultus, sanctuary, and temple in plot and structure of the book of Revelation. **Andrews University Seminary Studies**, v. 33, n. 2, p. 245-264, 1995.

PAULIEN, J. A hermenêutica da apocalíptica bíblica. In: REID, G. W. (Ed.). **Compreendendo as Escrituras:** uma abordagem adventista*.* Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2007, p. 245-270.

PAULIEN, J. **Armageddon at the door: an insider's guide to the Book of Revelation**. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2008.

PRIGENT, P. **L'Apocalypse de Saint Jean**. Paris: Delachaux et Niestlé, 1981.

RAMOS, S. **As revelações do Apocalipse**. V. 3. Curitiba, PR: Sergraf, 2014.

REDDISH, M. **Revelation**. Macon, GA: Smyth & Helwys, 2001.

REYNOLDS, E. The seven-headed beast of Revelation 17. **Asia Adventist Seminary Studies**, v. 6, p. 93-109, 2003.

ROBERTSON, A. **Grammar of the Greek New Testament in the light of historical research**. London: Hodder & Stoughton, 1919.

ROBERTSON, A. **Comentário do Novo Testamento à luz do Novo Testamento grego**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2014.

ROBINSON, J. **Redating the New Testament**. Filadélfia, PA: The Westminster Press, 1976.
ROLOFF, J. **Revelation**. Minneapolis, MN: Fortress, 1993.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 25-44, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-2
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

SEISS, J. **The Apocalypse:** a series of special lectures on the Revelation of Jesus Christ with revised text. V. 3. New York, NY: Charles C. Cook, 1913.

SHEA, W. The location and significance of Armageddon in Rev 16:16. **Andrews University Seminary Studies**, v. 18, n. 2, p. 157-162, 1980.

SHEA, W. Profecias de tempo de Daniel 12 e Apocalipse 12-13. In: HOLBROOK, F. (Ed.). **Estudos sobre o Apocalipse**: temas introdutórios. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2013, p. 349-382.

SIMCOX, W. **The Revelation of S. John the Divine**: With Notes and Introduction. Cambridge: University Press, 1909.

SLATER, T. "King of Kings and Lord of Lords" revisited. **New Testament Studies**, v. 39, n. 1, p. 159-160, 1993.

SMALLEY, S. **The Revelation to John**: a commentary on the Greek Text of Apocalypse. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2005.

SMITH, U. **Considerações sobre Daniel e Apocalipse**. Série Legado dos Pioneiros Adventistas. Engenheiro Coelho, SP: Centro White Press, 2014.

STEFANOVIC, R. **Revelation of Jesus Christ**: commentary on the book of Revelation. 2. ed. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009.

STEFANOVIC, R. The seven heads of the beast in Revelation 17. **Faculty Publications**, n. 16, p. 16-19, 2013.

STRABO. **Geography**: books 3-5: with an English translation by Horace Leonard Jones. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1923.

STRAND, K. A. **Interpreting the book of Revelation***:* hermeneutical guidelines, with brief introduction to literary analysis*.* Worthington, OH: Ann Arbor Publishers, 1976.

STRAND, K. ¿Representan las siete cabezas emperadores romanos? In: Holbrook, F. (Ed.). **Símposio sobre Apocalipsis – II**. Florida: Asociación Publicadora Interamericana; México: Agencia de Publicaciones Mexico Central, A. C., 2011, p. 222-260.

STUART, M. **Commentary on the Apocalypse**. V. II. Andover, MA: Allen, Morrill and Wardwell, 1845.

SWETE, H. **The Apocalypse of St. John**: the Greek text with introduction notes and indices. London: Macmillian and Co., Limited, 1906.

THOMAS, R. The structure of the Apocalypse: recapitulation or progression. **The Master's Seminary Journal**, v. 4, n. 1, p. 45-66, 1993.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 25-44, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-2
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

THOMAS, R. **Revelation 8-22***:* an exegetical commentary. Chicago, IL: Moody Press, 1995.

THOMPSON, L. **The book of Revelation**: Apocalypse and empire. New York: Oxford University Press, 1990.

TONSTAD, S. Appraising the myth of *Nero Redivivus* in the interpretation of Revelation. **Andrews University Seminary Studies**, v. 46, n. 2, p. 175-199, 2008.

TONSTAD, S. K. **Revelation**. Paideia: Commentaries on the New Testament. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2019. E-book.

VANNI, U. **Apocalipsis**: una asamblea litúrgica interpreta la historia. Estella-Navarra: Editorial Verbo Divino, 1998.

VELOSO, M. **Apocalipsis y el fin del mundo**. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1999.

WALLACE, D. **Gramática grega***:* uma sintaxe exegética do Novo Testamento. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

WALVOORD, J. **Revelation***.* Chicago, IL: Moody Publishers, 2011. E-book.

WILCOCK, M. **The message of Revelation**: I saw heaven opened. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1975. E-book.

WILLIAMSON, P. **Revelation**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2015. E-book.

WITHERINGTON III, B. **Revelation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

ZERWICK, M.; GROSVENOR, M. **A Grammatical analysis of the Greek New Testament**. 4. ed. rev. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1993.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 25-44, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-2
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

TEOLOGIA em revista

ISSN 2764-7528

INTRODUCCIÓN A UNA TEOLOGÍA DEL LIDERAZGO PASTORAL

WALTER ALAÑA H.[1]

Resumen: Este artículo procura demostrar que existe suficiente evidencia bíblica para afirmar que la metáfora del cuidado pastoral es la referencia más recurrente de un modelo bíblico de liderazgo que puede ser calificado como liderazgo pastoral. En medio de la gran cantidad de textos bíblicos que abordan este tema, se han identificado siete postulados teológicos que pueden servir de punto de partida de una teología bíblica del liderazgo pastoral. Dios es el pastor divino que jamás abandona a su pueblo. Sin embargo, en su soberanía y gracia, Él decide pastorear a su pueblo a través de pastores humanos que son elegidos directamente por él. Estos humanos son llamados para desempeñar tres funciones pastorales esenciales: alimentar, cuidar y conducir al rebaño de Su Señor. Lamentablemente, la historia sagrada registra que, en reiteradas ocasiones, los pastores humanos fueron infieles a su cometido. Jesús aparece como el restaurador del ministerio pastoral. Él es el "Buen pastor" que se constituye el modelo divino que los pastores humanos deben imitar. Él designa a sus apóstoles como los encargados de liderar pastoralmente a la naciente iglesia. El apóstol Pedro y posteriormente, el apóstol Pablo se constituyeron en paradigmas de la clase de ministerio que se requiere cumplir con el propósito de completar la misión mundial de la predicación de evangelio. Elena G. de White y los pioneros de la iglesia adventista respaldaron e impulsaron decididamente un modelo pastoral de características apostólicas que estuviera totalmente enfocado en completar la misión de predicar el evangelio a todo el mundo.

Palabras claves: Liderazgo; Pastor; Pueblo; Misión.

INTRODUCTION TO A THEOLOGY OF PASTORAL LEADERSHIP

Abstract: This article seeks to demonstrate that there is sufficient biblical evidence to affirm that the metaphor of pastoral care is the recurrent reference to a biblical model of leadership, which can be qualified as pastoral leadership. In the midst of the large number of biblical texts that address this

[1] Doutor em Ministério (D.Min., Andrews University). Diretor do Seminário Latino-americano de Teologia – Universidad Peruana Unión. E-mail alana@upeu.edu.pe.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 45-56, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-3
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

topic, seven theological postulates have been identified that can serve as a starting point for a biblical theology of pastoral leadership. God is the divine shepherd who never abandons his people. However, in his sovereignty and grace, He decides to shepherd his people through human shepherds who are directly chosen by him. These humans are called to perform three essential pastoral functions: feeding, caring for, and leading the flock of their Lord. Unfortunately, sacred history records that, on repeated occasions, human shepherds were unfaithful to their mission. Jesus appears as the restorer of the pastoral ministry. He is the "Good Shepherd" who constitutes the divine model that human shepherds must imitate. He appoints his apostles as those in charge of pastorally leading the nascent church. The apostle Peter and later, the apostle Paul became paradigms of the kind of ministry that is required to fulfill the purpose of completing the world mission of preaching the gospel. Ellen G. White and the pioneers of the Adventist Church strongly supported and promoted a pastoral model with apostolic characteristics that was totally focused on completing the mission of preaching the gospel to the entire world.

Keywords: Leadership; Pastor; People; Mission.

1. Introduccción

La mayoría de los esfuerzos por identificar un modelo bíblico de liderazgo se han enfocado generalmente en el modelo del liderazgo de servicio. Múltiples autores han concluido que el modelo de liderazgo de servicio modelado por Jesús es la mayor contribución que la Biblia hace sobre este tema.[2] Sin embargo, existen otros estudios[3] que sugieren que el lenguaje metafórico del cuidado pastoral, que aparece a lo largo de toda la Biblia, apunta a un modelo de liderazgo pastoral que alcanza su clímax en la encarnación de Cristo, "el buen pastor" (Jn 10:14),[4] en ocasión de su primera venida; y logrará su consumación definitiva con el establecimiento escatológico del reino de Dios (Mi 5:4).

En este artículo se abordan siete postulados teológicos que se sugieren como punto de partida de una teología bíblica del liderazgo pastoral. Se finaliza con un breve análisis de las raíces apostólicas del ministerio pastoral adventista.

2. Dios es el Divino Pastor de su Pueblo

Desde el Génesis hasta el Apocalipsis, las Escrituras declaran de manera recurrente que Dios es el pastor divino de su pueblo. Aunque los pastores humanos pueden fracasar, el Pastor divino no lo hará. En Génesis 48:15, Jacob reconoce que Dios ha sido su pastor con las siguientes palabras: "Y bendijo a José, y dijo: El Dios delante de quien anduvieron mis padres Abraham e Isaac, el Dios que *ha sido mi pastor* toda mi vida hasta este día […]" (BLA; cursiva añadida). Posteriormente, al repasar las aflicciones de José, Jacob reconoce que fue el Pastor divino el que sostuvo la vida de José en medio de la adversidad. "Le causaron amargura, le lanzaron flechas, lo aborrecieron los arqueros, mas su arco se mantuvo poderoso y los brazos de sus manos se fortalecieron por las manos del Fuerte de Jacob, *por el nombre del Pastor*, la Roca de Israel" (Gén. 49:23,24; cursiva añadida).

En los Salmos encontramos múltiples referencias a Dios como el pastor de su pueblo. Entre las numerosas menciones destaca: Sal. 28:9; 79:13; 80:1; 100:3. Pero, sin lugar a dudas, es el Salmo 23, conocido como el Salmo del Pastor, donde la descripción del cuidado pastoral de Dios destaca con

[2] Como ejemplo ver los trabajos de Howell Jr. (2003); y de Bell (2014).
[3] Ver especialmente Laniak (2006); Witmer (2012).
[4] La versión bíblica que se usa para este artículo, a menos que se especifique lo contrario, es la RV60.

mayor claridad. En el Salmo 23:1, David declara confiadamente: "Jehová es mi pastor nada me faltará", en una clara alusión al cuidado pastoral que Dios manifestó por su pueblo durante su peregrinaje por el desierto (cf. Deut. 2:7).

Posteriormente, es probablemente el profeta Isaías quien expresa de mejor manera el tierno cuidado pastoral que Dios tiene por pueblo: "Como pastor apacentará su rebaño; en su brazo llevará los corderos, y en su seno los llevará; pastoreará suavemente a las recién paridas" (Isa. 40:11). Esta mirada de Dios como el fiel pastor de su pueblo se mantendrá de manera transversal a lo largo del Nuevo Testamento, hasta llegar al libro de Apocalipsis. Allí en tres pasajes: 2:27, 12:5 y 19:15, se señala que al final de la historia, Jesucristo "regirá (a las naciones) con vara de hierro". La palabra que se traduce como "regir" es el griego *poimano* que también puede traducirse como pastorear. Es decir, ese será el momento cuando se cumplirá de manera definitiva lo señalado por Jesús, el buen pastor, en Juan 10:16: "También tengo otras ovejas que no son de este redil; aquellas también debo traer, y oirán mi voz; y habrá un rebaño, y un pastor".

3. El Pastor Divino Pastorea a su Pueblo Mediante Pastores Humanos

A lo largo de la historia sagrada, podemos observar que Dios escogió instrumentos humanos para que guiaran a su pueblo. Quienes fueron escogidos por Dios, practicaron un estilo distintivo de liderazgo que la Biblia califica como pastoral (cf. Sal 77:20; 78:70-72; Jr 23; Is 44:28; Ez 34; Jn 10:11; 21:15-17; Hch 20:28; Heb 13:7).[5] En una obra reciente, Timothy S. Laniak (2006, p. 21) concluye que "una de las principales metáforas con las que los autores bíblicos conceptualizaron el liderazgo es el pastoreo. Esto es bastante consistente a lo largo de todo el Antiguo y Nuevo Testamento". Aunque estos personajes desempeñaron distintas funciones, todos tenían el deber de ejercer un liderazgo de carácter pastoral. Es decir, debían actuar como pastores humanos en representación del Pastor divino (cf. Gn 49:24; 1 Cr 17:6; Sal 23:1; Is 44:28; 1 P 2:25; 5:4). En el AT, las personas llamadas por Dios para compartir el cuidado pastoral de su pueblo, cumplían generalmente el oficio de "profeta, sacerdote o rey" (LIVINGSTON, 1980, p. 853).[6]

4. Las tres funciones bíblicas del pastor

Los instrumentos humanos a quienes Dios escogía para velar por su pueblo cumplían con tres tareas fundamentales: (1) cuidar y proteger al rebaño de sus enemigos (Eze. 34:4-8); (2) apacentar con el alimento adecuado, es decir, con la Palabra de Dios que era atesorada en sus corazones (Jer. 23:1-4 cf. Ose. 4:6-9) y (3) liderar al pueblo en el cumplimiento de los propósitos del Pastor divino (Sal. 77:20). Estas tareas requerían tanto de cualidades de carácter como de competencias adecuadas. En este sentido, el Salmo 78:72 afirma: "Y los apacentó conforme a la integridad de su corazón; los pastoreó (o lideró, heb. נחה) con la pericia de sus manos".

Adicionalmente, una lectura cuidadosa del AT en relación con este tema sugiere que Moisés (Ex 2:15-31; 14:30-31; 32:11-12; 33:33:11-23; cf. Sal 77:20; Is 63:11) y posteriormente David (Sal 78:70-

[5] Tremper Longman III (2008, p. 206-207) menciona que "La figura del Pastor es familiar en las Escrituras. Ésta es usada para (referirse a líderes, humanos y divinos, que cuidan y protegen a quienes son puestos bajo su responsabilidad".

[6] Además, es interesante observar que tanto los profetas, como los sacerdotes y reyes eran ungidos con aceite antes de poder desempeñar sus funciones de carácter pastoral.

72 cf. 1 S 16:7,11-12; 2 S 5:2; 1 R 9:4; 14:8; 15:5, etc.), fueron líderes ejemplares en el cumplimiento de las funciones pastorales. Moisés fue el pastor usado por Dios para liberar a su pueblo y conducirlo a través del desierto rumbo a Canaán. Esta idea puede ser observada en una declaración del profeta Isaías al referirse a la gran liberación del éxodo realizada por Moisés:

> Pero se acordó de los días antiguos, de Moisés y de su pueblo, diciendo: ¿Dónde está el que les hizo subir del mar con el pastor de su rebaño? ¿dónde el que puso en medio de él su santo espíritu, el que los guió por la diestra de Moisés con el brazo de su gloria; el que dividió las aguas delante de ellos, haciéndose así nombre perpetuo. (Is 63:12)

Por su parte, David fue el pastor que más se acercó al ideal bíblico de monarca trazado en Deuteronomio 17:14-20. Walter Brueggemann (1990, p. 237) explica que el término *pastor* es una metáfora convencional que se usa en el mundo antiguo para referirse al rey. Subraya la responsabilidad que tenía el monarca de cuidar, alimentar, nutrir y proteger la comunidad en la cual presidía. Con el uso de esta metáfora, es posible ver cómo toda la narrativa de David progresa desde que es un niño pastor (1 S 16:11) hasta que llega a ser el pastor rey.

5. El Reiterado Fracaso de los Pastores Humanos

El AT concluye con las denuncias que profetas como Micaías (1 R 22:17), Isaías (Is 50:6), Jeremías (Jer. 23:1-3), Ezequiel (Eze. 34) y Zacarías (Zc 10:2), realizan en contra de los pastores infieles y las terribles consecuencias que resultarían de este lamentable proceder. Tremper Longman III (2008, p. 306) afirma que el error de los líderes encargados de pastorear (principalmente reyes, sacerdotes y profetas) fue no cumplir con su deber de guiar al pueblo.

En vista del reiterado fracaso de los encargados de pastorear al pueblo de Israel, los profetas pre y post-exílicos anunciaron la llegada del Pastor ideal, el rey mesiánico del linaje de David, quien gobernaría y apacentaría al pueblo con justicia. Él sería el encargado de garantizar que el pueblo de Dios avanzara por el camino de la obediencia a los mandatos del Señor, y así pudieran recibir todas las bendiciones del pacto (Jr 3:15; 23:1-6; Ez 34:1-31; Mi 5:1-9; Zc 11:4-13:9).

6. Jesús, el Restaurador del Liderazgo Pastoral

Las referencias al liderazgo pastoral también son evidentes desde el inicio del NT. Los evangelios señalan que Jesús de Nazaret fue el cumplimiento de las profecías veterotestamentarias que anunciaban la sustitución de los pastores infieles del pueblo de Israel por el Pastor ideal, el mesías prometido que vendría del linaje de David.

Es el evangelio de Juan donde se destaca con mayor claridad la identidad de Jesús como el Pastor ideal. De modo directo, el evangelio de Juan declara que Jesús es el Buen pastor (Jn 10:14). Mientras los dirigentes judíos (pastores humanos) expulsan del Templo a un hombre ciego que había sido sanado, Jesús luego de sanarlo presenta el contraste entre el Buen pastor y los falsos pastores que se aprovechaban del rebaño de Dios (Jn 10 y 11). Sin duda, uno de los aspectos más destacados de Juan 10 es que Jesús es presentado como el *Buen pastor/Rey* ejemplar cuya muerte es interpretada como un sacrificio completo por las ovejas (Jn 10:11). Este pasaje, establece un claro contraste entre Jesús y "los falsos pastores de Israel representados por los fariseos, quienes han rechazado en lugar de haber salvado al hombre que había recibido la vista" (VAWTER, 1968, p. 444).

Juan 21:1-19 es otro pasaje clave en el desarrollo de la comprensión neotestamentaria de la función pastoral. En un nuevo avance en el desarrollo de la comprensión de la función pastoral, Jesús

el Buen pastor por excelencia, comparte con sus apóstoles la función pastoral. La "misión de pastorear" es parte fundamental del diálogo restaurador que Jesús sostiene con Pedro en presencia de los otros discípulos (KIM, 2017, p. 41-63).

En este sentido, Elena de White (1977, p. 753; cursiva añadida) comenta:

> La manera en que el Salvador trató a Pedro encerraba una lección *para él y sus hermanos.* Les enseñó a tratar al transgresor con paciencia, simpatía y amor perdonador. Aunque Pedro había negado a su Señor, el amor de Jesús hacia él no vaciló nunca. Un amor tal debía sentir el *subpastor* por las ovejas y los corderos confiados a su cuidado. Recordando su propia debilidad y fracaso, Pedro debía tratar con su rebaño tan tiernamente como Cristo le había tratado a él.

7. Liderazgo Pastoral Apostólico Comisionado para Cumplir Misión Mundial

El libro de Hechos relata que luego de la ascensión de Cristo, los apóstoles asumieron la comisión de liderar pastoralmente a la naciente iglesia que les fue encargada por Jesús (Jn 21:1-19). Previamente en Juan 20:19-22, Jesús había definido la tarea de sus discípulos como eminentemente misional. "Entonces Jesús les dijo otra vez: Paz a vosotros. Como me envió (gr. ἀποστέλλω) el Padre, así también yo os envío (gr. πέμπω)" (Jn 20:21).[7] A través de estas palabras, Jesús deseaba enfatizar que "Él enviaba a sus discípulos de la misma manera como él había sido enviado (vv. 21-23): en obediencia al Padre, con el poder del Espíritu Santo, para proclamar el mensaje de salvación" (CARTER, 2017, pos. 8.171-8.181). Este debía ser un aspecto central del ministerio pastoral apostólico.

Bajo el liderazgo pastoral de los apóstoles, las congregaciones de los discípulos de Jesús llegaron a ser comunidades misioneras que fueron fortalecidas por el Espíritu de Dios para llevar el mensaje de Jesucristo hasta los confines de la tierra (KÖSTENBERGER; O'BRIEN, 2001, p. 157). Adicionalmente, Eckhard Schnabel (2012, pos. 1.128) señala que, si el título *Hechos de los Apóstoles* se le atribuye al mismo Lucas, cuyo trabajo literario se enfoca particularmente en Pedro (Hch 1-6; 10-12) y en Pablo (Hch 9; 13-28), entonces éste habría tenido el propósito de enfatizar que ambos, Pedro y Pablo, eran apóstoles por excelencia.

Por otra parte, en Hechos se deja en claro la centralidad de la palabra (λόγος) para el ministerio pastoral apostólico. Las Escrituras debían ser el fundamento tanto de su predicación como de todo su accionar. De las 134 veces que λόγος aparece en el NT, 33 corresponden al libro de Hechos. Son los que reciben la *palabra* los que son bautizados (2:41), los discursos de Pedro en Hechos 2 y 3 son una proclamación de la *Palabra,* son los que oyen la *palabra* los que creen (4:40) y se requiere valor para proclamarla (4:29, 31).

A través del libro de Hechos, también se observa que "el ministerio de los apóstoles es paralelo al ministerio de Jesús" (SCHNABEL, 2012, pos. 30.903). En realidad, el ministerio pastoral de los apóstoles es una extensión del ministerio de Jesús. Gracias al poder del Espíritu Santo, a semejanza de Jesús, ellos también predican (Hch 2 y 3), enseñan (15:35; 20:20), sanan y expulsan demonios (3:1-10; 9:32-35; 9:36-43; 5:16; 8:7; 16:16-24, etc.).

[7] En este caso, "Jesús usó dos términos diferentes para 'enviar', que en Juan son sinónimos. Esto se ve claramente en el capítulo 8, donde *pempo* es usado para presentar a Jesús siendo enviado por el Padre (8:16, 18, 26, 29), y *apostello* es usado en el 8:42; lo cual también se aplica al capítulo 5, 6 (*sic*)". Ver www.biblestudytools.com/commentaries/utley/juan/juan20.html (consultado: 21 de agosto de 2018).

8. El Ministerio Paradigmático de Pablo

En Hechos, Lucas junto con el apostolado de Pedro (caps. 1-6; 10-12) destaca el apostolado de Pablo (caps. 9, 13-28). La mayoría de estos pasajes son presentados en forma de narraciones históricas que describen paradigmáticamente la vida y el trabajo misionero de la iglesia primitiva liderada por los apóstoles. Schnabel (2012, pos. 30.956-30.964) sugiere que la mejor manera de abordar seriamente estos pasajes es no considerarlos como definiendo principios o reglas sino presentando paradigmas.

El apostolado de Pablo debe ser estudiado con atención pues pareciera representar el avance final en el desarrollo de la enseñanza bíblica sobre la función pastoral. Por un lado, existe un amplio consenso en el sentido de que la posición de los doce apóstoles más Pablo fue única. Ellos cumplieron un rol fundacional para la iglesia universal (Ef 2:20-22) y en ese sentido, su función se limitó al periodo de la iglesia primitiva. Hablando de esto, Raoul Dederen (2009, p. 622) luego de referirse al apostolado de los Doce y Pablo concluye: "Como fundamento de la iglesia no tienen sucesores". Por lo tanto, desde una perspectiva bíblica no es posible hablar de la sucesión del oficio apostólico de los doce.

Sin embargo, V. Norskov Olsen (1990, p. 70) parece observar con razón que, "La sucesión apostólica no debe ser encontrada en el establecimiento de un oficio apostólico, orden o posición, sino funcionalmente en la proclamación, como embajadores de Cristo, del evangelio". Luego añade,

> La esencia de varias funciones y oficios u órdenes del ministerio eclesiástico, tal como se desenvolvieron en tiempos del Nuevo Testamento, encuentran sus raíces en el apostolado de los Doce. Los diferentes ministerios que menciona Pablo en su lista de dones espirituales fueron en gran medida derramados sobre los Doce. En este sentido, y solamente en este sentido, nosotros podemos hablar- como lo hicieron los Padres Protestantes- acerca de sucesión apostólica y apostolicidad (OLSEN, 1990, p. 70-71).

Por otra parte, Olsen (1990, p. 73) considera que Pablo representa un apóstol o figura de transición:

> En un sentido, Pablo pertenece a los Doce, aunque Jesús se le apareció "por último" (1 Cor. 15:8-11), y en otro sentido a un grupo más amplio que incluye a Bernabé, Andrónico, Junias, Silvano, Timoteo, Apolos y Epafrodito. Directa e indirectamente ellos son mencionados como apóstoles y representantes de la iglesia (Ver Hech. 13: 2,3; 14:14; Gál. 2.9; Rom. 16:7; 1 Cor. 4: 6, 9; 1 Tes. 1:1; Fil. 1:1; 2:25).[8]

Es desde esta segunda perspectiva que el ministerio apostólico puede ser considerado como un referente o paradigma para el ministerio pastoral del pueblo de Dios. El resultado final de esta clase de ministerio pastoral apostólico era usualmente una congregación local; y la congregación local, como parte del cuerpo de Cristo, también debía desarrollar un ministerio apostólico (MANSON, 1948, p. 58). En otras palabras, el ministerio pastoral apostólico daba como resultado iglesias apostólicas. De este modo, desde sus mismos inicios, la iglesia fue una comunidad testificadora y misionera, y sus actividades y ministerio debían ser necesariamente evaluadas desde la perspectiva del evangelismo. Los apóstoles eran llamados "nuestros hermanos…mensajeros (*apostoloi*) de las iglesias, y gloria de Cristo" (2 Cor. 8:23) (OLSEN, 1990, p. 73).

[8] Por su parte, John Stott (1991, pos. 4.036) señala que término *apóstol* en el NT es usado en dos sentidos. Estaban los *apóstoles de Cristo*, elegidos personalmente por él para ser testigos de su resurrección. Este grupo incluyó a los Doce, Pablo y probablemente Santiago (Hch 1:21; 10:41). Por otro lado, aparecen los *apóstoles de las iglesias* (2 Co 8:23). Luego señala que Pablo era tanto apóstol de la iglesia de Antioquía, pero también apóstol de Cristo.

En lo que parece ser un paso complementario en el desarrollo de un modelo pastoral en el NT, Pablo instruye a Timoteo (1 Ti 3:1-7) y a Tito (Tit 1:5-9) para que designen obispos/ancianos en las iglesias establecidas como resultado de la labor pastoral apostólica.[9] Quienes fueran designados para esta labor pastoral en el contexto de la iglesia local debían ser hombres de un sólido carácter y testimonio cristiano que, en primer lugar, debían presidir adecuadamente sus familias para luego liderar una comunidad mayor, la familia de Dios (la iglesia). Es interesante notar que en medio de una lista de cualidades de carácter se destaca una competencia esencial: debían ser "aptos para enseñar [la Palabra]" (1 Ti 3:2; Tit 1:9).

De este modo, pareciera darse un paso crucial en el establecimiento de un paradigma pastoral compartido entre los apóstoles y los ancianos/obispos. Este modelo presentaba un importante balance entre la obra pastoral de avanzada liderada por los apóstoles (que eran evangelistas itinerantes),[10] y la labor pastoral de conservación y cuidado necesario para el desarrollo de una comunidad madura, que era liderada pastoralmente por los ancianos/obispos que trabajaban en estrecha relación con los apóstoles (Hch 15:4, 22; 20:17-38).

Por otra parte, Thompson (2006, pos. 107) afirma que el ministerio pastoral de Pablo, tal como es delineado en sus epístolas, tiene un valor especial pues presenta una clara comprensión del objetivo último del ministerio pastoral. Lo explica en las siguientes palabras:

> El centro del pensamiento paulino es una teología de la transformación, la cual provee la base para la teología pastoral de Pablo.
> Una comprensión muy consistente del ministerio (pastoral) emerge en todas sus cartas, permitiéndonos definirla de manera precisa: *el ministerio es la participación en la obra de Dios de la transformación de la comunidad de fe hasta que esta sea "intachable" en ocasión del retorno de Cristo*. La comunidad es un trabajo sin finalizar, ubicada entre su inicio en el bautismo y su culminación en el tiempo del fin. La ambición pastoral de Pablo, como lo establece consistentemente en sus cartas, es la formación de una comunidad . . . es participar con Dios en la transformación de sus comunidades (THOMPSON, 2006, pos. 204, 213, 2655; la cursiva es original).[11]

Para Pablo, Cristo es el supremo "apóstol y sumo sacerdote" (Heb 3:1) quien en el Santuario Celestial continúa ejerciendo como el "gran Pastor de las ovejas" (Heb 13:20). Su obra sumo sacerdotal es parte de su ministerio pastoral que tiene el propósito de equipar a los creyentes para "toda obra buena"; para hacer "su voluntad, haciendo él en vosotros lo que es agradable delante de él por Jesucristo" (Heb 13:21). Así, "el trabajo de Dios hace posible el trabajo del hombre" (GUTHRIE, 1983, p. 280).

Desde esta perspectiva se podría afirmar que, a través del ministerio apostólico pastoral de Pablo, Dios proveyó a su naciente iglesia de un paradigma pastoral con un claro *foco misional comunitario alineado con un fuerte sentido escatológico*. Es decir, los esfuerzos evangelísticos del

[9] A. M. Rodríguez (2013, p. 25) señala: "El Nuevo Testamento también se refiere a los ancianos de iglesia como 'supervisores' (*episkopoi*). Pablo habla de los ancianos (*presbyteroi*) de la iglesia de Éfeso (Hch 20:17), donde el Espíritu Santo los eligió como supervisores (*episkopoi*) para pastorear (*poimainō*) la iglesia de Dios (Hch. 20:28). Pedro también parece usar supervisor (obispo) y pastor como sinónimos cuando se refiere a Jesús como 'el Pastor y Obispo de sus almas' (1 P 2:25), como también en su exhortación a los líderes de las iglesias de Asia Menor a 'pastorear la grey del Señor, . . . cuidando (*episkopountes*) de ella' (1 P 5:2). Podría ser que, durante el periodo de la iglesia apostólica, el término obispo, anciano y pastor fueran usados intercambiablemente para aquellos que eran elegidos para supervisar el 'rebaño' de Dios y protegerlo de los peligros y engaños (Hch. 20:29)".

[10] John Knox (1981, p. 7) afirma: "El mismo término (gr. *apóstolos*) sugiere que el apóstol era un evangelista itinerante. Pablo no solamente da tal imagen de sí mismo, sino que parece implicar también a 'los otros apóstoles' (1 Co 9:5)".

[11] Según este mismo autor, la teología pastoral paulina desafía el foco contemporáneo en el individuo y enfatiza el desarrollo de la comunidad.

apóstol no estaban limitados a la conversión de nuevos creyentes, sino que apuntaban al establecimiento de nuevas comunidades de fe. Estas nacientes iglesias estaban ubicadas en centros urbanos estratégicos y luego de la partida del apóstol eran lideradas por ancianos locales que eran cuidadosamente designados (Hch 20:17, 28; Tit 1:5). [12] Este enfoque contribuyó de manera directa a la preservación de los nuevos creyentes y a la rápida propagación del evangelio por todo el mundo conocido, como antesala del inminente retorno del Señor Jesús, suceso que era esperado en su generación (1 Ts 1:9-10; 4:15; 1 Cr 15:51; Rm 13:12).[13]

Esta estrategia de plantar iglesias misionales le permitió declarar con confianza, que todo lo había llenado con el evangelio de Cristo (Rm 15:19; cf. Col 1:23; 1 Ts 1:8), y a planear llevar el evangelio a España, que para entonces representaba el extremo accidental del mundo conocido (Rm 15:23, 24).[14] Por lo tanto, es posible afirmar que al definir los objetivos misioneros se debe apuntar no solamente a la conversión de los individuos sino a la conformación de comunidades misionales (iglesias) que aseguren la permanencia de los nuevos creyentes y los comprometan con el cumplimiento de la misión en nuevos territorios no alcanzados con miras a completar la predicación del evangelio a todo el mundo.[15]

9. Las raíces apostólicas del ministerio pastoral adventista

Una mirada atenta a los escritos de Elena G. de White y de los pioneros sugiere que el ministerio pastoral apostólico en general, y el de Pablo en particular, sirvieron como paradigma del ministerio pastoral adventista en sus inicios. En una declaración que relaciona claramente el ministerio pastoral adventista como el apostolado paulino, comentando el mensaje de 2 Corintios 3:2-4, Elena G. de White (1977, p. 270; cursiva añadida) señala:

> La conversión de los pecadores y su santificación por la verdad es la prueba más poderosa que un ministro puede tener de que Dios le ha llamado al ministerio. La evidencia de su *apostolado* está escrita en los corazones de sus conversos y atestiguada por sus vidas renovadas. Cristo se forma en ellos como la esperanza de gloria. Un ministro es fortalecido grandemente por estas pruebas de su ministerio.

Más adelante, presenta la experiencia ministerial de Pablo como un referente para el ministerio pastoral adventista:

> Lo que la iglesia necesita en estos días de peligro es un ejército de obreros que, como Pablo, se hayan educado para ser útiles, tengan una experiencia profunda en las cosas de Dios y estén llenos de fervor y celo. Se necesitan hombres santificados y abnegados; hombres que no

[12] Es interesante notar que Wellington Barbosa (2015, p. 69) concluye que "los pioneros adventistas identificaron al ministro como un 'anciano itinerante' o 'evangelista', siguiendo el modelo apostólico, que establecía congregaciones y partía para nuevos campos, todavía inexplorados".

[13] Según James D. G. Dunn (2012, p. 622), todo esto "nos permite ver cómo esta perspectiva escatológica configuró la idea que él tenía de su llamada al apostolado . . ." Este autor refuerza este concepto al citar a A. Fridrichsen, quien en su obra *The Apostle and His Message* (Uppsala 1947) señaló que para Pablo: "Esta idea del apostolado tenía que estar en el centro del devenir escatológico entre la resurrección y el regreso del Mesías" (DUNN, 2012, p. 623).

[14] John Stott (2020, pos. 7.403) cita las palabras de Clemente de Roma (96-97 d. C.) sobre el alcance de la obra pionera de Pablo: "Al mundo entero enseñó justicia, y llegando a los límites de Occidente dio su testimonio ante los gobernantes (1 Clement 5:7)".

[15] Ott y Strauss (2010, pos. 1.550) concluyen: "De esta manera, ni la conversión solamente de individuos ni la plantación de iglesias individuales era el objetivo de la misión paulina. En lugar de esto, él consideraba completo su trabajo en una región únicamente cuando se habían establecido congregaciones con capacidad de reproducirse".

> esquiven las pruebas y la responsabilidad; hombres valientes y veraces; hombres en cuyos corazones Cristo constituya la "esperanza de gloria," y quienes, con los labios tocados por el fuego santo, prediquen la Palabra. Por carecer de tales obreros la causa de Dios languidece, y errores fatales, cual veneno mortífero, corrompen la moral y agostan las esperanzas de una gran parte de la raza humana (WHITE, 1977, p. 418-419).

Este paradigma ministerial apostólico promovido por los escritos de Elena G. de White fue respaldado por el liderazgo eclesiástico de la época. Arturo G. Daniells, por aquel entonces presidente de la Asociación General, fue un firme impulsor de este paradigma ministerial apostólico. En una declaración que resume su postura declaró:

> En el registro del Nuevo Testamento encontramos que Jesús abolió el sacerdocio. Con su muerte puso fin al sacerdocio del antiguo pacto, pero hizo preparativos para esto antes de su muerte, estableciendo el ministerio al seleccionar a los apóstoles. Él escogió y ordenó los primeros ministros de la nueva dispensación . . . Desde ese tiempo hasta éste, hombres han sido escogidos por Dios para suceder a los apóstoles para representar Su iglesia, para tomar a cargo la obra de promulgar el evangelio del reino de Dios en este mundo (DANIELLS, s.f., p. 21).

En un estudio reciente sobre el desarrollo histórico de la comprensión del ministerio pastoral adventista entre 1844 y 1915, Wellington Barbosa resume la posición adventista prevaleciente durante los años en que el adventismo pasó de ser un pequeño movimiento local a una iglesia mundial. Durante ese periodo se creía que:

> De forma general, los ministros deberían adoptar un modelo apostólico de pastoreo, plantando iglesias, educando a los miembros en asuntos espirituales, desarrollando planes misioneros y manteniendo una línea de supervisión que atendiese a las congregaciones. En cuanto al ancianato, ellos eran considerados como pastores locales, representantes de la iglesia y responsables por el desempeño misionero de la congregación (BARBOSA, 2015, resumen).

Todo esto hace razonable concordar con Russell Burrill (1998, p. 153), cuando se refiere de la siguiente manera al modelo pastoral desarrollado por los pioneros:

> Aparentemente la organización de la Iglesia Adventista como un movimiento laico, sin pastores establecidos, no fue un accidente o un arreglo temporal debido al tamaño de la iglesia, sino un esfuerzo teológico deliberado por retornar a la eclesiología misional del Nuevo Testamento.

10. Conclusión

Este artículo procura demostrar que existe suficiente evidencia bíblica para afirmar que la metáfora del cuidado pastoral es la referencia más recurrente de un modelo bíblico de liderazgo que puede ser calificado como liderazgo pastoral. En medio de la gran cantidad de textos bíblicos que abordan este tema, se han identificado siete postulados teológicos que pueden servir de punto de partida de una teología bíblica del liderazgo pastoral.

Dios aparece como el pastor divino que jamás abandona a su pueblo. Sin embargo, en su soberanía y gracia, Dios decide pastorear a su pueblo a través de pastores humanos que son elegidos directamente por él. Estos humanos son llamados para desempeñar tres funciones pastorales

esenciales: alimentar, cuidar y conducir al rebano de Su Señor. Lamentablemente, la historia sagrada registra que, en reiteradas ocasiones, los pastores humanos fueron infieles a su cometido.

Jesús aparece como el restaurador del ministerio pastoral. Él es el "Buen pastor" que se constituye el modelo divino que los pastores humanos deben imitar. Él designa a sus apóstoles como los encargados de liderar pastoralmente a la naciente iglesia en el cumplimiento de la misión mundial. El apóstol Pedro y posteriormente, el apóstol Pablo se constituyeron en paradigmas de la clase de ministerio que se requiere cumplir con el propósito de completar la misión mundial de la predicación de evangelio.

Elena G. de White y los pioneros de la iglesia adventista respaldaron e impulsaron decididamente un modelo pastoral de características apostólicas que estuviera totalmente enfocado en completar la misión de predicar el evangelio a todo el mundo.

Referencias

BARBOSA, W. V. **O papel do ministro e do ancião no cumprimento da missão adventista**: 1884-1915. Tesis (maestría en Teología Bíblica). Seminário Adventista Latino-americano de Teologia – Centro Universitário Adventista de São Paulo, 2015.

BELL, S. (Ed.). **Servants & friends:** a biblical theology of leadership. Berrien Spring, MI: Andrews University Press, 2014.

BRUEGGEMANN, W. **First and Second Samuel.** Interpretation: A Bible Commentary for Teaching and Preaching. Louisville, KY: John Knox, 1990.

BURRILL, R. C. **Recovering an Adventist approach to the life & mission of the local church.** Fallbrook, CA: Hart Books, 1998.

DANIELLS, A. G. **The church and ministry:** addresses before the Los Angeles, California, Ministerial Institute. Silver Spring, MD: General Conference Ministerial Association, s.f.

DEDEREN, R. Iglesia. In: DEDEREN, R. (Ed.). **Tratado de teología adventista del séptimo día.** Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2009.

CARTER, M. et al. (Eds.). **Exalting Jesus in John.** Christ-Centered Exposition Commentary. Nashville, TN: Broadman and Holman, 2017.

DUNN, J. D. G. **Comenzando desde Jerusalén**, v. 2: el cristianismo en sus comienzos. Trad. Serafín Fernández Martínez. Navarra: Verbo Divino, 2012.

GUTHRIE, D. **Hebrews:** an introduction and commentary. Tyndale New Testament Commentaries, v 15. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983.

HOWELL JR., D. N. **Servant of the servant:** a biblical theology of leadership. Eugene, OR: Wipf & Stock Publishers, 2003.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 45-56, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-3
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

KIM, S. S. The delayed call for Peter in John 21:19: to follow in and by his love. **Neotestamentica**, v. 51, n. 1, p. 41-63, 2017.

KÖSTENBERGER, A.; O'BRIEN, P. T. **Salvation to the ends of the Earth:** a biblical theology of mission. New Studies in Biblical Theology, v. 11. Downers Grove, IL: Inter Varsity Press, 2001.

KNOX, J. The ministry in the primitive church. In: NIEBUHR, H. R; WILLIAMS, D. D. (Eds.). **The ministry in historical perspectives.** San Francisco, CA: Harper & Row, 1981.

LANIAK, T. S. **Shepherds after my own heart:** pastoral traditions and leadership in the Bible. Downer Grove, IL: InterVarsity, 2006.

LIVINGSTON, G. H. רָעָה. In: ARCHER, G. L.; HARRIS, R. L.; WALTKE, B. K. (Eds.). **Theological wordbook of the Old Testament.** Chicago, IL: Moody Publishers, 1980.

LONGMAN III, T. **Jeremiah, Lamentations.** Understanding the Bible Commentary Series. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2008.

MANSON, T. W. **The church's ministry.** Philadelphia, PA: The Westminster Press, 1948.

OLSEN, V. N. **Myth & truth church priesthood & ordination.** Loma Linda, CA: Loma Linda University, 1990.

OTT, C.; STRAUSS, S. J. **Encountering theology of mission.** Grand Rapisd, MI: Baker, 2010.

RODRÍGUEZ, Á. M. **Toward a theology of ordination.** Silver Spring, MD: Theology of Ordination Study Committee, 2013. Recuperado de <www.adventistarchives.org/rodriguez-towards-a-theology-of-ordination.pdf>. Consultado: 15 de mayo de 2022.

SCHNABEL, E. J. **Acts.** Zondervan Exegetical Commentary on the New Testament, v. 5. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2012.

STOTT, J. **Message of Acts:** to the ends of the Earth. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1991.

STOTT, J. **The message of Romans:** God's good news for the world. Bible Speaks Today. Downer Grove, IL: InterVarsity, 2020.

THOMPSON, J. W. **Pastoral ministry according to Paul:** a biblical vision. Grand Rapids, MI: Baker, 2006.

VAWTER, B. The Gospel According to John. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. **The Jerome biblical commentary**, v. 2: the New Testament and topical articles. Englewoods, NJ: Prentice-Hall, 1968.

WHITE, E. G. de. **El deseado de todas las gentes.** Mountain View, CA: Publicaciones Interamericanas, 1977.

WHITE, E. G. de. **Hechos de los apóstoles.** Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1977.

WITMER, T. Z. **The shepherd leader at home:** knowing, leading, protecting, and providing for your family. Wheaton, IL: Crossway, 2012.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 45-56, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-3
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

TEOLOGIA em revista

ISSN 2764-7528

A CONQUISTA DE JERICÓ SOB O OLHAR DA ARQUEOLOGIA E DA HISTÓRIA

CHANDLER TIAGO DOS S. SANT' ANA[1]

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo apresentar o debate arqueológico travado nos últimos anos por inúmeros arqueólogos sobre a conquista de Jericó (Tell es-Sultan). Os chamados arqueólogos minimalistas têm se valido das pesquisas de Kathleen Kenyon para negar a historicidade da narrativa; por outro lado, os chamados maximalistas têm feito revisões ao trabalho de Kenyon e contra-argumentado. Neste artigo será oferecida uma exposição dos argumentos dos principais arqueólogos envolvidos no debate sobre esse sítio. A primeira parte da pesquisa exibirá um estudo sobre a conquista de Jericó sob o olhar da arqueologia, e a segunda parte, sob o olhar da história.

Palavras-chave: Jericó; Conquista; Arqueologia; História.

THE CONQUEST OF JERICHO UNDER THE VIEW OF ARCHEOLOGY AND HISTORY

Abstract: The present research aims to present the archaeological debate carried out in recent years by numerous archaeologists about the conquest of Jericho (Tell es-Sultan). The so-called minimalist archaeologists have used Kathleen Kenyon's research to deny the historicity of the narrative, while the so-called maximalists have made revisions to Kenyon's work and counter-argued. In this article, an exposition of the arguments of the main archaeologists involved in the debate about this site will be offered. The first part of the research will show a study on the conquest of Jericho from the perspective of archeology and the second part from the perspective of history.
Keywords: Jericho; Conquest; Archeology; History.

[1] Bacharel em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-americano de Teologia – Faculdade Adventista da Bahia; mestrando em História; pós-graduando em História e Arqueologia do Antigo Oriente Próximo e Mediterrânea pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), graduando em Estudos Judaicos pelo Seminario Rabínico Latino-americano Marshall T. Meyer e licenciando em História pelo Centro Universitário Internacional (Uninter). E-mail: chandlertiagosantana@gmail.com.

1. Introdução

O tema da conquista de Jericó deu origem a acalorados debates acadêmicos, pois os chamados arqueólogos minimalistas tendem a negar a historicidade da narrativa, enquanto, por outro lado, os maximalistas sustentam sua veracidade. Assim, uma análise dos principais argumentos é relevante para a compreensão do tema. O presente artigo tem por objetivo apresentar o debate acadêmico sobre a conquista de Jericó, colocando lado a lado os diferentes argumentos e exibindo-os aos leitores.

2. A Conquista de Jericó sob o Olhar da Arqueologia

Uma das histórias mais conhecidas da Bíblia Hebraica é a da conquista da cidade de Jericó, localizada ao norte do Mar Morto, e a menos de 8 quilômetros a oeste do rio Jordão. Essa é talvez a cidade mais antiga do mundo ainda habitada (CURRID *et al.*, 2010, p. 200; WALTON *et al.*, 2018, p. 280). O livro de Josué conta que após a morte de Moisés, servo de YHWH, Josué assume o posto de líder e deveria liderar o povo na conquista da terra (Js 1:1-9).

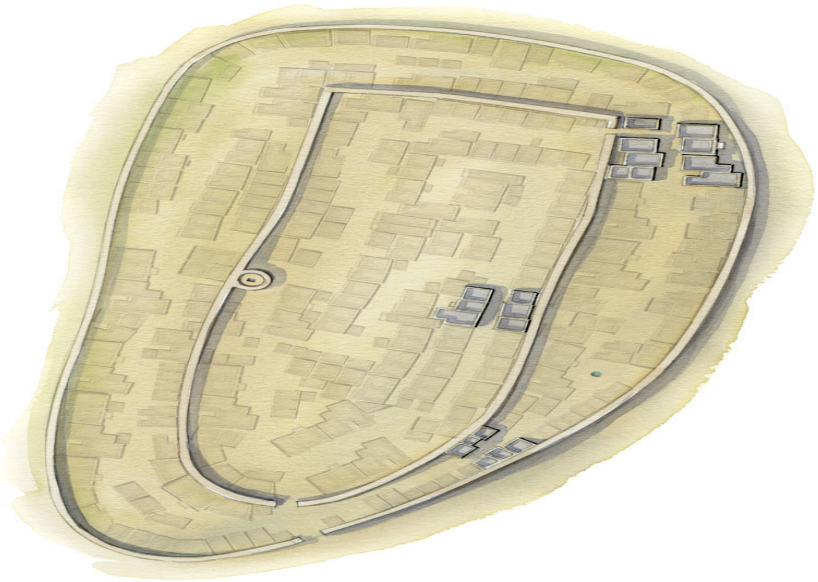
Figura 1: Imagem do sítio de Tell es-Sultan (Jericó)

Fonte: Currid *et al.* (2010, p. 201).

A imagem abaixo retrata alguns dos restos das escavações em Jericó dos vários períodos de sua história. A muralha externa da cidade vem do Bronze Médio Final (2000-1550 AEC), enquanto a muralha interna da cidade é datada do início da Idade do Bronze (3200-2200 AEC) (BARROSA *et al.*, 2021, p. 1-12; NIGRO *et al.*, 2019, p. 211-241).

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 57-67, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-4
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

Figura 2: Reconstrução das antigas muralhas de Jericó



Fonte: CURRID *et al.* (2010, p. 204).

A saga de conquistas de Josué começa com a cidade de Jericó que, segundo o texto bíblico, era fortificada, tornando difícil a invasão israelita. Josué recebe instruções divinas específicas que tornariam possível tal conquista (Js 6:3-6, NVI):

> Marche uma vez ao redor da cidade, com todos os homens armados. Faça isso durante seis dias. Sete sacerdotes levarão cada um uma trombeta de chifre de carneiro à frente da arca. No sétimo dia, marchem todos sete vezes ao redor da cidade, e os sacerdotes toquem as trombetas. Quando as trombetas soarem um longo toque, todo o povo dará um forte grito; o muro da cidade cairá e o povo atacará, cada um do lugar onde estiver (BÍBLIA, 2017).

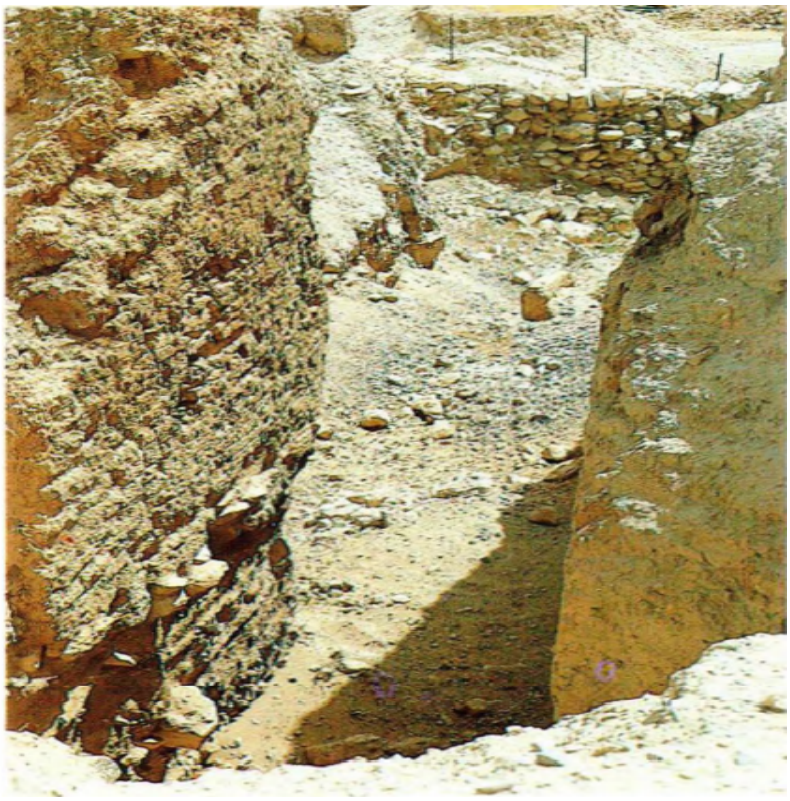
O povo segue tais instruções e, segundo a narrativa, conquista a cidade. Os primeiros arqueólogos a escavar a cidade de Jericó (Tell es-Sultan) tendiam a entender que a evidência material favorecia a historicidade da narrativa bíblica. O relato da conquista de Jericó por Josué é um ponto crucial na história bíblica, pois a entrada dos israelitas na "Terra Prometida" é importante para a criação do reino bíblico de Israel sob Davi e Salomão, algum tempo depois (COBBING, 2009, p. 63).

A primeira equipe a escavar as ruínas da cidade foi liderada por Charles Warren, em 1868. Mas, depois de nada encontrarem além de terra e tijolos de barro, os pesquisadores desistiram. Quarenta anos mais tarde, novas escavações foram feitas em Jericó. Os arqueólogos alemães, guiados por Ernst Sellin e Carl Watzinger, desenterraram parte do muro e de casas da cidade entre os anos de 1907 e 1909. Nada acharam que pudessem considerar como resultado do ataque de Josué.

Entre 1930 e 1936, John Garstang, da Universidade de Liverpool, depois de algumas semanas de escavações, surpreendeu o mundo. Ele encontrou tijolos de barro e os restos de uma muralha antiga que teriam sido destruídos por um terremoto que ajudou a conquista do local por Josué. Segundo ele, esses achados estavam relacionados com a conquista de Josué, o que provaria a historicidade da narrativa (MILLARD, 1999, p. 96; SILVA, 2008, p. 115-116).

Alan Millard destaca que Garstang teria encontrado dois muros, paralelos, com um espaço de 4,5 metros entre eles. A ideia era de que um dia houve construções assentadas sobre o topo desses muros, e um violento incêndio arrasara a cidade. Segundo Garstang, isso aconteceu por volta de 1400 AEC (MILLARD, 1999, p. 96).

Figura 3: Muros paralelos com um espaço de 4,5 metros entre eles, encontrados por John Garstang



Fonte: Millard (1999, p. 96).

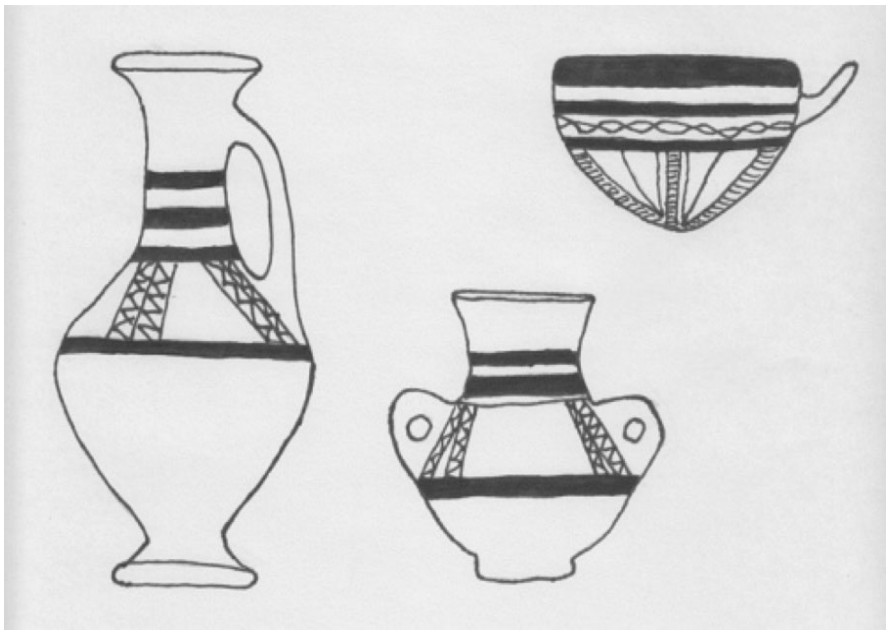
Alguns anos depois, Garstang soliciou à arqueóloga britânica Kathleen Kenyon que verificasse novamente os resultados de suas pesquisas. Em 1952, Kenyon iniciou sua jornada de escavações, que duraram até 1958. Ela chegou a conclusões diferentes das de Garstang, que tinha datado seu achado por volta de 1400 AEC, enquanto Kenyon os datou por volta de 1550 AEC. Ela atribuiu a destruição de 1550 AEC à atividade egípcia, associada à expulsão dos hicsos e aos primórdios da hegemonia do Egito na região. Após sua destruição, essa cidade foi desocupada por vários séculos e então reocupada brevemente durante a Idade do Bronze Final (HOFFMEIER, 2008, p. 100-101; DEVER, 2020, p. 43).

A arqueóloga baseou-se, em grande medida, no fato de não haver encontrado cerâmica cipriota no local, o que justificaria sua datação. As paredes da cidade foram datadas por ela como sendo pelo menos mil anos mais antigas do que a época de Josué (PRICE *et al.*, 2020, p. 268; COBBING, 2009, p. 65).

Kenyon confiou fortemente na ausência de cerâmica cipriota para sua datação, porém Garstang encontrou fragmentos desse tipo. As análises mais recentes de ativações de nêutrons mostraram que esse tipo de cerâmica era de produção local e não importado.[2] Essa evidência ainda sugere que os oleiros em Jericó ou em torno conheciam esse tipo de cerâmica (KAISER *et al.*, 2016, p. 560).

Figura 4: Cerâmica cipriota bicolor com decoração vermelha e preta

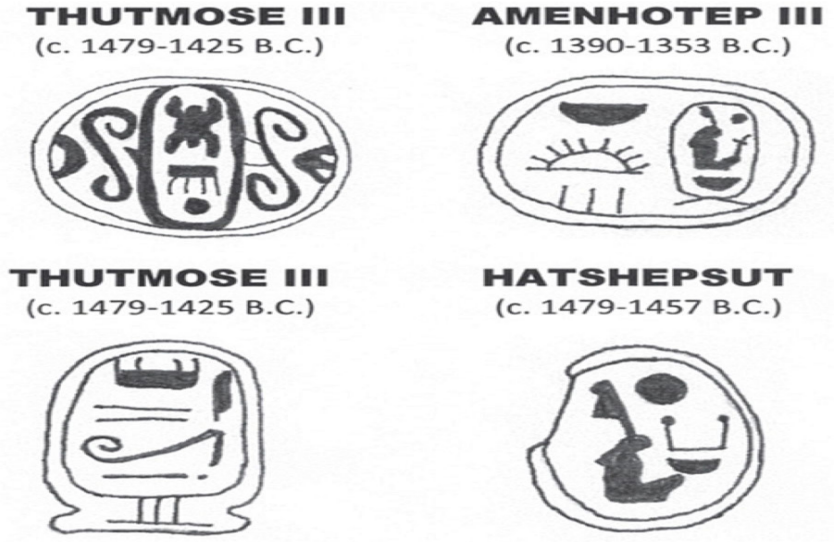
[2] Para estudo detalhado sobre a produção e disseminação de cerâmica no período do bronze e do ferro, ver Wood (1990).



Fonte: Kaiser *et al.* (2016, p. 561).

Bryant Wood contestou a datação de Kenyon e datou a cerâmica do local por volta de 1400 AEC, porém, sua proposta não foi aceita por diversos acadêmicos (WOOD, 1990, p. 44-59). Nos últimos anos, as expedições ítalo-palestinas em Jericó parecem favorecer a datação de Kenyon. Não obstante, a equipe ítalo-palestina encontrou escaravelhos egípcios no local, que são datados por volta de 1500-1386 AEC, indicando que havia um cemitério em uso na época, ou seja, houve uma ocupação do sítio nessa época.

Figura 5: Escaravelhos egípcios da Idade do Bronze Final



Fonte: Kaiser *et al.* (2016, p. 559).

Price e House (2020, p. 71) sugerem que esses amuletos podem ter sido levados para lá na saída do Egito (Êx 12:35-36). Randall Price (2006, 135) faz considerações significativas quando salienta:

> A estratigrafia da Cidade IV (o sítio escavado por Garstang e Kenyon) mais tarde revelou 20 diferentes fases arquitetônicas que duraram por longos períodos e sofreram doze destruições menores. Se, como Kenyon declara, a cidade encontrou seu fim em 1550 AEC, no Bronze Médio II, então todas estas fases teriam que ser encaixadas no período anterior – do Bronze Médio III (1650-1550 AEC.), um tempo impossivelmente curto para tanta atividade. 3) Uma amostra de radiocarbono tirada de um pedaço de carvão nos detritos da camada da destruição final ofereceu a data de 1410 AEC (aumentando ou diminuindo 40 anos). A análise de Wood acrescenta novo apoio arqueológico de que a Cidade IV em Jericó devia ser datada em 1400 AEC com Garstang e a cronologia bíblica.

O arqueólogo israelense Israel Finkelstein (2018, p. 133-134), tendo por base pesquisas como as de Kenyon citadas acima, salienta:

> Jericó figurou entre as mais importantes. Como registramos, as cidades de Canaã não eram fortificadas e não havia muralhas que poderiam ter sido postas abaixo. No caso de Jericó, não havia vestígio de nenhum tipo de assentamento no século XIII AEC[,] e o assentamento do Bronze Tardio, datado do século XIV AEC, foi pequeno e pobre, quase insignificante e sem fortificações. Tampouco havia sinal de alguma destruição. Assim, a famosa cena das forças israelitas marchando ao redor da cidade murada com a Arca da Aliança, levando as poderosas muralhas de Jericó ao colapso pelo ato de soprar as trombetas de guerra é, em termos bem simples, uma miragem romântica.

A forma como Finkelstein coloca suas conclusões faz parecer que a discussão está encerrada e que tudo está resolvido; porém, há ampla discussão sobre o tema, como foi apresentado acima. Amihai Mazar, falando sobre as muralhas da cidade, destaca, à semelhança de Finkelstein, que em Jericó não ficou nenhum vestígio de fortificações do Bronze Final, e isso foi tomado como evidência contra o valor histórico da narrativa.

As descobertas em Jericó, no entanto, mostram que houve um assentamento durante a Idade do Bronze final, embora a maior parte dos restos tenham sido erodidos ou removidos pela atividade humana. Talvez, como em outros sítios, as maciças fortificações do Bronze Médio tenham sido reutilizadas na Idade do Bronze Final (MAZAR, 1992, p. 331).

Eventos climáticos, como erosões, chuvas e ventos, podem ter levado grande parte das ruínas da época a desaparecer, visto que eram tijolos de barro, o que torna difícil qualquer conclusão assertiva (DEVER, 2003, p. 54; BRIGHT, 2019, p. 263; MILLARD, 1999, p. 98). Mazar destacou que os dados arqueológicos no caso de Jericó não podem ser usados para indicar ausência de historicidade na narrativa de Josué; assim, o debate é inconclusivo.[3]

3. A Conquista de Jericó sob o Olhar da História

Se unir as peças do quebra-cabeça arqueológico é desafiador, o mesmo se dá com o histórico. As narrativas da conquista da terra acontecem em uma época em que o Egito governava a região, e parece difícil que um grupo de fugitivos possa ter oferecido qualquer risco para o monopólio egípcio (VAUX, 1975, p. 105-132; QUESNEL *et al.*, 2002, p. 22-32). Finkelstein (2018, p. 129) destaca: "É extremamente improvável que as guarnições egípcias espalhadas pelo país tivessem permanecido à margem dos acontecimentos enquanto um grupo de refugiados (do Egito) causava estragos em toda a província de Canaã."[4]

[3] Para discussão mais ampla, ver Uwe Zerbst e Peter van der Veen (2005).
[4] Ver também Finkelstein (2015, p. 29-55).

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 57-67, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-4
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

A compreensão dos acontecimentos dessa época precisa ser reavaliada, tanto aquelas das grandes conquistas quanto a de um "Império" Egípcio.

Price e House (2020, p. 266) bem salientam que o relato bíblico não apresenta a conquista da maneira como se presume, isto é, uma conquista avassaladora e momentânea. Não há dúvida de que a conquista foi extensa (Js 11:23), porém isso representou apenas uma conquista de território suficiente para permitir que as tribos israelitas se estabelecessem na terra (Jz 11:23; 13-17) (HOFFEMEIER, 2008, p. 98).

A questão envolvendo a extensão da conquista é complicada, pois, ao mesmo tempo que o texto de Josué diz que a "terra toda" fora conquistada, também diz que os israelitas não puderam conquistar toda a terra (Js 11:23; 13). As narrativas do livro de Juízes apresentam inúmeros conflitos entre os israelitas e seus vizinhos na terra (KEIL *et al.*, 1996, p. 91-92). Em Juízes 11:26 encontramos um diálogo de Jefté com o rei de Amom no qual o leitor é informado de que os israelitas já estavam há 300 anos na terra; Jefté tem sido datado em 1100 AEC. Se assim for, os israelitas chegaram na terra em torno de 1400 AEC, data aproximada para a conquista de Jericó, como vimos acima, e durante todo esse período houve conflito com os demais moradores da terra.

Marten Woudstra (2011, p. 187) explica essa "tensão" observando que "toda terra" refere-se aos principais pontos de resistência: "Tendo-se em mente o propósito desse resumo finalizador (ver linhas atrás), é possível saber como o autor pode dizer, de fato, que *Josué tomou toda a terra*. A principal resistência dos inimigos havia sido quebrada, embora ainda restasse muito trabalho a ser feito (13:1)."

Assim, a conquista da terra não deve ser vista como momentânea e completa, antes, foi uma conquista gradual que levou centenas de anos. Finkelstein (2018, p. 130) salientou que a geografia da terra e da conquista, como apresentada por Josué, não deveria ser encarada como uma fábula, pois é apresentada de forma acurada e lógica, daí podemos inferir que o escritor conhecia a terra. Este artigo se voltará agora para a extensão da dominação egípcia.

Questionou-se o porquê, uma vez que o Egito controlava Canaã durante a Idade do Bronze Final (1550-1200 AEC) e tinha guarnições lá, não há menção de atividade israelita na esfera de influência do Egito, e por que não há referência no livro de Josué para a presença das forças egípcias (BRIGHT, 2019, p. 201-232; HOFFEMEIER, 2008, p. 101-102).

A resposta para essa questão pode estar ligada à influência literária do Egito em Canãa. Era prática dos escribas egípcios omitir o nome de pessoas como uma forma de apagar a memória dela. James Hoffmeier (1994, p. 165-179) demonstrou essa dependência literária ao apontar que a forma como Josué 1-11 está escrito segue os Anais de Tutmósis III. Hoffmeier (1994, p. 176) salienta que ambos empregam narrativas longas para descrever as campanhas mais importantes, e relatos curtos e concisos de ações menos significativas, usando linguagem repetitiva e estereotipada. A declaração sumária é atestada em ambos, bem como referências ao despojo tomado.

Essas relações podem ser percebidas na forma como os Anais de Tutmósis III apresentam a conquista de Megido e como o texto da Bíblia Hebraica exibe a conquista de Jericó.

Quadro 1: Relações literárias entre o registro da conquista de Megido e Jericó

Anais de Tutmósis III	Josué 1 – 6
1. A comissão divina para marchar e conquistar a Palestina (Urk. IV 647 – 649)	1. A comissão divina para conquistar e a garantia da vitória (Js 1:1-28)
2. Tutmósis pede que um advogado de guerra receba um relatório de inteligência (Urk. IV 649 – 3 642)	2. Josué envia espiões para trazer um relatório de inteligência de Jericó (Js 2)
3. A marcha por Aruna até Megido (Urk. IV 652. 13 – 655. 9)	3. A marcha pelo rio Jordão (Js 3:1-4:18)

4. Acampamento ao sul de Megido e preparativos para a guerra (Urk. IV 655. 12 – 656. 16)	4. A acampamento em Gilgal e preparativos para a guerra (Js 4:19-6:5)
5. A batalha e o cerco de Megido (Urk. IV 657. 2 – 661. 13)	5. Cerco de Jericó (Js 6:6-14)
6. A rendição de Megido e a apresentação de tributo a Tutmósis (Urk. IV 662. 8 – 663. 2)	6. A queda de Jericó e o despojo dedicado a YHWH (Js 6:15-25)

Fonte: Hoffmeier (1994, p. 174).

Essa influência literária depõe a favor da historicidade e antiguidade da presente narrativa que estamos discutindo. É necessário nos voltarmos para a extinção da dominação egípcia em Canãa nessa época.

Os egípcios começam sua saga de conquistas com Amósis, por volta de 1540 AEC, quando este expulsa os hicsos das terras egípcias. Pouco mais tarde, sob a liderança de Tutmósis III, aproximadamente 1490-1436 AEC, o Egito atinge o ápice de seu poder. Durante esse tempo, o seu império estendeu-se para o Norte até uma linha que ia aproximadamente do Eufrates até a foz do Oriente, e para o Sul até a Quarta Catarata do Nilo, na Núbia (BRIGHT, 2019, p. 225).

Após esse período de conquistas militares, o controle egípcio sobre a região era indireto; os pequenos reis pagavam tributos ao faraó, e, ao que tudo indica, esses tributos eram pesados ao ponto de eles não poderem fortificar suas cidades. As cartas de Tell El-Amarna[5] nos informam de que apenas três centros siro-palestinos eram sede dos governantes egípcios: Gaza, na costa meridional; Kumidi, na Beq'a libanesa; e Sumura, na costa setentrional. Ainda devemos observar que não mais do que 700 pessoas estavam responsáveis pela gestão desse "império" (LIVERANI, 2014, p. 36-37).

Assim, o Egito começa suas conquistas de forma avassaladora, mas isso não continua mais tarde. Em outras palavras, durante o período em que os israelitas buscam conquistar alguns territórios, o Egito não tinha uma presença forte em todos os locais.

As cartas de Tell El-Amarna exibem queixas de reis que estariam sendo alvo de um grupo chamado *ʿapiru*. Há amplo debate sobre a identidade desse grupo: alguns eruditos veem uma relação semântica com a palavra *hebreus*, enquanto outros não (MORALES, 2019, p. 239-240; SCHNIEDEWIND *et al.*, 2015, p. 32-33; KAEFER, 2015, p. 38-39). Um trecho de uma carta reflete bem essa realidade:

> Carta 286: (1-4) Fala ao rei, meu senhor; assim ʿAbdi-Ḫeba, teu servo: aos pés do meu senhor, o rei, sete vezes e sete vezes caí. (5-8) O que fiz ao rei, meu senhor? Eles estão me difamando; estou sendo caluniado perante o rei, meu senhor: "ʿAbdi-Ḫeba abandonou o rei, seu senhor." (9-15) Olha, quanto a mim, nem meu pai nem minha mãe me colocaram neste lugar. O braço forte do rei me colocou na casa de meu pai. Eu (de todas as pessoas) cometo um crime contra o rei, ‹meu› senhor? (16-24) Enquanto (enquanto) o rei, meu senhor, direi ao comissário do rei, meu senhor: "Por que você ama os *ʿapîru* e odeia a cidade [governantes]?" Assim sou caluniado na presença do rei, meu senhor, porque estou dizendo: "Perdidas estão as terras do rei, meu senhor", assim sou caluniado ao rei, meu senhor. [...] Os homens *ʿapîru* saquearam todas as terras do rei. Se existem regulares tropas neste ano, ainda haverá terras do rei, ‹meu› senhor. Mas se não há tropas regulares, as terras do rei, meu senhor, estão perdidas. (61-64) [Para o escriba do rei, meu senhor, assim ʿAbdi-Ḫeba, seu [servo]: "Apresente palavras eloquentes ao rei, meu senhor; [todas] as terras do rei, meu senhor, estão perdidas!" (SCHNIEDEWIND, 2015 *et al.*, p. 1.108-1.110).

O arqueólogo brasileiro Rodrigo Silva argumenta que a despeito das possíveis diferenças semânticas, as descrições feitas desse grupo nas cartas os relacionam com os hebreus. Os *ʿapiru* foram escravos no Egito, não tinham pátria, são descritos em alguns momentos como escravos, são descritos

[5] Para estudo mais detalhado, ver Kaefer (2020).

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 57-67, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-4
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

como pastores e diversos territórios dominados por eles aparecem no texto bíblico como em posse dos hebreus (SILVA, 2008, p. 108-109; cf. BRIGHT, 2019, p. 248).[6]

Parece realmente razoável que exista relações entre os hebreus e os *ʿapiru*, porém não se pode argumentar que todos os *ʿapiru* fossem hebreus. Ao que parece, os hebreus têm sua origem entre os *ʿapiru*, como destacou Kaefer (2015, p. 39).

4. Considerações Finais

As discussões sobre a conquista de Jericó são amplas e extensas, havendo argumentos arqueológicos e históricos plausíveis de ambos os lados. As evidências materiais são inconclusivas em alguns pontos, como no caso dos muros, porém os achados em geral parecem favorecer a historicidade da narrativa. O fato de haver argumentação razoável para as diferentes posições acerca do tema em questão faz parecer que, nesse caso, as conclusões finais dependerão em grande medida dos pressupostos do acadêmico que pesquisa o tema.

Referências

BARROSA, J. F.; SILVA, R. P.; MUNITA, C. J. Preliminary chemical studies at the Jericho archaeological site. **Brazilian Journal of Radiation Sciences**, v. 9, n. 1, 2021, p. 1-12.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada:** Nova Versão Internacional. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.

BRIGHT, J. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 2019.

COBBING, F. John Garstang's excavations at Jericho: a cautionary tale. **Strata: Bulletin of the Anglo-Israel Archaeological Society**, v. 27, 2009, p. 63.

CURRID, J.; BARRETT, D. **Crossway ESV Bible atlas**. Wheaton, IL: Crossway, 2010.

DEVER, W. **Has archaeology buried the Bible?** Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2020.

DEVER, W. **Who were the early Israelites and where did they come from?** Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2003.

FINKELSTEIN, I. **A Bíblia desenterrada**: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens nos seus textos sagrados. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

FINKELSTEIN, I. **O reino esquecido***:* arqueologia e história de Israel do Norte. São Paulo: Paulus, 2015.

HOFFMEIER, J. **The archaeology of the Bible**. Jordan Hill: Lion Scholar, 2008.

[6] Para estudo mais detalhado, ver Vaux (1975, p. 120-126).

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 57-67, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-4
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

HOFFMEIER, J. The Structure of Joshua 1-11 & the Annals of Thutmose III, in Faith Tradition & History. In: MILLARD, A.; HOFFMEIER, J., BAKER, D. (Eds.). **Faith, Tradition, and History Old Testament Historiography in Its Near Eastern Context**. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1994.

KAEFER, J. A. **As cartas de Tell el-Amarna e o contexto social e político de Canaã antes de Israel**. São Paulo: Paulus, 2020.

KAEFER, J. A. **A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2015.

KAISER, W.; WEGNER, P. **A History of Israel**. Nashville, TN: B & H Academic, 2016.

KEIL, F.; DELITZSCH, F. **Commentary on the Old Testament**. Peabody, MA: Hendrickson, 1996.

LIVERANI, M. **Para além da Bíblia**: história antiga de Israel. São Paulo: Paulus; Loyola, 2014.

MAZAR, A. **Archaeology of the land of the Bible, 10,000-586 B.C.E**. London; New Haven, CT: Yale University Press, 1992.

MILLARD, A. **Descobertas dos tempos bíblicos**: tesouros arqueológicos irradiam luz sobre a Bíblia. São Paulo: Vida, 1999.

MORALES, P. C. **Arqueología bíblica**: los textos bíblicos a la luz de los hallazgos arqueológicos. Córdoba: Editorial Almuzara, 2019.

NIGRO, L.; CALCAGNILE, L.; YASIN, J.; GALLO, E.; QUARTA, G. Jerico and the chronology of Palestine in the Early Brronze Age: a radiometric re-assessment. **Radiocarbon**, v. 61, n. 1, 2019, p. 211-241.

PRICE, R. **Arqueologia bíblica**: o que as últimas descobertas da arqueologia revelam sobre as verdades bíblicas. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.

PRICE, R.; HOUSE, W. **Manual de arqueologia bíblica Thomas Nelson**. Rio de janeiro: Thomas Nelson, 2020.

QUESNEL, M., GRUSON, P. **La Biblia y su cultura**. Madri: Editorial Sal Terrae, 2002.

SILVA, R. P. **Escavando a verdade**: a arqueologia e as incríveis histórias da Bíblia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

SCHNIEDEWIND, W. **The El-Amarna correspondence**: a new edition of the cuneiform letters from the site of El-Amarna based on collations of all extant tablets. Boston: Brill, 2015.

UWE, Z.; VEEN, P. **Keine Posaunen vor Jericho? Beiträge zur Archäologie der Landnahme**. Holzgerlingen: SCM Hänssler, 2005.

VAUX, R. **Historia Antigua de Israel I**: desde los origenes a la entrada em canaan. Madri: Ediciones Cristiandad, 1975.

WALTON, J.; MATTHEWS, V.; CHAVALAS, M. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WOOD, B. Did the Israelites conquer Jericho? **Biblical Archaeology Review**, v. 16, 1990, p. 44-59.

WOOD, B. **The sociology of pottery in Ancient Palestine**: the ceramic industry and the diffusion of ceramic style in the Bronze and Iron Ages. Sheffield: JSOT Press Sheffield, 1990.

WOUDSTRA, M. **Josué**: Comentários do Antigo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 57-67, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-4
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

TEOLOGIA em revista

ISSN 2764-7528

JOHN WESLEY COMO EXEMPLO DE LIDERANÇA PARA OS PASTORES ADVENTISTAS DO SÉCULO 21

ERICO TADEU XAVIER[1]
LEONARDO FERREIRA DE JESUS[2]

Resumo: A vida e a filosofia de John Wesley são apresentadas neste estudo com o objetivo de demonstrar que as características observadas em seu ministério podem inspirar o ministério pastoral contemporâneo. A pesquisa bibliográfica realizada em torno da vida de Wesley possibilita conhecer um dos grandes evangelistas e reformadores da igreja cristã. Conforme os autores que tratam do tema, ele foi uma figura singular que atraía as pessoas a Cristo e influenciava de forma positiva mentalidades e comportamentos, apresentando a graça perdoadora e redentora de Cristo conforme aparece no evangelho. A influência e o método de trabalho de Wesley é um exemplo a ser seguido pelos pastores que querem exercer um ministério eficaz e comprometido, tendo em vista que sua liderança atrai seguidores e influencia de forma positiva mentalidades e comportamentos. Considera-se que a vida e o ministério de John Wesley é um exemplo que deve ser adotado como modelo de liderança pelos pastores adventistas atuais para alcançar a eficiência na pregação do evangelho.

Palavras-chave: Liderança. Ministério. Pastores. Inspiração.

[1] Doutor em Teologia e docente emérito do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia – Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba, PR. E-mail: etxacademico@gmail.com.
[2] Bacharel em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-americano de Teologia – Instituto Adventista Paranaense e atualmente atua na área educacional na Associação Oeste Paranaense da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

JOHN WESLEY AS AN EXAMPLE OF LEADERSHIP FOR SEVENTH-DAY ADVENTIST PASTORS IN 21st CENTURY

Abstract: The life and philosophy of John Wesley are presented in this study with the aim of demonstrating that the characteristics observed in his ministry can inspire contemporary pastoral ministry. The bibliographic research carried out around Wesley's life makes it possible to meet one of the great evangelists and reformers of the Christian church. According to the authors who deal with the subject, Wesley was a unique figure who attracted people to Christ and positively influenced mentalities and behaviors, presenting the pardoning and redeeming grace of Christ as it appears in the gospel. His influence and working method is an example to be followed by pastors who want to exercise an efficient and committed ministry, considering that his leadership attracts followers and positively influences mentalities and behaviors. It is considered that the life and ministry of John Wesley is an example that should be adopted as a model of leadership by current Adventist pastors to achieve efficiency in preaching the gospel.

Keywords: Leadership. Ministry. Shepherds. Inspiration.

1. Introdução

O pastorado atual parece estar enfrentando uma crise de identidade e de filosofia ministerial. Muitas críticas são dirigidas aos pastores pelo fato de muitos deles não serem comprometidos e organizados para o desempenho de suas atividades. Parece existir um clamor por pastores à moda antiga. Diante desse contexto é importante analisar um modelo de liderança cristã que possa contribuir para o exercício de um pastorado eficiente e comprometido.

Nesse sentido, o tema da presente pesquisa trata da vida e do ministério de John Wesley, considerado um grande evangelista e reformador da igreja cristã. Sua vida e ministério servem de inspiração e exemplo para os pastores dos dias atuais, em vista de sua influência e método de liderança adotado para atrair multidões aos pés de Cristo, ensinando o evangelho a partir de seu exemplo e ações comprometidas com o trabalho cristão.

O objetivo desta pesquisa é demonstrar que as características observadas no ministério de Wesley podem inspirar o ministério pastoral contemporâneo. A pesquisa bibliográfica possibilita conhecer um dos maiores reformadores da igreja cristã a partir de estudos realizados por autores que tratam da vida de Wesley e outros que salientam a importância de uma liderança que possa influenciar de forma positiva mentalidades e comportamentos.

O artigo apresenta, portanto, aspectos da vida de John Wesley que contribuíram para que ele se tornasse um líder cristão exemplar, salientando seu modelo de liderança e o legado que transmitiu aos líderes e pastores cristãos e concluindo que seu modelo de liderança pode ser reproduzido entre os pastores adventistas atuais.

2. Vida e Legado de John Wesley

A vida de John Wesley é explanada a seguir de modo que se compreendam os principais aspectos que contribuíram para que ele se tornasse um líder cristão exemplar. Seu modelo de ministério e seu legado aos pastores atuais é destacado para reforçar a importância de se adotar um modelo de liderança eficaz e comprometido com a causa do evangelho de Cristo.

2.1 O Líder Jonh Wesley

John Wesley nasceu em Epworth, um pequeno povoado da Inglaterra, no dia 17 de junho de 1703. Filho de um sacerdote anglicano, foi o décimo quinto filho de uma família de 19 irmãos. Sob a vigilância e tutela de sua mãe, iniciou-se primeiramente nas lides do intelecto.

> No dia em que completou cinco anos, como era comum acontecer com todo filho de Suzana, teve de aprender de cor o alfabeto. Suzana marcava o quinto aniversário de cada filho como dia em que deviam aprender o alfabeto. No dia seguinte, a criança que completava cinco anos e aprendia o alfabeto, começava o estudo da leitura iniciando-o com o primeiro versículo da Bíblia (BOYER, 1986, p. 62).

Segundo Maxwell (2000), quem você é determina o que você vê; consequentemente, o que você vê determina aquilo que você faz. John Wesley teve um exemplo bastante adequado dentro de casa.

2.1.1 Educação

De acordo com Boyer (1986, p. 62), assim foi que John Wesley cresceu, numa atmosfera impregnada de piedade e disciplina. Sua mãe era bastante rigorosa em seus métodos educativos e, bem depressa, John teve que aprender a chorar em silêncio quando era castigado.

Suzana Wesley acreditava que "aquele que poupa a vara, aborrece a seu filho" (Pv 13:24), e não consentia que seus filhos chorassem em voz alta. Nenhum filho jamais ganhou coisa alguma chorando na casa de Suzana Wesley. O amor de seus pais era temperado com essa rigidez disciplinar. A religião familiar, no lar de Wesley, era parte essencial da disciplina. Suzana tinha por prática separar dias especiais para a oração e para a ação de graças.

Segundo Boyer (1986, p. 62), os filhos eram instruídos a dar graças pelo alimento por meio de hinos apropriados. Logo que aprendiam a falar, repetiam a oração do Pai-nosso de manhã e à noite e eram ensinados, também, a acrescentar outros pedidos, conforme o seu desejo.

Suzana Wesley tomara a resolução de dedicar uma hora por semana especialmente a cada um dos filhos. John tinha esse momento com sua mãe na noite de quarta-feira, e Charles Wesley, no sábado. Essa foi uma das experiências que mais impressionaram John, e sua recordação perduraria por toda a vida. Mais tarde, quando se encontrava longe do lar e em meio a lutas de seu labor evangelístico, escrevia à sua mãe rogando-lhe que ainda separasse para ele aquela hora, de maneira que ela pudesse acompanhá-lo com seus rogos e preces. Wesley escreveu à sua mãe:

> Em muitas coisas a senhora tem intercedido por mim e tem prevalecido. Quem sabe se agora também, na intercessão, para que eu renuncie inteiramente ao mundo, terá bom êxito [...]. Sem dúvida será tão eficaz para corrigir o meu coração como era para formar o meu caráter (BOYER, 1986, p. 62).

Durante a infância de John Wesley, por duas vezes, a casa pastoral foi incendiada. Na primeira vez, queimou-se apenas em parte e, na outra (1709), totalmente, destruindo os móveis, livros e manuscritos do pai. Nessa ocasião, a mãe estava enferma e, com dificuldade, conseguiu escapar. Wesley achava-se dormindo no segundo piso.

Quando perceberam isso, o pai tentou, por duas vezes resgatá-lo, mas era impossível: o fogo já havia tomado conta da escada que levava ao andar superior. Impotente diante da extrema situação,

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 68-81, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-5
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

convidou os que haviam chegado ao local a ajoelharem-se e rogaram em favor do menino preso pelo fogo.

Nesse momento, um vizinho avistou o menino pela janela do seu quarto. Um homem subiu sobre os ombros de um segundo e, por sua vez, um terceiro subiu sobre este em tempo suficiente de alcançá-lo e descê-lo, livrando-o do perigo.

Momentos depois de presenciarem, atônitos, a intrepidez com que esses homens enfrentaram a espantosa cena, o teto ruiu para dentro da casa. E à luz das chamas que devoravam os restos da casa, o pai exclamou com o coração radiante: "Cheguem, amigos! Ajoelhemo-nos e agradeçamos a Deus! Ele me restituiu todos os filhos, os meus recursos são suficientes" (BOYER, 1986, p. 60). Parafraseando, poderíamos dizer: "Sou suficientemente rico."

Quinze minutos depois, casa, livros, documentos e mobiliários não existiam mais. E Wesley recordaria, algumas vezes, ao longo da vida, esse terrível acidente. Num de seus retratos mandou gravar, como emblema, uma casa em chamas e a legenda: "Não é este um tição tirado do fogo?" (BOYER, 1986, p. 63).

Antes de completar 11 anos, em 1714, John teve de deixar o lar para ir a Londres, onde frequentou, como aluno interno, até 1719, a escola Charterhouse. A disciplina era muito rígida e a vida de um interno era bastante severa. Além disso, o ambiente de uma escola pública em nada lembrava a atmosfera de devoção e fervor que encontrava no lar.

Sendo de constituição frágil, John corria, de manhã cedo, três vezes ao redor do jardim da escola, para fortalecer as pernas e os pulmões – conselho paterno ao qual obedecia fielmente. Desde então, tomou como regra da sua vida manter o vigor do corpo. Aos 80 anos, apesar de seu físico franzino, costumava andar a pé para pregar.

Sem dúvida, foi uma época singular em sua vida. A respeito desse tempo, ele mesmo deixou-nos a seguinte descrição:

> Eu participava de várias coisas que reconhecia como sendo pecado, embora não fossem escandalosas aos olhos do mundo. Contudo, continuei a ler as Escrituras e a orar de manhã e à noite. Buscava a minha salvação sobre os seguintes pontos: 1) não me considerava tão perverso como o próximo; 2) conservava a inclinação de ser religioso; 3) lia a Bíblia, assistia aos cultos e fazia oração (BOYER, 1986, p. 63-64).

Em 1720, entrou para a Universidade de Oxford, assim como haviam feito seus antepassados, permanecendo ali, com pequenos intervalos, até 1735. Concluiu o curso de Bacharel em Artes em 1724. Foi ordenado diácono em 1725 e presbítero em 1728. Em 1726, foi nomeado tutor (*fellow*) na Universidade de Oxford, função que interrompeu entre 1727 e 1729, para ajudar seu pai na paróquia de Epworth.

Wesley ocupou, por alguns anos, uma cadeira na Universidade de Oxford como professor de Lógica, Filosofia e Grego. Ensley (1960, p. 12) comenta que ele "era tão instruído como os mais instruídos da época. Conhecia bem grego, latim, hebraico, alemão, francês, espanhol e italiano. Era homem muito preparado no seu século".

2.1.2 Caráter

Sobre a importância do caráter, Meyer (1943, p. 228), escreveu: "O caráter é importante porque é ele que define a imagem que apresentamos aos outros." De acordo com Shedd (1980, p. 20), "a confiança tem suas raízes no caráter". E, segundo Price (1980, p. 28), "os ideais são, no mundo, as forças impessoais mais poderosas para a construção do caráter".

De acordo com Lelièvre (1997, p. 341), "o caráter de Wesley só é compreendido junto com sua piedade. Foi um grande reformador, porque era um grande cristão". Ainda segundo Leliévre (1997), Wesley vivia à altura das virtudes que pregava. Era um verdadeiro cristão, um homem que tinha seus propósitos e objetivos muito bem estabelecidos.

> Wesley foi realmente o homem de um só livro e de uma só ideia. Esse livro era a Bíblia, e essa ideia era a salvação do pecador. Consagrou ao serviço dessa ideia todas as faculdades de sua alma e toda a força de sua vida. Com essa finalidade, sacrificou os desejos de seu espírido culto e as inclinações de seu coração amoroso, assim como seu bom nome e a tranquilidade do lar (LELIÉVRE, 1997, p. 343).

John Wesley era um homem trabalhador. Leliévre (1997, p. 344), escreve:

> Em Wesley, a capacidade para o trabalho era uma das qualidades que mais o distinguiram. É muito difícil achar na História Universal outra pessoa que se iguale na laboriosidade. Estima-se que nos cinquenta anos de seu ministério, viajou mais de 600.000 km e pregou 40.000 sermões.

Para Joy (1938, p. 24), "seria difícil compreender seu caráter e sua obra sem algum conhecimento de seu nascimento e preparo infantil em seu lar, e, de modo especial, sua atitude no tocante aos conselhos e ensinos de sua mãe piedosa".

2.1.3 Formação Religiosa

Entre as influências que ajudaram Wesley em sua formação religiosa, destacam-se dois autores: Thomas de Kempis e Willian Law, além de seu contato com os morávios e de uma experiência missionária na colônia da Geórgia, região que atualmente faz parte dos Estados Unidos da América. Esses escritores de caráter profundamente religioso levaram-no a descobrir que a religião é algo do coração, e que a lei de Deus se aplica tanto aos nossos pensamentos como às nossas palavras e ações. Desde então, tomou a religião a sério (ENSLEY,1960).

Os morávios o levaram a buscar uma religião que fosse expressão da fé pessoal em Cristo. A experiência missionária lhe ensinou que, antes de poder evangelizar outros, o evangelista deve ter uma convicção pessoal, profunda e íntima.

Burger (1944) destaca que houve quatro passos na conversão de Wesley: 1) a convicção de que não tinha a verdadeira fé; 2) que tal fé era bíblica; 3) que era verificada na experiência humana; e 4) que ele precisava buscá-la.

Segundo esse autor, custou a Wesley convencer-se de que não tinha fé. Somente depois de buscar no íntimo de sua consciência, de praticar longamente com seus amigos morávios e de participar de reuniões de oração e exortação com eles – especialmente com Peter Bohler e Spangenberg –, Wesley chegou à plenitude de sua experiência religiosa. Foi na inesquecível noite de 24 de maio de 1738, enquanto se realizava uma humilde reunião num salão de uma ruela de Londres, chamada Aldersgate, dirigida, presumivelmente, por um leigo, cujo nome se desconhece, quando fazia a leitura do prefácio de Lutero à Carta de Paulo aos Romanos, que Wesley sentiu o amor de Deus

derramar-lhe no coração. É muito conhecida a descrição que ele mesmo faz dessa experiência. Narra-a em seu diário:

> Lá pelas oito horas e quarenta e cinco minutos, quando estava sendo descrita a mudança que Deus opera no coração pela fé, em Cristo, senti o meu coração aquecer-se maravilhosamente. Senti que eu realmente confiava em Cristo somente para a salvação, e foi-me dada a certeza de que Ele me havia livrado dos meus pecados – sim dos meus, e que me salvou da lei do pecado e da morte. [...] Então, comecei a orar com todas as minhas forças [...] e testifiquei a todos os presentes do que sentia no coração (ENSLEY, 1960, p. 20-21).

Agora sentia-se transformado e com indescritível entusiasmo. Mais tarde, interpretando sua própria vivência religiosa através dos anos, dizia que antes de Aldersgate sua relação com Deus havia sido a de um escravo com seu Senhor, mas, depois dessa época, a de um filho com seu pai. Foi a transferência de uma religião de temor para uma religião de amor, de um relacionamento legalista para um relacionamento de fé. Em decorrência disso, "o seu ministério tornou-se excepcionalmente frutuoso e ele trabalhou ininterruptamente durante 53 anos, com o coração abrasado pelo amor divino" (BOYER, 1986).

2.2 O Teólogo Prático

Por certo não se pode dizer que John Wesley fosse um teólogo como Calvino ou Lutero. Ele foi, antes de tudo, um evangelista que deu lugar proeminente à Bíblia e à aplicação prática da fé. Já em seu primeiro sermão, enfatizava a importância de colocar a fé em prática por meio de obras que revelassem o caráter de Cristo na vida do cristão. Ele afirmou: "Os que só confiam no sangue de Cristo usam de todas as ordenanças que ele estabeleceu, fazem todas as 'boas obras que ele antes havia preparado para que andassem nelas', formam e exteriorizam todo o santo e celestial caráter e ainda a própria mente que havia em Cristo Jesus" (WESLEY, 1954; 1986, sermão 1).

Em sua exposição bíblica, Wesley não seguia nenhuma escola de pensamento específica. Era Cristo que, em realidade, dominava seu pensamento e interpretação. Sua ênfase estava centralizada em Cristo e na salvação que cada ser humano pode receber, pela fé nele. A filosofia e a metafísica não eram assuntos que o atraíam. Ele era de mentalidade lógica, mas prático demais para perder-se em especulações filosóficas (ENSLEY,1960)

Essa inclinação para o aspecto prático o levou a avaliar as doutrinas evangélicas essenciais em sua experiência pessoal. Assim, "a vida tinha mais interesse para ele do que as doutrinas em si. Tinha as suas doutrinas, mas dava mais ênfase ao lado experimental das doutrinas do que ao lado teórico e especulativo" (ENSLEY,1960).

Sendo de índole pragmática, "não se interessava pela teologia dogmática e, por conseguinte, dava mais ênfase às doutrinas de consequências práticas, como o arrependimento, a fé e a santificação" (ENSLEY,1960).

Wesley acreditava em Deus como Criador e conservador do Universo, que o Universo está baseado num plano moral e que existe para fins morais, que o ser humano é um ser moral e livre, que caiu no pecado e precisa de redenção; que Cristo é o redentor da humanidade e que o Espírito Santo regenera e santifica o ser humano.

A síntese da doutrina que sustentava, Wesley a apresentou assim: "As nossas principais doutrinas, que encerram todas as demais são: arrependimento, a fé e a santificação. A primeira é o vestíbulo da religião; a segunda, a porta; a terceira, a própria religião" (ENSLEY, 1960). Esses três aspectos são destacados na sequência.

2.2.1 O Arrependimento

O próprio Wesley menciona que o arrependimento é o vestíbulo da religião. Ele se refere ao arrependimento da seguinte maneira:

> O arrependimento frequentemente significa mudança de mente, mudança do pecado para a santidade; mas falamos agora do arrependimento no sentido inteiramente diverso, isto é, como uma espécie de conhecimento próprio, de conhecermo-nos como pecadores, como culpados e desamparados pecadores, conservando, todavia, a condição de filhos de Deus (WESLEY, 1985, sermão 14).

John Wesley apresentava a mensagem de esperança e salvação da mesma maneira "como João Batista levantou a sua voz no deserto – 'arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus' – e como Jesus, em seguida usou os mesmos temas, no princípio de sua missão" (ENSLEY, 1960, p. 22).

Em outras palavras, o arrependimento é o primeiro ato para se reconhecer como pecador e aceitar a salvação em Cristo Jesus. "Este é o caminho: andai por ele. Primeiro, 'arrependei-vos', isto é, procurai conhecer-vos a vós mesmos. Este é o arrependimento inicial, antecedente à fé; vem a ser convicção ou conhecimento de si mesmo" (WESLEY, 1954; 1986, sermão 7).

2.2.2 A Fé

Para Wesley, o foco da doutrina da salvação está em Cristo, podendo ser recebida somente pela fé nele. Ele declara:

> A fé cristã é, portanto, não só um assentimento a todo o evangelho de Cristo, mas também plena confiança no sangue de Cristo; confiança nos méritos de sua vida, morte e ressurreição; descanso nele como nossa propiciação e nossa vida, – vida divina que foi dada por nós e vive em nós; e, em consequência disto, união com ele, adesão à sua pessoa, coma "nossa sabedoria, justiça, santificação e redenção", ou, numa palavra, – nossa salvação. (WESLEY, 1954; 1986, sermão 1).

Contudo, Wesley alia a fé às obras, visto que, apesar de o ser humano não ser salvo pelas obras, elas são imprescindíveis para revelar o caráter dessa fé.

> Os que só confiam no sangue de Cristo usam de todas as ordenanças que ele estabeleceu, fazem todas as "boas obras que ele antes havia preparado para que andassem nelas", formam e exteriorizam todo o santo e celestial caráter e ainda a própria mente que havia em Cristo Jesus (WESLEY, 1954; 1986, sermão 1).

A sua concepção e exposição da fé é piedosa, singela e sublime, como destaca Ensley (1960), ao afirmar que a fé pregada por Wesley exalta a Cristo e sua presença no cristão.

> A fé é a vista da alma novamente nascida, pela qual o verdadeiro crente enxerga Aquele que é invisível. É o ouvido da alma, pelo qual o pecador ouve a voz do filho de Deus, e vive, o paladar da alma, pelo qual o crente prova a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, a sensibilidade da alma pela qual, em virtude do altíssimo que o envolve na sua sombra, ele sente a presença daquele em que vivemos, nos movemos e existimos, e sente o amor de Deus derramado no seu coração. É a evidência interna do cristianismo (ENSLEY, 1960, p. 23).

Não obstante, Wesley ensinou que essa fé é operada pela graça e, deste modo, é dom de Deus. Deus livremente dá a fé por amor daquele em quem ele sempre aguarda.

2.2.3 A Santificação

> Segundo Arrais (2011), o ministério de um cristão toma a forma de sua própria caminhada. Por isso, o líder precisa viver em santidade. A primeira exigência de um líder cristão é santidade. Ele precisa ser sensível ao pecado que outros possivelmente consideram aceitável. Isaías tornou-se sensível a sua fala impura logo que viu o Senhor exaltado no templo. O tremendo som da repetição de "santo é o Senhor dos Exércitos" pelo serafim, estarreceu-o (SHEDD, 1929, p. 20).

Wesley ensinou que a santificação é o crescimento na vida cristã e pode ser alcançada instantaneamente, mas num grau que permite ainda crescimento. Ademais, o Espírito Santo conduz pelo caminho da santificação e perfeição a toda pessoa que busque sua direção. Ele afirma que a santidade é equiparável à "circuncisão do coração", circuncisão esta que ele considera ser "a disposição habitual de alma que, nas Escrituras Sagradas, se chama santidade, e que diretamente implica em purificação de pecados" e que leva o cristão a buscar as virtudes que há em Cristo Jesus (WESLEY, sermão 1, janeiro de 1733; 1916).

Não obstante, não se encontra a afirmação de que ele mesmo tenha pretendido alcançar perfeição capaz de eximi-lo de toda a vigilância e disciplina pessoal, embora cresse firmemente que a vontade de Deus é poderosa para converter um pecador em um santo completo. Em conexão com isso, a declaração de um bispo metodista considera a natureza desse movimento:

> Não foi uma doutrina, mas uma nova vida que os primeiros metodistas buscaram para si e para os outros. Conseguir que fosse real no coração e na conduta controvérsia deles não era com a igreja ou as autoridades estatais, mas com o pecado e Satanás. Seu único objetivo era o de salvar almas (HYDE, 1988, p. 13)

Como vemos, nada há de realmente novo na teologia de Wesley, senão um destaque de elementos que deveriam estar sempre presentes na consciência cristã. Para Wesley, o arrependimento é o vestíbulo, a fé é a porta, e a santificação (ou o amor perfeito) é a própria religião, e ele pregou inúmeras vezes sobre esses temas.

2.3 O Legado de John Wesley

O grande ato do avivamento na Inglaterra ganhou propulsão com a entrada em cena dos seus protagonistas: John Wesley, Charles Wesley e Gerge Whitefield. Whitefield foi o grande orador; Charles Wesley, a porta; e John Wesley, o organizador (ENSLEY, 1960).

John Wesley possuía extraordinário gênio organizador, que brotava de sua personalidade pragmática e sua maneira de ser metódico. Era empreendedor e bem organizado. Jamais deixou de observar o hábito de dividir as horas do dia entre suas diversas atividades, de tal maneira que sobrasse tempo para meditação, oração e estudo.

> Havia ordem e sistema em todos os seus hábitos e costumes. Durante mais de sessenta anos levantava-se sempre em movimento e ocupado. A sua extrema habilidade de organização é revelada na capacidade de usar aquilo que era conhecido e, ainda assim, conseguir fins

> práticos. Desta maneira a organização que deixou não era uma coisa mecânica, porém um organismo. Tudo o que se encontra na organização das sociedades metodistas tem sua razão de ser (BOYER, 1986, p. 70).

Essas características do líder Wesley deixaram um importante legado a ser considerado pelos líderes cristãos na atualidade, conforme se destaca a seguir.

2.3.1 Influenciando para Salvar

Sociedades religiosas já existiam na Inglaterra, antes do nascimento de Wesley. O principal objetivo delas era cultivar a piedade dos seus membros e levantar fundos para ajudar os presos a pagarem suas dívidas.

> A primeira sociedade metodista foi organizada na Universidade de Oxford, por [Charles] Wesley, em 1729; a segunda em Savanah, Geórgia, em abril de 1738 e a lugares onde Wesley pregava, e, como ele pregava em diversos lugares, as sociedades iam-se multiplicando em toda parte (BOYER, 1986, p. 33).

É por isso que sua obra perdurou; não somente era capaz de atrair para Cristo as multidões, a fim de obterem salvação e consolo, mas também sabia agregá-las em sociedades, classes e grupos, de tal maneira que mantinha constante vigilância e supervisão sobre os membros e, assim, promovia o aprofundamento de seu caráter cristão e a divulgação das doutrinas bíblicas.

Desses grupos se desenvolveu mais uma coisa que contribuiu para desenvolver a espiritualidade dos crentes: a celebração de ágapes, seguindo o costume da igreja apostólica (BOYER, 1986). Outro meio adotado como instrumento para cultivar o espírito de fraternidade foi o culto de vigília, que a princípio era realizado uma vez por mês.

As finanças das sociedades estavam sob os cuidados dos ecônomos. A função de ecônomos desenvolveu-se na sociedade de Londres, diante da necessidade de que alguém auxiliasse John Wesley no trabalho de receber as ofertas e pagar as contas de manutenção, limpeza, entre outras.

Porém, Wesley não incentivava o acúmulo de riquezas, dando ele mesmo o exemplo de uma vida simples, abnegada e voltada a atender aos pobres. Ressalta ele em um de seus sermões:

> Tendo alimento e vestimenta (literalmente coberturas; porque a palavra inclui moradia, assim como roupas), estaremos com isto satisfeitos. Plenamente se segue, o que quer que seja mais do que isto é, no sentido do apóstolo, riquezas; o que quer que esteja acima das evidentes coisas necessárias, ou, quando muito, conveniências, da vida. Quem quer que tenha suficiente alimento para comer, e vestimenta para colocar, com um lugar onde deitar sua cabeça, e tenha alguma coisa mais, é rico (WESLEY, 1954; 1986, sermão 126).

Quando Wesley descobriu que os ministros da Igreja Anglicana não estavam dispostos a acompanhá-lo em sua empresa renovadora do espírito humano e dos costumes sociais, começou a procurar pregadores leigos não ordenados – a princípio, foi reticente em aceitar –, aos quais mantinha em constante movimento, e procurava suplementar-lhes a falta de conhecimentos teológicos pelas leituras abundantes. A esse respeito, sua mãe exerceu sábia e distinta influência, cujo conselho seguira prudentemente.

Quando o número de seus auxiliares aumentou, ele resolveu realizar uma conferência (concílio) onde pudessem juntos discutir os seus problemas e planejar melhor o trabalho. Dessa necessidade surgiram as conferências anuais (BOYER, 1986).

Diante do problema em se constituir uma pessoa jurídica, em cujo nome fossem arroladas as propriedades das sociedades, Tomaz Coke conseguiu que o parlamento decretasse uma lei especial, constituindo uma pessoa jurídica das sociedades metodistas. O resultado foi o que é chamado o "Ato de Declaração", pelo qual foram solidamente lançados os alicerces para a organização da Igreja Wesleyana.

Nos Estados Unidos, o trabalho teve amplitude e alcance tão grandes que tornou-se necessário organizá-lo. "Tomaz Coke [...] foi comissionado por Wesley para organizar a Igreja Metodista na América. O bispo Coke a organizou em 24 de dezembro de 1784, sendo Francisco Asbury eleito primeiro bispo" (BOYER, 1986).

De tantos legados que nos deixou esse arauto da fé, destaca-se o princípio cristalizado em sua própria vida: "Não começar um trabalho, sem poder conservá-lo" (BOYER, 1984, p. 35).

2.3.2 Pregador e Escritor

John Wesley foi realmente uma pessoa da qual podemos dizer ter sido plenamente usado pelo Espírito Santo.

> Seu ministério tornou-se excepcionalmente frutuoso e ele trabalhou ininterruptamente durante 53 anos. [...] Multidões de 5 mil a 20 mil afluíam para ouvir seus sermões [...]. Durante os 53 anos do seu ministério, andou em média, mais de 7 mil quilômetros por ano, para alcançar os pontos de pregação (BOYER, 1986, p. 68-69).

Para ser mais preciso nas referências, é provável que ele tenha viajado mais de 600 mil quilômetros, a maior parte a cavalo, e pregado mais de 40 mil sermões. Mas, mesmo sendo o seu ministério tão profícuo, não deixaram de haver opositores, às vezes tão acirrados, que o colocaram em sérias dificuldades. Eram crentes não comprometidos, que não aceitavam as suas pregações sobre a justificação pela fé e a santificação.

Entretanto, essas oposições não o fizeram calar-se. Sua pregação continuava, e o segredo consistia "no fato de que possuía alguma coisa de outro na sua vida, tinha a voz do profeta e conhecia o coração do homem e sabia pôr o dedo no pecado escondido no coração e não confessado" (BURGERS, 1944, p. 36).

De acordo com Burgers (1944), sua vida não se resumia às atividades de pregação e visitação. Era um leitor ávido, que aproveitava todo o tempo disponível para ler. Leu mais de 1.200 livros, a maior parte enquanto andava a cavalo. E deixou um grande conselho: "Não perca tempo; seja pontual. Faça tudo exatamente em seu tempo próprio."

E foi por viver esse conselho tão bem em sua vida que ele pode exercitar também seu dom literário: "Quando havia oportunidade para combater qualquer mal, pegava na pena, arma poderosa em suas mãos, e usava-a com destreza" (BURGERS, 1944, p. 20).

Wesley escreveu uma gramática hebraica, outra em latim, e ainda outras de francês e inglês. Serviu durante muitos anos como redator de um jornal de 56 páginas. O dicionário completo que compilou da língua inglesa era muito popular e seu comentário sobre o Novo Testamento ainda tem grande circulação. Revisou e publicou uma biblioteca de 50 volumes, reduzindo-a para 30 volumes. O livro que escreveu sobre a filosofia natural teve grande aceitação. Compilou uma obra de volumes sobre a história de Roma. Preparou e publicou três volumes sobre medicina e seis sobre música para cultos. Ele e seu irmão Charles escreveram e publicaram 54 hinários. Diz-se que ao todo escreveu mais de 230 livros (BOYER, 1986).

De acordo com Lopes (2008, p. 37), "nenhuma alegria terrena transcende essa de ser um pregador do santo evangelho de Cristo".

2.3.3 O Adeus do Líder

Vivendo uma vida de tanto trabalho e dedicação, pode-se imaginar que John Wesley pudesse estar com a saúde abalada e sem condições de prosseguir em seu ministério. Entretanto, Boyer (1986, p. 69), comenta que, "com a idade de 70 anos, pregou a um auditório de 30 mil pessoas ao ar livre, e foi ouvido por todos. Aos 86 anos fez uma viagem a Irlanda, na qual, além de pregar seis vezes ao ar livre, pregou 100 vezes em 60 cidades".

Conforme White (2015), os pregadores que não fossem cuidadosos com a alimentação certamente perderiam a saúde. John Wesley era um líder que se preocupava não somete com a sua saúde espiritual, mas também com a saúde física.

Atribuíram-se à sua saúde as seguintes regras:

1. Exercício constante e ar fresco.
2. Nunca ter perdido uma noite de sono.
3. A habilidade de dormir, dia e noite, ao sentir-se cansado.
4. O fato de levantar-se às 5 horas da manhã.
5. Ao costume de sempre orar às 5 horas da manhã.
6. O fato de nunca sentir dor, desânimo ou preocupação durante a vida inteira (BOYER, 1986).

Essas regras estão de acordo com o que White (2007, p. 452) ensina: "Ar puro, luz solar, abstinência, repouso, exercício, regime conveniente, uso de água e confiança no poder divino – eis os verdadeiros remédios. Toda pessoa deve possuir conhecimento dos meios terapêuticos naturais, e da maneira de os aplicar." Segundo Copsey (2000), esse sacrifício vivo que a fé cristã requer é a entrega, sem reservas, a Cristo e à sua vontade.

Aos líderes cristãos, Wesley deixou importantes conselhos, a exemplo deste:

> [...] não é bastante ao ministro do evangelho não se opor à doutrina da negação de si mesmo, nada dizer no tocante a ela. Nem pode ele cumprir seu dever dizendo algo a favor dessa doutrina. Se ele quiser, em verdade, estar limpo do sangue de todos os homens, deve falar dela frequente e largamente; deve inculcar sua necessidade da maneira mais clara e mais forte; deve imprimi-la com toda sua força sobre todas as pessoas, em todos os tempos e em todos os lugares, impondo-a "linha por linha, linha por linha, preceito por preceito, preceito por preceito": assim terá ele uma consciência livre de ofensa; assim salvará sua própria alma e as daqueles que o ouvirem. Finalmente: aplique essa doutrina, cada um de vós, à sua própria alma. Medita sobre esta verdade quando estiveres em secreto: pondera-a em teu coração! Toma cuidado não só de a compreender inteiramente, mas de recordá-la até o fim de tua vida! Pede ao Forte a fortaleza para que possas tão depressa compreendê-la como iniciar sua prática. Não te retardes, mas pratica-a imediatamente, a partir desta mesma hora! Pratica-a universalmente, em cada uma das milhares de ocasiões que se te oferecem em todas as circunstâncias da vida. Pratica-a diariamente, sem intermitências, desde a hora em que primeiro puseres a mão ao arado, e suporta-o até o fim, até que teu espírito volte para Deus! (WESLEY, 1954; 1986, sermão 48).

Sobre o exemplo de John Wesley, White (2007a, p. 256) comenta: "A vida de Wesley foi dedicada à pregação das grandes verdades que recebera – justificação pela fé no sangue expiatório de Cristo e no poder renovador do Espírito Santo a operar no coração, produzindo frutos em uma vida de conformidade com o exemplo de Cristo."

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 68-81, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-5
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

Em um de seus sermões, Wesley declarou sobre o cristianismo: "Por cristianismo, eu quero dizer aquele método de adoração a Deus, que está aqui revelado ao ser humano, por meio de Jesus Cristo" (WESLEY, 1986, sermão 24).

Em 2 de março de 1791, com a idade de quase 88 anos, Wesley completou a sua carreira terrestre. Durante toda a noite anterior, não cessaram em seus lábios o louvor e a adoração, pronunciando estas palavras: "As nuvens destilam a gordura." Sua alma saltou de alegria com antecipação das glórias das cortes e exclamou: "'O melhor de tudo é que Deus está conosco.' Às 10 horas da manhã, enquanto os crentes rodeavam o leito, em oração, ele disse: 'Adeus'" (BOYER, 1986, p. 72).

Era o fim de mais um herói da fé. Completou a carreira, guardou a fé. Certamente a coroa da justiça lhe será reservada pelo justo juiz (2Tm 4:7-8). Renderam-lhe homenagem os crentes e também não crentes. Calcula-se que 10 mil pessoas passaram em desfile diante do ataúde para ver o rosto que ainda retinha um sorriso celestial (BOYER, 1986).

3. Considerações Finais

O verdadeiro líder ensina pelo seu próprio exemplo. As impressões da sua influência ficam marcadas na história. Esse pensamento é apoiado por White (1996, p. 429), quando ela comenta:

> Quando um homem morre, com ele não morre sua influência; ela continua a viver, reproduzindo-se. A influência do homem que era bom, puro e santo, continua a viver depois de sua morte, como o brilho do sol poente lança as suas glórias através dos céus, iluminando os picos das montanhas muito depois de haver o sol mergulhado atrás da colina. Assim refletirão sua luz as obras do que é puro, santo e bom, quando ele não mais viver para falar e agir por si mesmo. Suas obras, suas palavras, seu exemplo, viverão para sempre. "O justo ficará em memória eterna."

Essa poderia perfeitamente ser a descrição da vida e ministério de João Wesley, pois, passados mais de três séculos, ainda se podem ouvir os ecos de sua influência.

A vida de John Wesley deveria servir de modelo e inspiração para os pastores adventistas do século 21. Um líder com uma autêntica vocação ministerial, que a despeito das dificuldades, sempre procurou fazer o melhor por Cristo. Sua vida e liderança são maiores que sua teologia. Certamente dispensaria o título de grande teólogo. Para Wesley, o mais importante era ser reconhecido como um homem de Deus. E ele foi um homem piedoso, que cumpriu fielmente o seu ministério até os últimos momentos de sua vida.

Concluímos este estudo com as palavras de White (2007b, p. 117): "A vida de Wesley apresenta a todo cristão uma lição de inapreciável valor. Oxalá a fé e a humildade, o incansável zelo, o espírito abnegado e a devoção desse servo de Cristo se reflitam nas igrejas de hoje."

Referências

ARRAIS, J. **Procura-se um bom pastor.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

BOYER, O. **Heróis da fé.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1986.

BURGERS, P. E. **João Wesley:** avivador do cristianismo na Inglaterra. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista no Brasil, 1944.

COPSEY, D. **Sucesso espiritual.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

ENSLEY, F. G. **João Wesley, o evangelista.** São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista no Brasil, 1960.

HYDE, A. B. **The story Of Methodism throughout the world.** S.l.: M. W. Hazem, 1988.

JOY, J. **O despertamento religioso de João Wesley.** São Paulo: Imprensa Metodista, 1938.

LELIÈVRE, M. **João Wesley:** sua vida e obra. São Paulo: Vida, 1997.

LOPES, H. D. **De pastor a pastor:** princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus. São Paulo: Hagnos, 2008.

MAXWELL, J. C. **21 indispensáveis qualidade de um líder**. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

MEYER, J. **A formação de um líder:** a essência de um líder segundo o coração de Deus. Belo Horizonte, BH: Ministério Joyce Meyer, 2006.

PRICE, J. M. **A pedagogia de Jesus:** o mestre por excelência. Rio de Janeiro: Juerp, 1980.

SHEDD, R. **O líder que Deus usa:** resgatando a liderança bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2000.

WESLEY, J. Sermão 1 (1738). In: WESLEY, J. **Sermões**. v. I e II. São Paulo: Imprensa Metodista, 1954.

WESLEY, J. Sermão 7. In: WESLEY, J. **Sermões**. v. I e II. São Paulo: Imprensa Metodista, 1954.

WESLEY, J. Sermão 14. In: WESLEY, J. **Sermões**. v. I e II. São Paulo: Imprensa Metodista, 1954.

WESLEY, J. Sermão 24. In: WESLEY, J. **Sermões**. v. I e II. São Paulo: Imprensa Metodista, 1954.

WESLEY, J. Sermão 48. In: WESLEY, J. **Sermões**. v. I e II. São Paulo: Imprensa Metodista, 1954.

WESLEY, J. Sermão 126. In: WESLEY, J. **Sermões**. v. I e II. São Paulo: Imprensa Metodista, 1954.

WESLEY, J. Sermão 1, Santa Maria, Oxford, 1º janeiro de 1733. In: **Wesley e seu século:** um estudo de forças espirituais. v. I. Porto Alegre, RS: Typographia de Carlos Echenique, 1916.

WESLEY, J. **The works of John Wesley**. 3. ed. 14 vol. Peabody, MA: Hendrickson, 1986.

WHITE, E. G. **Testemunho para ministros.** Tatu, SP: Casa Publicadora Brasileira,1996.

WHITE, E. G. **Conselhos sobre o regime alimentar.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007a.

WHITE, E. G. **O grande conflito.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007b.

WHITE, E. G. **Ministério pastoral**: Conselhos aos pastores adventistas. Tatuí, SP Casa Publicadora Brasileira, 2015.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 68-81, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-5
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

TEOLOGIA em revista

ISSN 2764-7528

ENSINO RELIGIOSO PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR

HEBERT DAVI LIESSI[1]

Resumo: *Problema e tema:* Dentro de um contexto de secularização e pós-modernidade, as instituições educacionais adventistas têm procurado se reinventar para fazer com que seus princípios cristãos sejam relevantes aos alunos, além de proporcionar uma positiva mudança de vida ao lado de Deus. Como as Classes de Ensino Religioso (CER) podem ser instrumentos para solucionar tais assuntos? *Objetivos:* (1) avaliar as propostas curriculares das CER do Ensino Superior, seus pontos negativos e positivos; (2) estudar se as CER se fundamentam nos princípios bíblicos, nas crenças adventistas e nas abordagens do discipulado cristão; (3) apresentar sugestões para o avanço e atualizações curriculares e metodológicas. *Métodos:* Foram usados os métodos bibliográficos e documentais. Além disso, o método qualitativo foi usado através da participação de alunos, professores e coordenadores dos cursos universitários. *Resultados:* Primeiramente, foi possível alcançar um consenso entre a proposta acadêmica com a filosofia da educação adventista. Nesse consenso, através da exposição e pesquisa com alunos, professores e coordenadores, foi possível realizar o desenho curricular na área de Ensino Religioso para a Faculdade Adventista da Bahia. Nesse aspecto, outro resultado obtido foi a criação ou remodelação das CER com as crenças adventistas (28 Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia) e uma perspectiva mais prática do discipulado cristão através de atividades de extensão. *Conclusão:* Através de estudos e aplicações curriculares das CER, foi possível verificar um maior engajamento dos alunos nos assuntos espirituais dentro e fora da sala de aula. Além disso, a proposta atualizada para essas classes possibilitou um desenvolvimento da espiritualidade e discipulado entre alunos e professores.

Palavras-chave: Ensino Religioso. Currículo. Metodologias. Discipulado.

RELIGIOUS EDUCATION FOR HIGHER EDUCATION

[1] Doutorando em Religious Education & Discipleship (Andrews University). Professor de Teologia e Ensino Religioso no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia – Faculdade Adventista da Bahia. E-mail: herbert.liessi@adventista.edu.br.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 82-95, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-6
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

Abstract: *Problem and Theme:* Within a context of secularization and postmodernity, Adventist educational institutions have sought to reinvent themselves to make their Christian principles relevant to students and provide a positive change of life with God. How can Religious Education Classes (REC's) be instruments to solve such issues? *Objectives:* (1) to evaluate the curriculum proposals of the Higher Education REC's, their negative and positive points; (2) to study whether REC's are grounded in biblical principles, Adventist beliefs, and approaches to Christian discipleship; (3) to present suggestions for curricular and methodological advancement and updates. *Methods:* Bibliographic and documentary methods were used. In addition, the qualitative method was used through the participation of students, professors, and coordinators of university courses. *Results:* First, it was possible to reach a consensus between the academic proposal and the Adventist education philosophy. In this consensus, through exposure and research with students, teachers, and coordinators, it was possible to carry out the curricular design in the area of Religious Education for Faculdade Adventista da Bahia. In this aspect, another result obtained was the creation or remodeling of REC's with Adventist beliefs (28 Fundamental Beliefs of Seventh-day Adventists) and a more practical perspective of Christian discipleship through outreach activities. *Conclusion:* Through studies and curricular applications of the REC's, it was possible to verify a greater engagement of students in spiritual matters inside and outside the classroom. In addition, the updated proposal for these classes allowed the development of spirituality and discipleship between students and teachers.

Keywords: Religious Education. Curriculum. Methodologies. Discipleship.

1. Introdução

O mundo tem enfrentado situações adversas nas áreas religiosa e espiritual. Embora muitas pessoas não acreditem em religião ou vida espiritual, a maior parte da população mundial tem uma religião e, de alguma forma, suas vidas são moldadas pela religião e pela espiritualidade. No campo educacional no Brasil, não tem sido diferente da realidade mundial. Algumas universidades e faculdades priorizam apenas os elementos acadêmicos e rejeitam questões religiosas até certo ponto. No entanto, ainda existem muitas faculdades e universidades que são denominacionais (confessionais) ou, se não, ainda aceitam ou mantêm aspectos espirituais e religiosos em seus ambientes acadêmicos (JOHNSON, 2004; ABOLARIN, 2013; SAINT-PHARD; GUSTAVO, 2018).

Nesse contexto, a Faculdade Adventista da Bahia (Fadba) faz parte da rede educacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que se propõe a ter filosofia e práticas acadêmicas fundamentadas em assuntos cristãos e espirituais. Como uma instituição educacional adventista denominacional, os alunos são motivados a participar de projetos de desenvolvimento espiritual, serviço comunitário, testemunho da fé e um relacionamento saudável com Deus. Assim, os alunos participam semanalmente dessas atividades, não apenas por meio de projetos de capelania ou igreja, mas também por meio das aulas de Ensino Religioso oferecidas pela faculdade.

Este artigo é resultado de um projeto institucional que busca influenciar a vida dos alunos através das aulas de Ensino Religioso, focalizando numa reformulação curricular do Ensino Superior. Com a filosofia institucional de oferecer conteúdos bíblicos e espirituais aos alunos por meio de aulas, esse projeto buscou avaliar a eficácia do currículo antigo (até 2021) das aulas de Ensino Religioso, verificando seus pontos fortes e fracos e propondo um relatório, atualização e melhorias. Desta forma, acredita-se que esse projeto foi uma ferramenta vital para a melhoria do currículo e, consequentemente, de todos os processos de aulas e influência espiritual e missionária do corpo docente junto aos alunos.

2. Descrição do Projeto

Como já brevemente explicado na introdução, há uma situação urgente de atualização curricular em geral, especialmente na área de aulas de Ensino Religioso. Esta sessão apresentará a descrição desse projeto, sua localização, objetivos, público-alvo, tempo estimado de implementação e resultados desejados.

A área que esse projeto segue é o "Currículo de Ensino Superior". Tal projeto tem as seguintes descrições das ações a serem realizadas:

1. Estudar e avaliar a eficácia do atual programa de Ensino Religioso da Fadba.

2. Identificar aspectos fortes e fracos nesse currículo vigente (até 2021).

4. Apresentar um relatório e sugestões práticas para melhorar o Currículo do Ensino Religioso na Fadba.

2.1. Público-Alvo

O público-alvo desse projeto são os estudantes universitários da Fadba. Mesmo não sendo um projeto que prioriza as metodologias de ensino e avaliação das aulas, ele servirá como adaptação, criação e implementação curricular de todo o processo que os alunos terão ao longo do curso universitário.

Os alunos compõem os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Direito, Pedagogia, Odontologia, Nutrição, Enfermagem, Gastronomia, Fisioterapia e Gestão em Tecnologia da Informação. Todos os alunos desses cursos devem cursar uma matéria religiosa (Ensino Religioso) por semestre. Há uma média de 2.500 alunos distribuídos nesses cursos.

Assim, dada a demanda da diversidade de alunos e cursos universitários, esse projeto de adaptação e implementação curricular para as aulas de Ensino Religioso é vital pelos seguintes motivos:

1. Constrói o currículo e os objetivos de todas as aulas de Ensino Religioso na visão da Igreja Adventista do Sétimo Dia;

2. Organiza um modelo padrão para toda a faculdade;

3. Facilita a distribuição das horas/aulas dos professores;

4. Promove o aprofundamento dos professores em aulas específicas;

5. Favorece os alunos: nesse padrão geral unificado do corpo docente, se eles perderem uma aula ou mudarem de curso, poderão aproveitar a matéria.

Com relação às necessidades desse público-alvo, percebe-se que, como universitários, uma boa parte deles precisa do sustento da vida e do dinheiro para pagar as mensalidades do curso. Necessitam trabalhar com colportagem nas férias, entre muitos outros trabalhos durante o semestre letivo. Nesse sentido, nota-se que um currículo pensado para ensinar e formar alunos dentro e fora da sala de aula pode beneficiá-los. Se for um currículo muito "pesado", com conteúdo denso e longas listas de leituras ou exercícios, os alunos acabam sofrendo, porque muitos têm que trabalhar para o seu sustento e deixam de lado a dedicação nos estudos, inclusive nessas matérias. Desta forma, o equilíbrio curricular pode ser favorável ao tempo de trabalho e às horas (justas) de estudo (SCARPATO; CARLINI, 2004; WIGGINS; MCTIGHE, 2011).

Essas necessidades, entre outras, devem ser analisadas na hora de organizar um currículo (THAYER, 2018) e até na dinâmica do professor em sala de aula. Por esse motivo, esse projeto atende a tais necessidades fundamentais que os alunos têm e oferece uma proposta de equilíbrio acadêmico,

emocional, social, físico e espiritual, como acredita na visão holística do ser humano (WHITE, 2002; ESTEP; KIM, 2010; KNIGHT, 2016). Por exemplo, criar uma classe que ajude a desenvolver elementos familiares e relacionamentos interpessoais baseados em princípios bíblico-cristãos. Outras formas de favorecer todos os alunos de maneira mais completa são aulas voltadas para a vida espiritual, para a formação de disciplinas espirituais para todos e classes que mostrem como obter uma melhor saúde (ESTEP; ANTHONY; ALLISON, 2008).

2.2. Resultado Desejado

Os resultados que esse projeto pretende alcançar são variados e interligados em diferentes áreas. Primeiramente, é fundamental avaliar a proposta geral de Ensino Religioso da Fadba. Em algumas instituições religiosas, o programa dessas aulas não teve mais suporte administrativo e acadêmico; ou, por outro lado, mesmo com o devido suporte, não tem sido mais relevante para os alunos (HARTLEY, 2004, p. 111-129). Por esse motivo, o projeto pretende analisar se a situação atual do currículo tem sido efetiva na realidade da instituição e dos alunos. Quais são os pontos positivos e negativos? Onde pode ser melhorado? O que precisa ser removido ou adicionado?

Em segundo lugar, o projeto visa alcançar um plano curricular baseado na filosofia bíblico-cristã da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Desta forma, os conteúdos a serem ensinados estarão de acordo com a visão bíblica (UNGLAUB, 2005; KNIGHT, 2006; STANDISH; STANDISH, 2007; SUÁREZ, 2015). E não apenas os conteúdos, mas as referências de leitura, bem como as metodologias de ensino e avaliação. Todo o sistema do processo ensino-aprendizagem será conectado e baseado na proposta da igreja (GROSS; GROSS, 2012; SUÁREZ, 2012).

Portanto, como terceiro resultado desejado, esse projeto propõe uma organização das aulas em um processo do simples ao avançado, mesclando aspectos acadêmico-cognitivos com a prática individual e coletiva. O fluxo de aulas é essencial para o crescimento favorável esperado. Além disso, com essa organização, outros resultados positivos surgirão, conforme esperado. Os professores poderão se concentrar mais em um único conteúdo, aprimorando suas habilidades de ensino e estudo com orientação institucional (UNGLAUB, 2005; VEIGA, 2013; SUÁREZ, 2015). O trabalho dos professores vai render mais porque em vez de lecionar cinco ou sete aulas de disciplinas diferentes, eles poderão oferecer apenas uma ou duas matérias.

Como quarto resultado a ser alcançado, esse projeto busca fazer uma proposta de alteração do currículo geral das aulas de Ensino Religioso e atualizar as especificações de cada uma delas, conforme será descrito nas seções seguintes deste artigo. Primeiramente, ao ouvir a fala dos alunos, suas impressões, preferências, dificuldades e outros assuntos, o currículo será feito tendo eles como público-alvo. Por outro lado, com as informações dos alunos em mãos e com as preferências e visão institucional bíblica dos adventistas, a direção da faculdade e os coordenadores dos cursos proporão os temas das aulas. Desta forma, o currículo das aulas de Ensino Religioso será moldado e atualizado. A Faculdade de Teologia será o responsável por esse processo de estudo e implementação.

2.3. Tempo Estimado

É difícil estabelecer o tempo estimado de uma mudança curricular, pois vários fatores externos e internos acontecem no processo. No entanto, levará pelo menos um ano para que esse projeto seja implementado. O processo de pesquisa qualitativa que envolveu os alunos, coordenadores e a direção já foi realizado em 2021.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 82-95, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-6
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

Em constante diálogo com a direção da Fadba, com a Faculdade de Teologia e com a equipe que compõe o departamento de Ensino Religioso da Faculdade, as mudanças e criações das aulas foram sendo pensadas. O ano de 2022 foi crucial para a implementação desse projeto na Fadba. O novo currículo de todos os cursos universitários da faculdade está passando por mudanças e atualizações. Junto com eles, aproveitamos para aplicar esse projeto nas aulas de Ensino Religioso.

3. Problemas Curriculares e Soluções

São vários os problemas envolvidos na construção de um currículo para as aulas de Ensino Religioso no ambiente universitário. Primeiramente, dentro do guarda-chuva das matrizes curriculares, é desafiador lidar com os interesses de cada curso sobre as aulas de Ensino Religioso, além dos aspectos do governo (Ministério da Educação – MEC). Recorrentemente, há solicitações de que sejam adicionados assuntos específicos de cada curso nessas classes, ou seja, menos assuntos bíblicos e mais assuntos dos cursos. Acredita-se que para que essas aulas sejam relevantes, devem conter conteúdos específicos ou transversais que cada curso exige. No entanto, o ideal é justamente o contrário: o foco das aulas de Ensino Religioso deve ser orientador dentro dos cursos, priorizando os aspectos bíblicos sobre as especificações de cada curso. Em outras palavras, o foco está no ensino do assunto bíblico, tornando-o relevante e acessível para cada área específica de estudo.

Por exemplo, em uma aula de Antropologia Cristã, os alunos são apresentados a cerca de 70% de assuntos gerais de antropologia, como cultura, diversidade, problemas sociais e aspectos filosóficos. No entanto, em média, apenas 30% do conteúdo tinha um foco bíblico sobre o ser humano, algo totalmente desconectado da filosofia de educação da Igreja Adventista. Se uma aula tem como foco apresentar o ensino bíblico sobre um assunto, e apenas um terço dela é dedicado a isso, há uma nota incoerente nessa proposta. Esse projeto concorda que as aulas de Ensino Religioso precisam dialogar com a ciência, os dilemas atuais e as exigências do MEC; no entanto, esses assuntos devem estar sob o olhar bíblico, dentro da cosmovisão do grande conflito, como acredita a Igreja Adventista (WHITE, 2002; KNIGHT, 2016). É possível oferecer 70% de assuntos sobre Antropologia Cristã (bíblica) conectando-a facilmente com os 30% de assuntos diversos sobre o ser humano.

Outro exemplo clássico que ocorre é a proposta de aulas de Ética Cristã. Em geral, quando alguém lê esse título de uma aula, pode imaginar conteúdos sobre ética moral (axiologia em geral) através de princípios bíblicos de conduta. Além disso, em tese, um curso como esse propõe fortalecer os alunos para serem cristãos autênticos e éticos em seu trabalho, família, relacionamentos etc. Porém, o problema é que, pela falta de padronização e acompanhamento, muitos professores foram influenciados pelas necessidades dos cursos em que lecionavam a ensinar mais sobre ética profissional do que a ética proposta na disciplina, a bíblica. Um professor/pastor, por exemplo, formado em Teologia ministraria uma aula sobre Ética Cristã para o curso de Enfermagem sem dificuldade, mas quando "solicitado" a ensinar essa matéria com mais de 50% do conteúdo sobre a Ética Profissional do enfermeiro, fica inviável. Nesse sentido, o professor/pastor nem tem experiência para ensinar um assunto totalmente diferente de sua formação e ainda perderia boa parte do semestre letivo sem ensinar sobre a proposta bíblica (KNIGHT, 2006; SUÁREZ, 2015).

Percebendo tais desafios, esse projeto buscou revisar as matrizes das aulas de Ensino Religioso. Uma equipe qualificada de professores realizou esta revisão de diferentes cursos sob a direção da Faculdade de Teologia. Essa revisão buscou alinhar os assuntos com a filosofia da Bíblia e da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os objetivos, conteúdos e livros de referência serão baseados nas Sagradas Escrituras e livros denominacionais ou cristãos de boa procedência. E sobre os conteúdos gerais e específicos dessas aulas sempre havendo o diálogo entre fé, ciência e profissão.

Um segundo problema que esse projeto procurou resolver é a grande diversidade de classes de Ensino Religioso. Devido à situação anterior, em que cada curso pretende atribuir, de forma independente, os nomes e conteúdos a essas aulas, os docentes atribuídos a tais disciplinas acabam por oferecer uma grande variedade de conteúdos, sem a necessária profundidade. Um exemplo disso é que determinado professor recebeu a tarefa de lecionar em oito turmas diferentes, sendo oito disciplinas diferentes. É um desafio para um professor universitário. A primeira é a falta de profundidade em todas essas diferentes classes (SCARPATO; CARLINI, 2004; YOUNT, 2010; THAYER, 2018). Ele priorizará uma aula mais do que outra por causa de suas habilidades e interesses em um assunto específico.

A proposta desse projeto é que o professor deve oferecer, se possível, até duas classes diferentes, sendo o ideal apenas uma. Isto é, a mesma matéria para sete ou mais turmas de cursos diferentes. Isso pode ser repetitivo para alguns, tendo que repetir sete vezes ou mais o mesmo conteúdo a cada semana; no entanto, essa proposta é uma maneira significativa de aumentar a profundidade, as habilidades e os interesses do professor no conteúdo. Esse projeto pretende tornar os professores responsáveis pela disciplina, como um "chair" (professor titular).

3.1. Pontos Positivos e Sugestões de Melhoria

Perante alguns desafios e as propostas de melhorias apresentadas acima, esta sessão procurou identificar os pontos fortes do atual sistema curricular para as aulas de Ensino Religioso, e propôs algumas atualizações.

Inicialmente, um ponto positivo no objetivo curricular para as aulas de Ensino Religioso é que elas são baseadas nas doutrinas da Igreja Adventista do Sétimo Dia (28 Crenças Fundamentais), o que é algo significativo. Em geral, as mais de 25 diferentes aulas de Ensino Religioso, que costumavam ser dadas para os cursos, abordaram conteúdos ou conexões com alguma doutrina que a Igreja Adventista acredita. Por exemplo: nas aulas de antropologia discute-se sobre a Doutrina do Homem (crenças 6-7); nos cursos de família e sociedade, foram abordados temas da Doutrina da Vida Cristã (crença 23); nas aulas de Cosmovisões, foram abordadas as perspectivas da Doutrina de Deus (crenças 2-5) e da Doutrina da Salvação (crença 8). Essa proposta inicial foi de grande valia para a Fadba, como instituição educacional denominacional. No entanto, não havia uma especificação clara de qual doutrina estava em foco nos programas de aula e currículo. Partia da vontade e subjetividade dos professores, o que, em alguns casos, provocou uma profundidade exagerada ou a falta de seus conteúdos.

Além disso, percebeu-se que essas aulas precisavam ter um olhar mais atualizado sobre como o diálogo dessas doutrinas poderia ser mais relevante para os alunos na contemporaneidade. Assim, em vez de criar aulas de Ensino Religioso inteiramente baseadas nessas doutrinas, ou seja, uma matéria para cada doutrina, tal projeto propôs as doutrinas nas matérias. Não falando exclusivamente de uma durante o semestre, mas de duas, ou três ou até quatro numa única matéria. Além disso, é fundamental para o Ensino Religioso trazer questões atuais da sociedade, interesses dos alunos, suas necessidades e desafios futuros e discuti-los à luz das Sagradas Escrituras e do fundamento teológico das doutrinas (WHITE, 2002; GROSS; GROSS, 2012; SUÁREZ, 2012).

Assim que, na próxima sessão, este artigo apresentará os programas das aulas de Ensino Religioso já desenhados de acordo com as mudanças e atualizações discutidas até agora.

4. Proposta de Currículo

Com esses problemas e situações apresentadas acima, esse projeto propõe uma atualização, organização e aprimoramento do currículo geral e específico das matérias de Ensino Religioso da Fadba. Segue abaixo o fluxo dessas aulas, desde o primeiro semestre até o último.

A organização do encaixe de cada conteúdo com os semestres letivos apropriados foi uma proposta da equipe de Educação Religiosa da Faculdade junto aos docentes e coordenadores dos cursos. Algumas delas se enquadram nos estágios e projetos de extensão que cada curso desenvolve, que podem oferecer mais diálogo entre as questões profissionais (interdisciplinaridade) e espirituais, além de ampliar o círculo de influência espiritual entre os alunos e a comunidade.

A primeira disciplina é Formação Espiritual, cujo foco é impactar a vida dos alunos na visão espiritual assim que chegam à faculdade. Os detalhes estão abaixo, nesta tabela curricular oficial que usamos:

Eixo / Campo de Treinamento		**Componente curricular**	
Curso de Direito		Formação Espiritual	
CRÉDITOS	**HORAS**	**CONTEÚDO DE APRENDIZAGEM (h)**	**TOTAL (h)**
02	40	-	40
Descrição			
Elementos constitutivos da formação espiritual baseada na pessoa de Jesus Cristo, segundo a revelação bíblica.			
Conteúdos da Matéria			
• Doutrina de Deus A Pessoa de Cristo: Histórico e Bíblico Jesus como resposta ao sofrimento humano • Doutrina da Salvação O Plano do Redenção A Experiência da Salvação (Graça, Justificação e Glorificação) Crescimento em Cristo (libertação e santificação) As disciplinas espirituais: oração, meditação, jejum e estudo bíblico • Doutrina da Igreja Aspectos contemporâneos da espiritualidade: vida familiar, estilo de vida e finanças A essência da adoração Perdão e reconciliação • Doutrina da Vida Cristã Relação entre amor e justiça Crescimento em Cristo • Doutrina dos Últimos Eventos Esperança cristã			
Bibliografia Básica			
AGUIAR, A. T. de. **O Deus de toda graça:** a reação divina diante da graça humana. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014. RODOR, A. **O incomparável Jesus Cristo.** Engenheiro Coelho: Unaspress, 2011. WHITE, E. G. **Caminho a Cristo.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.			
Bibliografia Complementar			
LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples.** São Paulo: Martins Fontes, 2008. LIESSI, H. D. **Oásis**: uma vida de intimidade com Deus através da oração. Cachoeira, BA: Edição do Autor, 2020. (Disponível via Kindle). STOTT, J. **Cristianismo básico.** Viçosa, MG: Ultimato, 2007. YANCEY, F. **O Jesus que eu nunca conheci.** São Paulo: Vida, 2002. WHITE, E. G. **O desejado de todas as nações.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.			

A segunda disciplina é Antropologia Cristã (segundo semestre). Os detalhes estão abaixo:

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 82-95, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-6
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

Eixo / Campo de Treinamento		**Componente curricular**	
Curso de Direito		Antropologia Cristã	
CRÉDITOS	**HORAS**	**CONTEÚDO DE APRENDIZAGEM (h)**	**TOTAL (h)**
02	40	-	40
Descrição			
O ser humano e sua integralidade na perspectiva bíblica, antropológica e sociológica.			
Unidades de Aprendizagem			
• Antropologia Geral Identidades e diversidades culturais na sociedade brasileira, etnias e raças Abordagens acerca da existência humana - Antropologia cultural e Arqueologia Visão antropológica na pós-modernidade. • Antropologia bíblica • Doutrina do Homem Concepções acerca do homem Criação e a natureza do ser humano O ser holístico • Doutrina dos Últimos Eventos Recriação e a nova humanidade			
Bibliografia Básica			
CASER, L. **Diferentes culturas:** uma introdução à etnologia. Londrina: Descoberta, 2004. TEPE, V. **Antropologia cristã:** diálogo interdisciplinar. Petrópolis: Vozes, 2003. VELOSO, M. **O homem**: pessoa vivente. Brasília: Alhambra, s.d.			
Bibliografia Complementar			
DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. MARCONI, M. de A.; PRESSOTTO, Z. M. N. **Antropologia:** uma introdução. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007. MELO, L. G. **Antropologia cultural:** iniciação, teoria e temas. Petrópolis: Vozes, 2008. RABELLO, M. do C. **Inteligência espiritual:** a nova dimensão para a inteligência plena. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008 TORRES, M. L. **Tiago**: retratos da natureza humana. Cachoeira: Ceplib, 2008.			

A terceira disciplina é Relações Humanas (terceiro semestre). Os detalhes estão abaixo:

Eixo / Campo de Treinamento		**Componente curricular**	
Curso de Direito		Relacionamentos Humanos	
CRÉDITOS	**HORAS**	**CONTEÚDO DE APRENDIZAGEM (h)**	**TOTAL (h)**
02	40	-	40
Descrição			
A prática relacional de Cristo como modelo das relações humanas.			
Unidades de Aprendizagem			
• Doutrina de Deus Jesus como modelo das relações humanas • Doutrina da Igreja Paradigmas e princípios bíblicos da vida em comunidade • Doutrina da Vida Cristã O amor na perspectiva bíblica Discipulado Relacionamento familiar Conduta cristã - ética • Cooperação e colaboração • Habilidades sociais cristãs • Os grupos e as relações humanas • Formação e interação de equipes, organizações, grupos, etnias e sociedades • Relacionamentos intergeracionais			

DOI: 10.29327/2148040.2.2-6

Bibliografia Básica
PRETTE, Z. D.; PRETTE, A. D. **Habilidades sociais:** o modelo de Jesus. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. MINICUCCI, A. **Relações humanas:** psicologia das relações interpessoais. São Paulo: Atlas, 2001. WHITE. E. G. **Mente, caráter e personalidade.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.
Bibliografia Complementar
MILITÃO, A.; MILITÃO, R. **Jogos, dinâmicas & vivências grupais.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000. MOREIRA, L.; CARVALHO, A. M. A. **Família, subjetividade, vínculos.** São Paulo: Paulinas, 2007. ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa.** São Paulo: Martins Fontes, 1999. STAMATEAS, B. **Gente tóxica:** como lidar com pessoas dificeis. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2012. VENDEN, M. L. **Como Jesus tratava as pessoas.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

A quarta disciplina é Ciência e Fé (quarto semestre). Os detalhes estão abaixo:

Eixo / Campo de Treinamento		**Componente curricular**	
Curso de Direito		Ciência e Fé	
CRÉDITOS	**HORAS**	**CONTEÚDO DE APRENDIZAGEM (h)**	**TOTAL (h)**
02	40	-	40
Descrição			
Relações entre ciência e fé, considerando o paradigma bíblico-cristão.			
Unidades de Aprendizagem			
• Conceitos: ciência, fé, religião • O método científico • Os limites da ciência • História do pensamento evolucionista • As relações entre ciência, fé e religião (Doutrina da igreja) • Doutrina de Deus A influência do cristianismo no surgimento da ciência moderna • Doutrina do homem Os paradigmas de explicação da origem do universo e da vida • Doutrina da Vida Cristã Homens e mulheres de ciência e fé em Deus • A visão adventista sobre ética em pesquisa com seres humanos e biotética (Doutrina da Igreja)			
Bibliografia Básica			
MCGRATH, A. E. **Fundamentos do diálogo entre ciência e religião.** São Paulo: Loyola, 2005. OLIVEIRA, P. A. Ribeiro de. **Religião e educação para a cidadania.** São Paulo: Paulinas, 2011. ROTH, A. A. **Origens: relacionando a ciência com a bíblia.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.			
Bibliografia Complementar			
BARBOUR, I. G. **Quando a ciência encontra a religião:** inimigas, estranhas ou parceiras. São Paulo: Cultrix, 2004. NELSON, P. (Ed.). **Criação e evolução:** 3 pontos de vista. São Paulo: Vida, 2006. PEARCEY, N. R. **A alma da ciência:** fé cristã e filosofia natural. São Paulo: Cultura Cristã, 2005. ROTH, A. A. **A ciência descobre Deus:** evidências convincentes de que o Criador existe. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010. VYHMEISTER, G. E. **Maravilhas da criação:** análises de um projeto inteligente. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.			

A quinta disciplina é Princípios de Vida Saudável (quinto semestre). Os detalhes estão abaixo:

Eixo / Campo de Treinamento		**Componente curricular**	
Curso de Direito		Princípios de Vida Saudável	
CRÉDITOS	**HORAS**	**CONTEÚDO DE APRENDIZAGEM (h)**	**TOTAL (h)**
02	40	-	40
Descrição			

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 82-95, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-6
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

Estudo dos princípios de vida saudável e suas implicações no desenvolvimento da qualidade de vida.
Unidades de Aprendizagem
• Saúde na perspectiva da Organização Mundial de Saúde: atenção e prevenção • Doutrina do Homem A integralidade do ser humano • Doutrina da Vida Cristã Princípios bíblicos de saúde Sentido e propósito da vida Espiritualidade, Religiosidade e Saúde (conceitos) Saúde como adoração a Deus Estilo de vida e sua implicação sobre a saúde Os remédios naturais: água, ar puro, alimentação adequada, exercício físico, luz solar, abstinência/temperança, repouso, alegria/atitude positiva/confiança em Deus • Elaboração e gestão de projetos em saúde e estilo de vida (Doutrina da Igreja - dons e ministérios) • Aspectos conceituais e históricos da relação homem, trabalho e o processo saúde e doença do trabalhador • Plano Mestre de Desenvolvimento da Saúde (PMDS)
Bibliografia Básica
RAMIRES, J. A. F. (Org.). **Viva com mais saúde:** 51 especialistas da USP orientando você a viver mais e melhor. São Paulo: Forte, 2009. SCHNEIDER, E. **A cura e a saúde pela natureza:** como prevenir e tratar doenças. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. WHITE, E. G. **A ciência do bom viver.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
Complementar Bibliografia
FINLEY, M. **Viva com esperança.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014; AUN NETTO, A. **Estilo de vida:** uma arte definitiva. Osasco: Novo Século, 2005. GAZZINELLI, M. F.; REIS, D. C. dos; MARQUES, R. de C. (Orgs.). **Educação em saúde:** teoria, método e imaginação. Belo Horizonte: UFMG, 2006. LARIMORE, W. **Os 10 hábitos das pessoas altamente saudáveis.** São Paulo: Vida, 2004. PAMPLONA, J. **O poder medicinal dos alimentos.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012. WHITE, E G. **Conselhos sobre saúde.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira , 2011.

A sexta disciplina é Missão e Voluntariado (sexto semestre). Os detalhes estão abaixo:

Eixo / Campo de Treinamento		**Componente curricular**	
Curso de Direito		Missão e Voluntariado	
CRÉDITOS	**HORAS**	**CONTEÚDO DE APRENDIZAGEM (h)**	**TOTAL (h)**
02	40	-	40
Descrição			
Voluntariado e serviço comunitário fundamentados no amor ao próximo como práticas de protagonismo social, tendo no serviço a ênfase da genuína espiritualidade, missão, assistência humanitária e trabalho comunitário.			
Unidades de Aprendizagem			
• Doutrina da Igreja Base bíblica da missão e da compaixão pela comunidade Beneficência social Modelos de voluntariado ONGs e Adra. • Assistência Humanitária e Voluntariado • A ONU e suas organizações • Relação entre voluntariado e competência profissional: voluntariado e empregabilidade • Programa Nacional de Voluntariado: "Pátria Voluntária" • Serviço Voluntário e Transculturalidade • Assistência Humanitária / Agências Humanitárias Globais (ONU) Construção de Projetos / Serviço Voluntário Adventista (SVA)			
Bibliografia Básica			

DENNETT, J. A. **Florescendo em outra cultura.** Londrina, Descoberta, 2004. VENDEN, M. **Como Jesus tratava as pessoas.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 2006. WHITE, E. G. **Beneficência social:** instruções para o serviço de qualidade cristã. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.
Bibliografia Complementar
BAUMGARTNER E. W. *et al.* (Orgs.). **Passaporte para a missão.** 2. ed. Brasília: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2011. CAVALCANT A. **Luzeiros:** conheça a surpreendente história das lanchas missionárias adventistas no Brasi. Niterói: Ados, 2010. RAMOS, A. P. **Desafio nas águas.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009. WHITE, E. G. **Serviço cristão.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

A sétima disciplina é Evidências da Bíblia (sétimo semestre). Os detalhes estão abaixo:

Eixo / Campo de Treinamento		**Componente curricular**	
Curso de Direito		Evidências da Bíblia	
CRÉDITOS	**HORAS**	**CONTEÚDO DE APRENDIZAGEM (h)**	**TOTAL (h)**
02	40	-	40
Descrição			
A Bíblia como revelação especial de Deus e sua relevância para a compreensão dos dilemas contemporâneos.			
Unidades de Aprendizagem			
• Doutrina de Deus Revelação, inspiração e iluminação A Bíblia: da origem até hoje A confiabilidade da Bíblia • Doutrina da Salvação Relevância e experiência da leitura da Bíblia • Doutrina da Igreja O dom de profecia A Bíblia e os dilemas contemporâneos • A Bíblia e os livros sagrados de outras religiões • Arqueologia e a historicidade e veracidade bíblica • Princípios hermenêuticos da interpretação bíblica • Doutrina dos Últimos Eventos O papel da Bíblia nos eventos finais			
Bibliografia Básica			
GEISLER, N. L.; NIX, J. R. **Introdução bíblica**: como a Bíblia chegou até nós. São Paulo: Vida, 2006. REIS, E. dos. **Introdução geral à Bíblia**: da revelação até os dias de hoje. 4. ed. rev. e ampl. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2016. SILVA, R. **Escavando a verdade**: a arqueologia e as incríveis histórias da Bíblia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.			
Bibliografia Complementar			
FERREIRA, F. **Contra a idolatria do Estado**: o papel do cristão na política. São Paulo: Vida Nova, 2016. FORTIN, D; MOON, J. (Eds.). **Enciclopédia Ellen G. White**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018. LANG, J. S. **777 curiosidades sobre a Bíblia e seu impacto na história e na cultura.** São Paulo: Vida, 2007 MCCULLEY, C. **Feminilidade radical:** fé feminina em um mundo feminista. São José dos Campos: Fiel, 2017. PIPER, J. **O racismo, a cruz e o cristão:** a nova linguagem em Cristo. São Paulo: Vida Nova, 2012. SPRINGETT, R. M. **O limite do prazer:** o que a Bíblia diz sobre a identidade sexual. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.			

A oitava e última disciplina do currículo que propomos é Liderança Cristã (oitavo semestre). Os detalhes estão abaixo:

Eixo / Campo de Treinamento		**Componente curricular**	
Curso de Direito		Liderança Cristã	
CRÉDITOS	**HORAS**	**CONTEÚDO DE APRENDIZAGEM (h)**	**TOTAL (h)**

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 82-95, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-6
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

02	40	-	40
Descrição			
A prática relacional de Cristo como modelo de serviço ao próximo, visualizando princípios gerais de liderança em seus aspectos teórico-práticos.			
Unidades de Aprendizagem			
• As principais teorias de liderança. • Doutrina da Igreja Filosofia e princípios da liderança cristã Princípios da liderança servidora O líder cristão como mentor • Trabalho em equipe • Os desafios do profissional como líder • Ética cristã e líder • Entendendo e liderando as diferentes gerações • Liderança e voluntariado • Doutrina dos Últimos Eventos O papel da liderança cristã na situação final da humanidade			
Bibliografia Básica			
ALLEN, M. **Salvação e serviço:** o desafio do Ministério Jovem. São Paulo: Silcolor Gráfica e Editora, 2006. BERGAMINI, C. **Liderança:** administração do sentido. São Paulo: Editora Atlas, 2009. OLIVEIRA, J. F.; MARINHO, R. M. **Liderança:** uma questão de competência. São Paulo: Saraiva, 2011.			
Bibliografia Complementar			
COVEY, S. **O 8º hábito.** Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2005. MAXWELL, J. C. **As 21 irrefutáveis leis da liderança:** uma receita comprovadamente para desenvolver o líder que existe em você. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007. TUTSCH, C. **Liderança inspirada.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. WHITE, E. G. **Liderança cristã.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002. WILKES, C. G. **O último degrau da liderança:** descobrindo os segredos da liderança de Jesus. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.			

5. Considerações Finais

Este artigo é resultado de um projeto de reformulação curricular para as classes de Ensino Religioso nos cursos universitários da Fadba. A partir de desafios antigos e atuais, esse projeto ofereceu soluções curriculares de organização, fluidez, conexão com cursos universitários e uma fundamentação bíblico-teológica em harmonia com a filosofia da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

O objetivo do projeto se alcançou a partir dessas atualizações e propostas de melhorias, de modo que elas se tornem mais relevantes para os alunos e para o corpo docente em geral, não apenas durante o processo educacional, mas também no futuro. Desta forma, por meio das aulas de Ensino Religioso, vislumbra-se o futuro dos alunos, trabalhando com excelência, servindo a Deus e à comunidade. Essas classes contribuem para a formação de profissionais que levarão os princípios bíblicos por onde forem, preparando pessoas para a volta de Jesus.

Referências

ABOLARIN, I. O. **The influence of university personnel upon students' spirituality at selected Adventist universities in West Africa**. Tese (Doutorado) - Universidade Andrews, 2013.

ESTEP, J. R.; ANTHONY, M.; ALLISON, G. **A theology for Christian education.** Nashville, TN: B&H Publishing Group, 2008.

ESTEP, J. R.; KIM, J. H. **Christian formation: integrating theology and human development.** Nashville, TN: B&H Publishing Group, 2010.

GROSS, R.; GROSS, J. S. **Filosofia da educação cristã: uma abordagem adventista**: Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

HARTLEY, H. V. III. How college affects students' religious faith and practice. **The college of student affairs journal**, v. 23, nº 2, p. 111-129, 2004.

KNIGHT, G. R. **Philosophy & education:** an introduction in Christian perspective. 4. ed. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2006.

KNIGHT, G. R. **Educating for eternity: a Seventh-day Adventist philosophy of education.** Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2016.

SAINT-PHARD, R. E.; GUSTAVO, G. International undergraduate students coping with challenges at a private faith-based university. *In*: KRISHNA, B (Ed.). **International Student Mobility and Opportunities for Growth in the Global Marketplace**. Hershey, PA: IGI Global, 2018. p. 160-173.

SCARPATO, M.; CARLINI, A. **Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer**: São Paulo: Avercamp, 2004.

STANDISH, C.; STANDISH, R. R. **Uma visão adventista da educação.** Engenheiro Coelho, SP: Gráfica Nogueirense, 2007.

SUÁREZ, A. S. **Redenção, liberdade e serviço:** Ellen G. White e o processo de construção humana. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2012.

THAYER, O. J. **Strategies for transformational learning:** how to teach for discipleship. Berrien Springs, MI: Stone Bridge Teaching Ministries, 2018.

UNGLAUB, E. **A prática da pedagogia adventista em sala de aula: tornando a teoria uma realidade eficaz no ambiente escolar**: Engenheiro Coelho: Paradigma, 2005.

VEIGA, I. P. A. **Técnicas de ensino:** por que não? S.l.: Papirus Editora, 2013.

WHITE, E. G. **Educação.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

WIGGINS, G. P; MCTIGHE, J. **The understanding by design guide to creating high-quality units**. Alexandria, VA: ASCD, 2011.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 82-95, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-6
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

YOUNT, W. **Created to learn:** a Christian teacher's introduction to educational psychology. Nashville, TN: B&H Academic, 2010.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 2, número 2, p. 82-95, 2º semestre de 2022
DOI: 10.29327/2148040.2.2-6
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

TEOLOGIA em revista